REVISTA DA SEMANA


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

N.º 11 ★ 17-3-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **ADEMIR -- o Águia do Vasco**

O DESASTRE DO MEYER -- JOÃO CANDIDO AINDA VIVE!

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

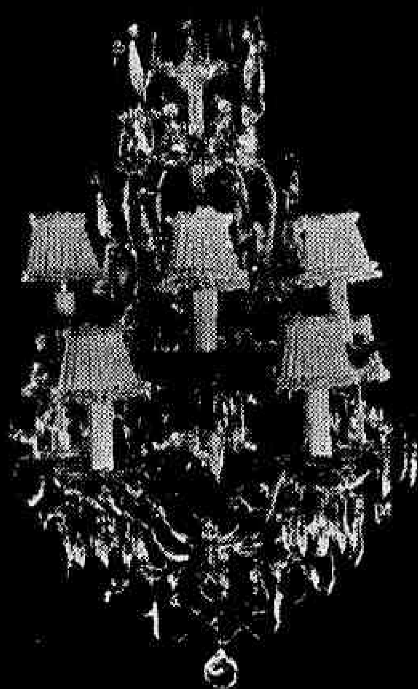
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

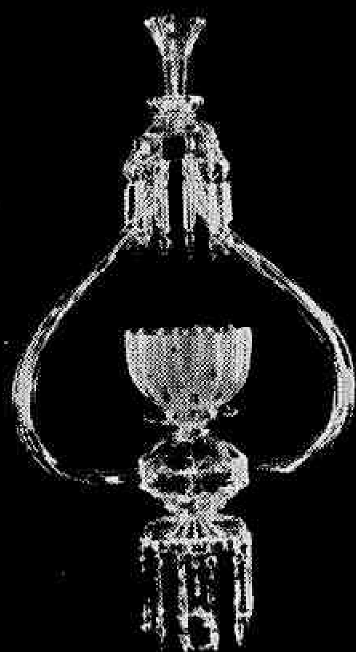
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

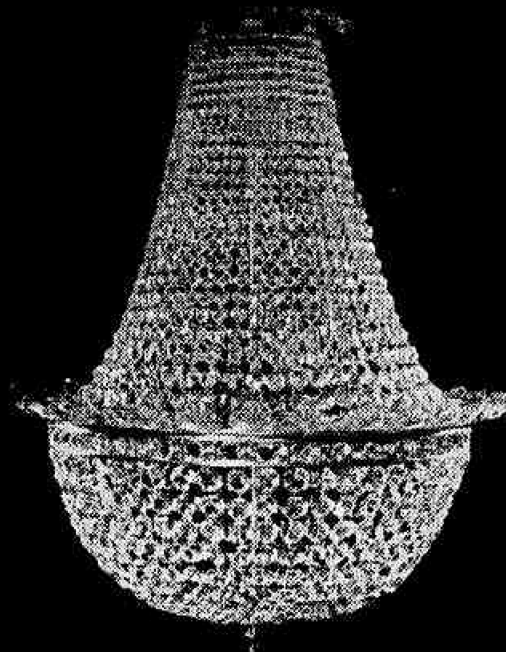
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

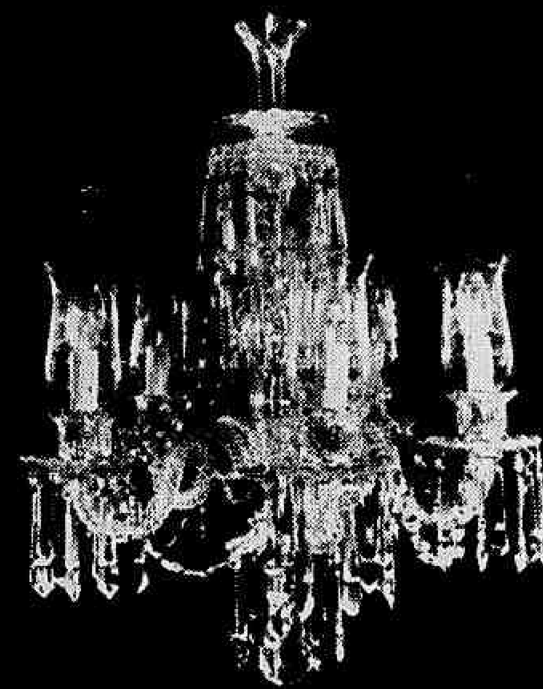
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

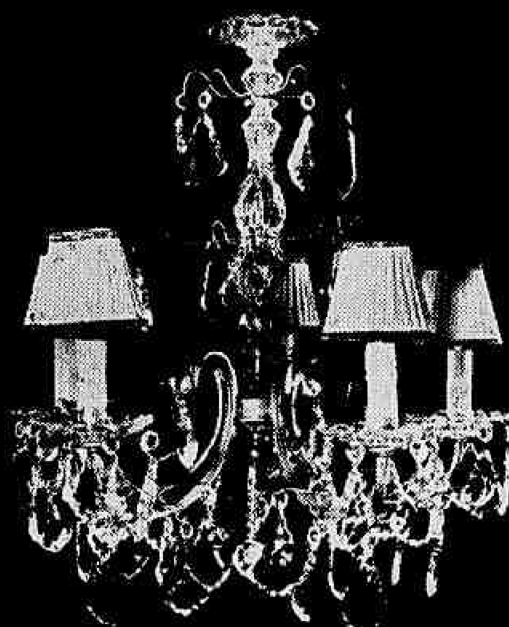

1

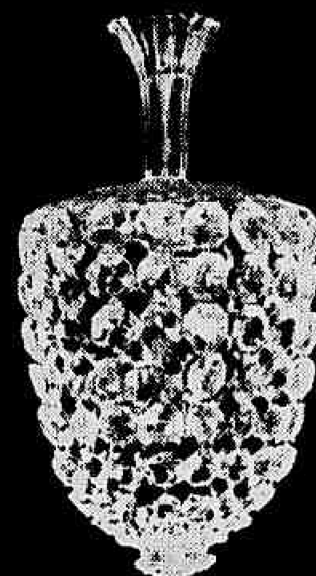

2

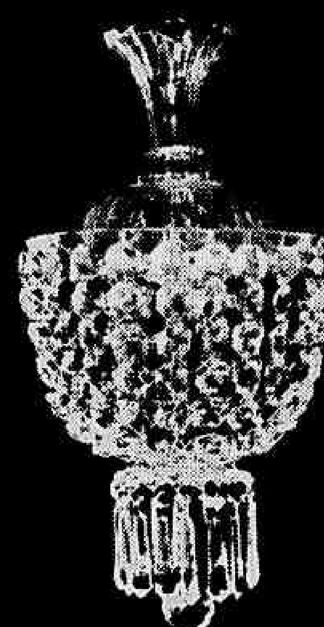

3

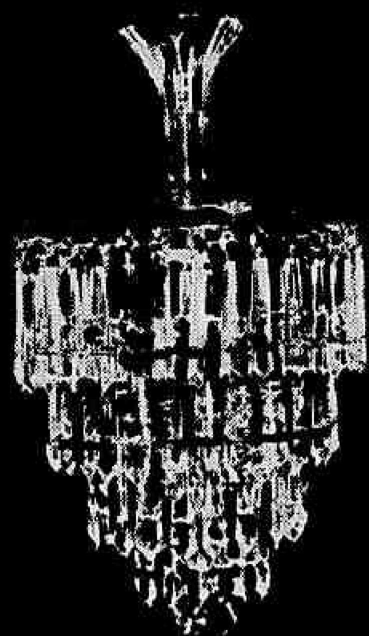

4

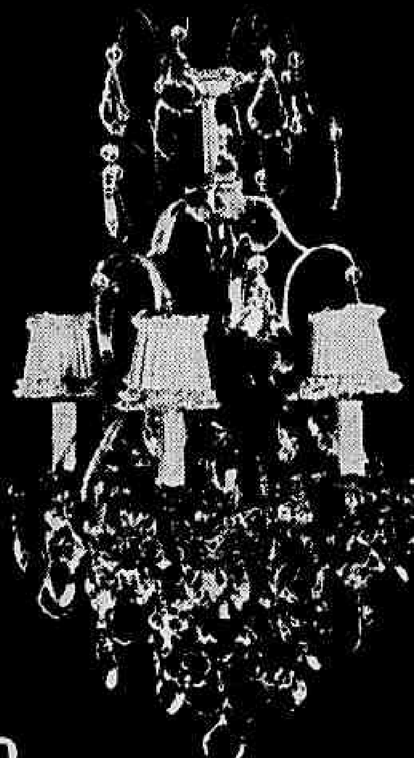

5

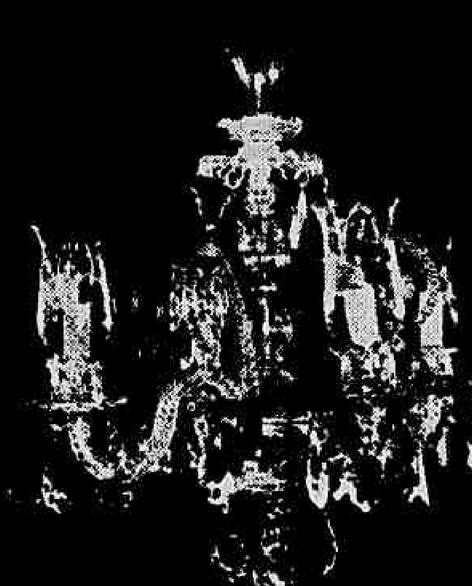

6

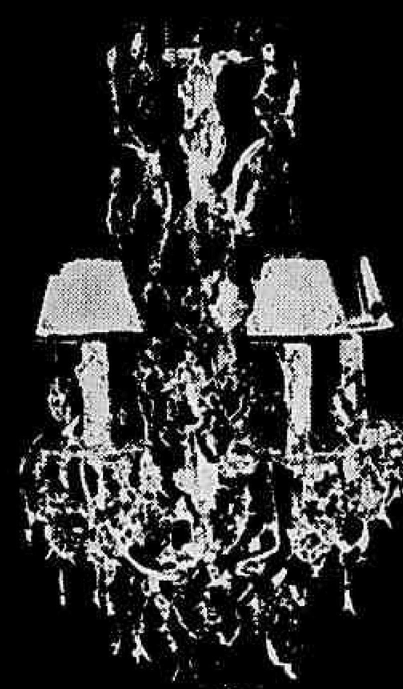

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O terrível desastre do Méier ... 6/9
O marujo que já foi almirante (Vinicius Lima) 12/15
A explosão de um fogareiro 20/23
Ademir — o Águia do Vasco (Abdias Rodrigues) 26/33
Histórico do C. A. Pão de Açúcar (Sabino Canalini) 50/53

LITERATURA

A Glória de Arvers (Edmundo Lys) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 10/11
O tôco do cigarro (Waldemar Iglésias Fernandes) 34
Um sonho profético (A. P. Mesquita) 38

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
Personagem da Semana 4
Puxe pelo cérebro 5
Palavras-cruzadas 24
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 49
Tudo isto aconteceu 55/57

FEMININAS

Cabelos curtos 39
Modelos ligeiros 40
Renda 41
Modelos em prêto 42
"Maillots" de algodão 43
Week-End na Cozinha 44/45

HUMORISMO

Os fantoches (Théo) 16
Ela (Nicodêmus) 25

FOLHETIM

A moça tímida 54

ATUALIDADE

O casal Sérgio Cardoso em São Paulo 58

ILUSTRADORES

Oswaldo da Cunha — Alberto Lima

BONECOS: Rafael

FOTOS

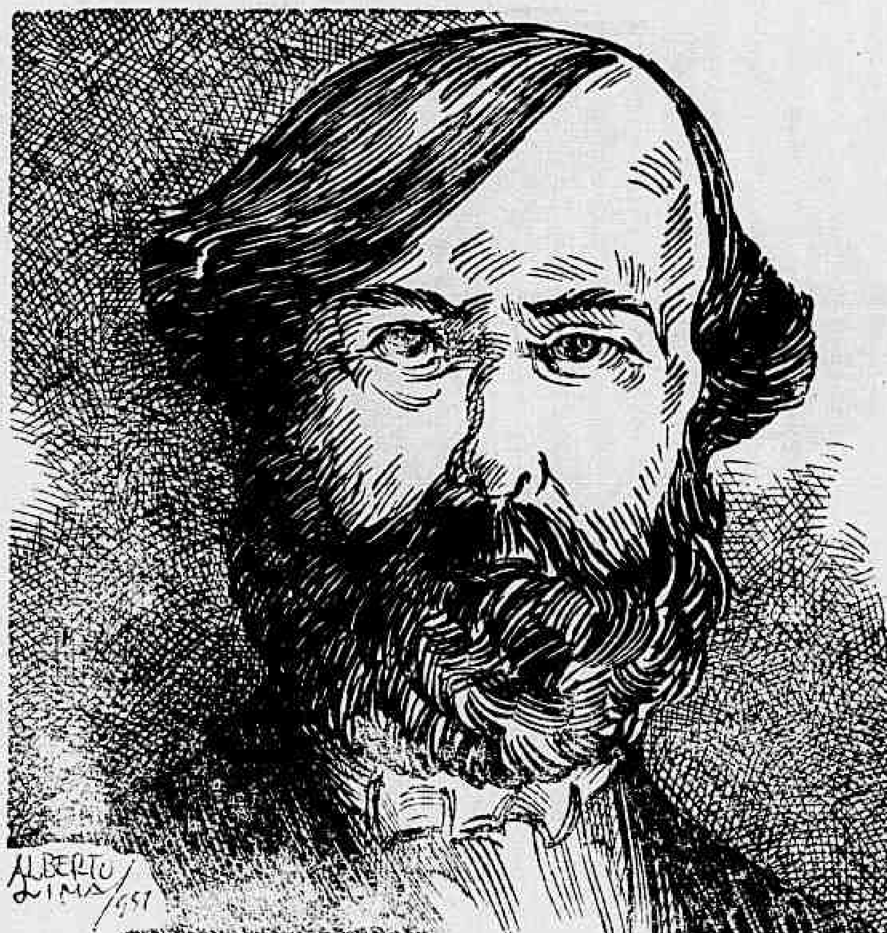
Indaiassu Leite — Venícius Lima — Nodge — José Santos — Walter Morgado — Sabino Canalini — Avulsas.



NA CAPA

Joyce Reynolds
(Foto Universal-International)

A glória de Arvers



O dia 7 de novembro do ano passado foi a data do centenário da morte do poeta Alexis-Felix Arvers, que veio até nós, segundo a expressão pitoresca de Alberto Faria — "equilibrado em catorze alexandrinos, lânguidos e suspirosos".

Êsses catorze alexandrinos constituem o famoso "Sonêto imitado do italiano", universalmente conhecido como "Sonêto d'Arvers" e já foi cognominado pelo azêdo Sainte-Beuve "rei dos sonetos". Por causa dêle, Arvers passou à História como "L'Homme du Sonnet". Têm êsses alexandrinos, além disso, a particularidade de ser, ao que supomos, o único poema integral que figura no Larousse, ocupando ali maior espaço do que a própria biografia do poeta, que cobre três ou quatro linhas da copiosa enciclopédia. Esse sonêto goza ainda o privilégio de ser o poema mais traduzido do mundo, com a circunstância de possuir, em cada língua, como acontece na nossa, inúmeras versões.

E' claro que tudo isso não se origina no fato de ser o sonêto uma obra de arte perfeita. O seu renome vem da notação humana, de seu tom de sinceridade, do fato de exprimir uma situação real e de passar, nas suas rimas, um inconfundível acento de lirismo espontâneo, de vivência, essa vivência que a História se encarregou de provar, falando-nos do amor silencioso de Arvers pela formosa Maria, filha de Charles Nodier, em cujo álbum o sonêto foi originalmente escrito. Das imperfeições do célebre sonêto já nos deu conta o Visconde de Taunnay, em artigo na "Revista Brasileira", citado por Alberto Faria, onde colhemos a referência. Diz Taunnay: "Há repetição abusiva e monótona das mesmas palavras — por exemplo, o auxiliar "avoir", nos seus vários tempos, ou até no mesmo tempo num simples verso. Quão desgracioso e ingênuo o "j'aurai" em tão curta distância um do outro! Do mesmo modo, em relação ao verbo "faire". Quanto ao pronome "elle", reproduz-se nada menos de cinco vêzes, duas das quais no segundo verso do último terceto. As rimas, demais, não são de grande riqueza, apenas aceitáveis: duas, então, positivamente más — "taire" e "terre"; ao passo que a mesma assonância nas segundas e terceiras sílabas, logo após os hemistíquios do primeiro terceto — "l'ait faite" e "distraite", deve causar reparo aos puristas do verso."

Depois de tal citação, impõe-se a reprodução do sonêto, para que o leitor possa verificar a verdade da análise. Ei-lo:

"Mon âme a son secret, ma vie a son mystère:
Un amour éternel en un moment conçu:
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas! j'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtés et pourtant solitaire,
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

Pour elle, quoique Dieu l'ai faite douce et tendre,
Elle ira son chemin, distraite et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas;

A l'austere devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle:
"Quelle est donc cette femme?" et ne comprenda pas!"

Proporcionada aos leitores a crítica do sonêto, segundo o juízo isento de Taunnay, passemos a outro assunto.

Para nós, o que há de mais curioso no fenômeno de Arvers é o fato de ter sido êle quase anônimo poeta no seu tempo, obscuro, romântico que, depois de tentar o drama histórico, teve que optar pelo teatro ligeiro, a fim de ver suas peças representadas — um dos poucos que escaparam, talvez o único que se tenha salvo como simples poeta: se Nodier, considerado o "papa" do romantismo é hoje um nome ignorado, Musset ficou sobretudo por seu teatro e por seus livros de prosa e Hugo pelos seus romances. Todos os demais convivas da célebre Biblioteca do Arsenal são hoje nomes esquecidos que só os especialistas conhecem.

A glória, como se vê, é uma deusa caprichosa. Tanto mais que Arvers, nem quando fêz o seu sonêto, foi um romântico de sua vida. Romântico é o sonêto, o episódio amoroso de que nos dá conta. Como obra literária, representa mesmo uma reação, uma volta aos clássicos. Os românticos não faziam sonetos. O próprio Arvers só fêz dois. Musset, poucos e ruins. Hugo escreveu quatro. Não era, pois, o sonêto uma forma lírica peculiar ao romantismo, muito pelo contrário, pois representava a "Volta ao modêlo antigo", de que era corifeu Joseph Delorme, segundo a receita de Sainte-Beuve:

"Moi, je veux rajeunir le doux sonnet en France..."

Romântico de sua vida, como acima dissemos, também não foi Arvers. Era boêmio, alegre, donjuanesco, dado às aventuras. Vivia nos camarins, amava mais as atrizes do que o teatro. Suas peças sérias, incluídas no único livro que dêle ficou, não tiveram êxito e das ligeiras nada resistiu ao tempo. Contudo, é Arvers, o obscuro notário e autor dramático, que resistiu durante cem anos e outros muitos resistirá, como poeta romântico, romântico-padrão e únicamente poeta, isso com apenas catorze alexandrinos, lânguidos e suspirosos. E' a glória. Glória inesperada, insuspeita e de que êle mesmo se mofou, não podendo prevê-la:

"Je me croyais poète et me voici notaire..."

Notário? Não. Poeta. E mais: poeta imortal.

EDMUNDO LYS

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 11 ★ 17-3-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

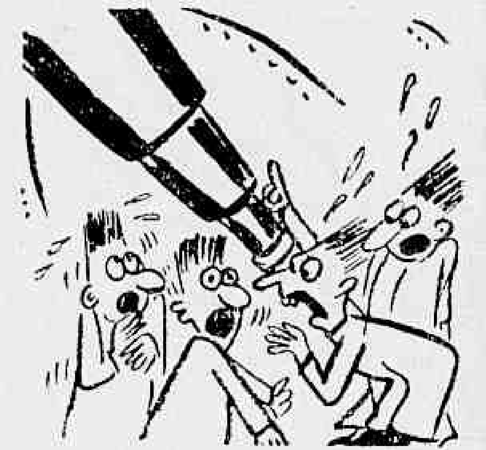
TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

1.º DE MARÇO



Data do falecimento de Rui Barbosa. Nesse dia de luto para tôda a nação, cerrava os olhos aquêle que foi o seu maior vigilante soldado da democracia, o maior de nossos oradores, o mais completo e complexo estudioso da organização civil, das pesquisas filológicas, dos estudos e análises dos problemas brasileiros, desde os tempos do segundo reinado. Rui Barbosa não foi grande apenas depois da segunda Conferência de Haya, quando, sòzinho, sem nenhum apoio de outras nações poderosas, enfrentou a política do império alemão e conseguiu tornar vitoriosa a tese que considerava em igualdade de condições os direitos entre as pequenas e as grandes nações. Rui sustentou debates furiosos, encontrando um clima político na Europa totalmente adverso às pretensões brasileiras, que defendiam as pequenas nações americanas colocando-as em pé de igualdade perante as maiores potências da Europa. Sua dialética, seus conhecimentos do Direito Internacional, da História dos Povos, sua fertilidade de pensamento esmagaram as resistências mais veementes no memorável encontro internacional de Haya, elevando-o às culminâncias de uma das maiores figuras do mundo de então. Ao regressar à sua pátria trazendo os lauréis de tantas vitórias, o Brasil inteiro o consagrou o seu maior filho, o nume tutelar da pátria, a luz de nossas tradições cívicas, a "Águia de Haya". A 1 de março de 1923 exalava o grande brasileiro o seu último suspiro em Petrópolis. Hoje, depois de 27 anos, sua memória é quase nula. A própria "Casa de Rui Barbosa" aqui na rua S. Clemente vive permanentemente vazia...

ESCAPAMOS POR POUCO



Não sabemos se o leitor já entrou no conhecimento de um minúsculo planetóide descoberto nos começos do século XIX, e que tem apenas trinta quilômetros de diâmetro. Trata-se, pois, guardadas as proporções, de uma espécie de bola de futebol para divertimento dos astros e planetas que rolam aí pelo firmamento. Até agora não sabemos se o tal planetinha de 30 mil metros de diâmetro é mesmo chutado pelas pressões atmosféricas de outros corpos celestes de grande envergadura, ou se vive a rolar pelos espaços infinitos por mera brincadeira dos seus venerandos papás. Mas, fiquem sabendo os nossos leitores que a Terra, esta belíssima Terra em que vivemos e onde todos morreremos um dia, estêve a correr sério perigo na última semana. O tal planetóide que tem o bonito nome de "La Thalia", sem consultar-nos, aproximou-se perigosamente da Terra, parecendo aos senhores astrônomos que êle vinha mesmo entrar em "goal". Astrônomos e cientistas da Marinha dos Estados Unidos verificaram que a "nossa pobre e desamparada Terra estêve mesmo na iminência de tornar-se em milhões de fragmentos aí pelos ares com todos os seus habitantes e respectivos trens. O ousado "La Thalia", não sabemos se por mera curiosidade, ou se instigado por algum amigo da onça que devemos ter lá pelos ares sem limites, aproximou-se tanto da Terra que os astrônomos empalideceram de pavor. Felizmente, segundo os seus cálculos matemáticos, a bola de futebol asteroidal ficou mesmo na casa dos 3 milhões de quilômetros de distância... E' bom ficar de ôlho nela e, mesmo que chova, destacar o Barbosa para a porta do "goal"...

MALAS POSTAIS



Vários órgãos da imprensa de Pôrto Alegre têm comentado a excessiva e irritante demora de malas postais entre o Rio e aquela capital, trazendo o caso prejuízos de tôda natureza. Para objetivar o assunto, jornais gaúchos citam uma das recentes viagens do vapor nacional "Cabedelo", do Lóide Brasileiro, o qual levou **apenas** dois meses entre a Guanabara e o pôrto do Guaíba... Êsse navio cargueiro conduzia 1.200 malas postais, correspondência essa que, tendo saído da Capital da República em fins de novembro, sòmente no dia 5 de fevereiro dêste ano foi retirada pelo Departamento dos Correios de Pôrto Alegre! Os Correios, segundo dizem os que estão mais a par de seus regulamentos, não podem expedir malas postais pelos navios cargueiros, uma vez que tais barcos fazem o serviço de cabotagem, levando meses entre portos mais distantes, como sucedeu com o "Cabedelo". Além disso, há outra circunstância que desaprova a remessa de malas pelos navios do tipo dêsse "tartaruga" do Lóide Brasileiro, e é que, estando os nossos portos em excessos de navios, faltando cais de atracação os cargueiros ficam dias e dias ao largo, esperando local para encostar e descarregar ou carregar. Com o "Cabedelo" sucedeu justamente isso: chegou a Pôrto Alegre em janeiro, mas só conseguiu atracar no mês seguinte! Falando com maior precisão: o navio chegou a 20 de janeiro e só encostou ao cais a 4 de fevereiro, começando a descarga no dia seguinte. A imprensa tem verberado êsse defeito dos Correios e esperamos que o fato não se repita.

AGITAÇÃO POLÍTICA NO MARANHÃO



A semana que se foi marcou episódios deveras deploráveis ocorridos na Capital do Maranhão com reproduções em outras cidades do interior daquele Estado nortista. Os telegramas vindos através das Agências noticiosas davam como alarmante e perigosíssima a revolta do povo de S. Luís contra a posse do governador Eugênio de Barros. O povo reunido na praça principal daquela cidade, que é a "João Lisboa", protestou contra a posse do candidato do sr. Vitorino Freire, alastrando-se a onda de rebelião, sendo atacadas residências particulares de juízes, empastelado o "Diário de S. Luís", agitando-se a população numa crescente vaga de revolta contra o que fôrças da polícia e do exército se mostraram impotentes. Houve tiroteio intenso e extenso, registrando-se numerosos feridos e um morto. As autoridades federais e estaduais, em combinação com o comandante da tropa do exército ali, aquartelada, declararam que, a partir das vinte horas ninguém poderia trafegar nas ruas da capital sob pena de ser detido. As medidas de segurança postas em vigor contiveram as manifestações, e o próprio governador empossado está sob permanente vigilância, pois todos temem que sua vida esteja a correr inegável perigo. Nos dias imediatos ao conflito do Maranhão, corria a notícia de que o Govêrno Federal iria intervir, o que foi desmentido, uma vez que o Presidente Vargas declarara que não é caso de tal medida extrema, pois o assunto é da alçada do Superior Tribunal Eleitoral. Tudo gira, pois, em tôrno da legitimidade da diplomação e posse do novo governador, cujos direitos são contestados pela facção contrária.

A PERSONAGEM DA SEMANA

DOIS candidatos disputaram, a 3 de outubro, o govêrno do Maranhão: os srs. Saturnino Belo, apoiado pelas oposições coligadas — PSD, UDN, PR, PL, PSP e PRP, e o sr. Eugênio Barros, candidato do PST. Foram companheiros de chapa para vice-governador, respectivamente: srs. Antenor Abreu e Renato Archer da Silva. A propaganda eleitoral se espalhou por todo o Estado, empolgando a população maranhense. Antes de terminado o pleito e apuradas tôdas as urnas, ocorreu o falecimento de um dos candidatos, o sr. Saturnino Belo. Dias depois, havendo o Tribunal Regional Eleitoral apurado que o sr. Eugênio Barros terminara com a maioria de cêrca de 6 mil votos sôbre o antagonista, proclamou-o eleito governador do Estado do Maranhão. Nenhum dos candidatos a vice-governador, porém, foi diplomado. Começou aí a agitação político-partidária deflagrada pelos elementos dirigentes das oposições coligadas. Alegaram os eleitores do falecido candidato que o Tribunal Regional Eleitoral, para dar ganho de causa ao sr. Eugênio Barros, anulara, contra dispositivos expressos em



Sr. Eugênio Barros

lei, várias seções eleitorais. Fortalecendo essa contestação, as oposições coligadas encaminharam ao Tribunal Superior Eleitoral as contestações em grau de recurso, esperando que a mais alta côrte de justiça eleitoral se pronuncie e anule o ato do TRE maranhense. Em revide, os dirigentes do PST declararam que, mesmo mantendo os votos anulados pelo TRE, ainda assim, continuará com maioria o sr. Eugênio Barros. Vendo-se diplomado, o atual governador do Maranhão teve que tomar posse dentro do prazo legal de 30 dias, sob pena de perder o direito. Ora já a êsse tempo os coligados estavam com os seus recursos no TSE. O povo, porém, não teve paciência para aguardar a decisão superior e o Maranhão está entre as tenazes de uma luta de caráter muito sério, com sua indústria, comércio, transportes pôrto, etc., paralizados ou em colapso, esperando-se que se encontre uma solução conciliatória, dentro das leis e da seriedade de nosso regime democrático. Por tudo isso, a pessoa do sr. Eugênio Barros se tornou o ponto convergente das atenções nacionais.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME SE DÁ A UMA COUSA FEITA ANTES DA LUZ DO DIA:

Antelucano?
Prenilúnio?
Lucilante?

2 — QUE NOME TEM A PALAVRA ESTRANGEIRA MAL PRONUNCIADA:

Barbarismo?
Solecismo?
Barbarolexia?

3 — COMO SE CHAMA A UMA CRIAÇÃO DE COELHOS:

Lebrotécnica?
Cunicultura?
Apicultura?

4 — QUAL DESTAS PALAVRAS E' SINÔNIMO DE CÁRCERE:

Ergástulo?
Sindroma?
Anfibologia?

5 — O NOME ICÓ, CIDADE CEARENSE, PROVEIO DE:

Uma planta?
Um peixe?
Uma ave?

6 — QUE SIGNIFICA INÚBIL:

Que está doente?
Que não tem idade para casar?
Ou que perdeu a razão?

7 — QUE QUER DIZER MALOCA:

Cemitério indígena?
Arma da Idade Média?
Aldeia dos selvagens?

8 — QUAL DÊSTES NOMES DESIGNA A PESSOA DESLEIXADA:

Negligente?
Nefelibata?
Ortoepica?

9 — COMO DEVEMOS PRONUNCIAR:

Omegá?
Oméga?
Ômega? (proparoxítono)

10 — QUE NOME SE DÁ À PAUTA MUSICAL:

Diagrama?
Pentagrama?
Pentágono?

11 — COMO SE DENOMINA A DOENÇA MICROBIANA QUE O PAPAGAIO TRANSMITE AO HOMEM:

Hemistiquio?
Edema?
Psitacose?

12 — QUE QUER DIZER «PRÉDIO VETUSTO»:

Muito velho?
Ainda não pago?
Feito de pedra?

13 — QUAL DESTAS PALAVRAS DESIGNA UM IDIOTA:

Mentecapto?
Mesolítico?
Refêgo?

14 — QUAL DAS SEGUINTES PALAVRAS É SINÔNIMO DE ALEGRE:

Pômulo?
Jucundo?
Espurco?

15 — QUE E' FRICASSÊ:

Um peixe?
Uma dança?
Um prato culinário?

16 — QUE NOME TEM O ANIMAL QUE SÓ SE ALIMENTA DE VEGETAIS:

Fitófago?
Ornitófago?
Claudicante?

17 — DESTAS PALAVRAS, QUAL A QUE SIGNIFICA CUSPIR MUITO:

Eructar?
Arrojar?
Esputar?

18 — QUE QUER DIZER ELATOR:

Réu primário?
Elevador?
Cangaceiro?

19 — QUE NOME TEM A PARTE DA GRAMÁTICA QUE TRATA DA FLEXÃO DAS PALAVRAS:

Campenomia?
Sintaxe?
Ortofonia?

20 — QUE QUER DIZER «BALBO»:

Rouco?
Cego?
Gago?

(Respostas na página 58)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem caracteristicas próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

COMO APRENDER A DANÇAR



4.ª EDIÇÃO AMPLIADA

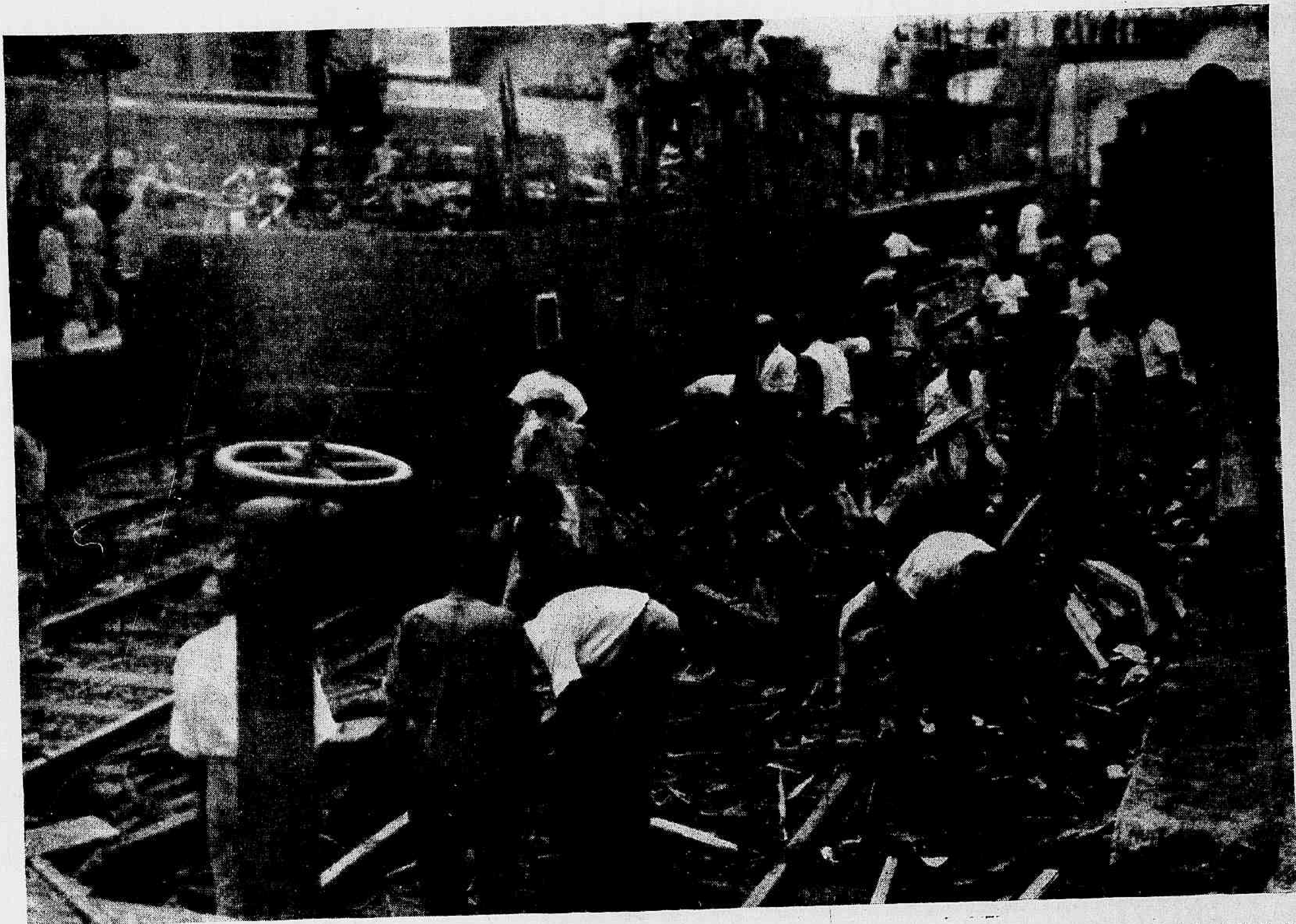
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.





O TREM ELÉTRICO ficou no leito da estrada, junto aos escombros do desastre, enquanto os "wagons" do comboio de Mangaratiba foram projetados, engavetados, sôbre o passeio da rua Arquias Cordeiro, na estação do Méier, impedindo o trânsito.



Nesta gravura pode observar-se as proporções do terrível desastre provocado pela imprudên cia do maquinista do trem elétrico. Até altas horas da noite, centenas de trabalhadores, debaixo de chuva, se entregaram ao exaustivo labor de prestar socorro às vítimas e facilitar o restabelecimento do tráfego, o que só pôde ser conseguido na manhã seguinte. Tudo era destroços e ferragem inútil.

O TERRÍVEL DESASTRE DO MEYER

TRÊS MORTOS E MAIS DE NOVENTA FERIDOS NO CHOQUE DO TREM ELÉTRICO DE NOVA IGUAÇU COM A COMPOSIÇÃO DE MANGARATIBA ★ VAGÕES PROJETADOS NA RUA ARQUIAS CORDEIRO ★ DETALHES EMOCIONANTES ★ ACIDENTADO O LOCUTOR RAUL BRUNINI QUANDO REGRESSAVA DE UMA REPORTAGEM PARA A RÁDIO GLOBO ★ A ORIGEM DO DESASTRE

A notícia espalhou-se pela cidade momentâneamente, em a penúltima noite de fevereiro: Impressionante desastre ferroviário ocorria no Méier, entre duas composições da E.F.C.B., e a população experimentava momentos de ansiedade inenarrável. Repetia-se a forte comoção de uma semana antes, quando se verificara o acidente memorável no bondinho da Urca, mas enquanto nesse não ocorrera, providencialmente, o registro de mortos nem feridos, o da Central assumia, nesse particular, trágicas proporções.

Foram as emissoras que primeiro informaram o fato, deixando impressionados a quantos dêle tomavam conhecimento. E desde logo o povo começava a deslocar-se para o local do sinistro, acompanhando de perto o trabalho exaustivo e heróico dos médicos e bombeiros. Êstes não mediam esforços e tudo faziam para salvar as vidas em perigo. Injeções de morfina e outros medicamentos de emergência eram aplicados. Procurava-se retirar de sob os escombros aquêles que ainda ali se encontravam em difícil situação no interior dos vagões engavetados e tombados à margem das linhas, ou comprimidos entre os escombros, a várias distâncias.

O desastre teve lugar defronte à estação do Méier, provocando a obstrução de tôdas as linhas férreas, porque faltou corrente elétrica, devido ao desabamento parcial dos fios de alta tensão. Nenhuma composição pôde, por muito tempo, movimentar-se.

Pouco depois, também as luzes das ruas nas proximidades da estação, se apagavam, ficando defeituoso o serviço telefônico, por ter sido atingida a rêde da Light pelos vagões de uma das composições que se projetaram no passeio da rua Arquias Cordeiro, depois de derrubar a grade que divide aquela artéria do leito ferroviário.

Foi, realmente, um desastre espetacular, e acreditamos que a documentação fotográfica que estampamos, possa dar ao leitor uma impressão mais ou menos exata nesse sentido. Cenas dramáticas empolgantes se desenrolaram por muitas horas. A violência do choque, a repercussão do acidente, tudo era motivo para comentários desencontrados e opiniões dispares. O Méier, estação de grande movimento, era uma colmeia de gente que voltava para seus lares, depois de um dia de trabalho. Todo seu tráfego regorgitava, com veículos de tôdas as espécies que se misturavam.



O locutor Raul Brunini, que depois de fazer uma reportagem do desastre, foi também acidentado, voltando ao H.P.S., agora como vítima.



Enquanto o trem elétrico ficava no leito ferroviário, os vagões engavetados do comboio de Mangaratiba eram projetados para a rua Arquias Cordeiro, tudo ficava em trévas e o pânico era geral.

Bombeiros, praças da Polícia Militar e guardas municipais entregam-se à tarefa de procurar outras vítimas, entre os escômbros. Gemidos enchiam o espaço e era preciso, quanto antes, socorrer os feridos..



E, de um momento para outro, tudo ficou envolto em trevas. Houve pânico, a princípio. Foi preciso que os mais calmos se pusessem em campo, tomando as providências urgentes que o caso exigia, procurando socorro para atender às vítimas, enquanto no montão de destroços de madeira quebrada e ferros retorcidos, gemiam angustiosamente as vítimas. Centenas de passageiros que providencialmente não haviam sido vitimados, eram acometidos de crises nervosas, principalmente as senhoras e crianças. Gritos desesperados de socorro partiam de todos os cantos, fendiam o espaço. E verificou-se então que três vagões estavam engavetados, formando uma pilha de destroços da altura da cobertura da "gare" da estação, para os lados da rua Arquias Cordeiro. Só por milagre o número de mortos não foi maior, levando em conta que o trânsito, naquela via pública, era ainda muito intenso.

O DESASTRE

O desastre ocorreu por volta das 21,30 horas. De D. Pedro II, chegavam ao Méier os trens da carreira, completamente lotados, trazendo ainda muita gente do expediente do dia. As composições diretas, corriam pela linha quatro, quase vazias, com destino à cidade. Pouco depois, o trem prefixo SI-6, puxado pela máquina à óleo 2.006, da linha de Mangaratiba, estacionava à frente da estação do Méier e não houve quem ligasse importância ao fato, pois freqüentemente as composições interrompem sua marcha naquele trecho devido ao tráfego intenso. Mas a paralisação se prolongava, provocando impaciência entre os passageiros, que começavam a abandonar os últimos vagões para se instalarem nos dianteiros. Isso valeu a vida de grande número de pessoas, de vez que os vagões que se engavetaram foram os três últimos, sendo que um dêles, o último, estava com forte carregamento de peixe.

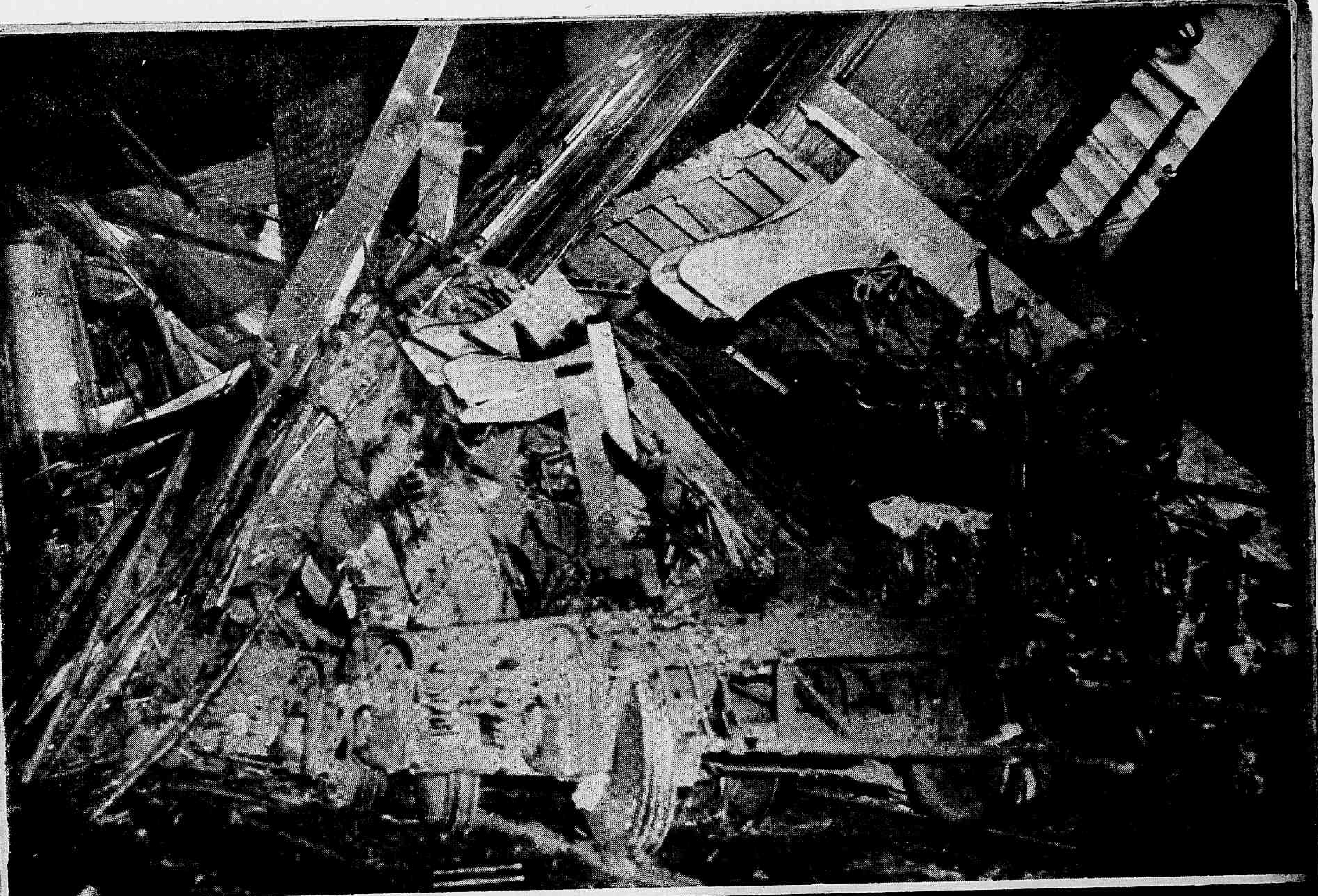
Mas, o SI-6 paralisara sua marcha em conseqüência de se ter desprendido o mangote de engate. O maquinista providenciava sôbre socorros com o agente da estação, quando surgiu em grande velocidade o trem da linha Nova Iguaçu, prefixo UM-85, trafegando pela mesma linha quatro. Seu maquinista, desrespeitando o sinal vermelho, foi chocar-se estrepitosamente com a cauda do comboio de Mangaratiba, momento exato em que êste manobrava em marcha-a-ré para ligar o mangote desprendido. O primeiro vagão do trem elétrico, engavetando-se com o último do SI-6, saltou dos trilhos e derrubou postes de sustentação da rêde aérea. O maquinista do elétrico conseguiu abandonar a cabina de comando quando deparou à sua frente a cauda do trem de Mangaratiba. Só passadas vinte-e-quatro horas êle foi detido pelas autoridades e, na delegacia, confessou que se havia jogado a tempo, salvando-se e deixando a composição desenfreada ir chocar-se com o SI-6. Mais ainda: Confessou que dirigia o elétrico de Mangaratiba, tendo em sua companhia pessoas estranhas ao serviço...

MORTOS E FERIDOS

Nada menos de três pessoas perderam a vida nessa trágica ocorrência, e mais de noventa sofreram sérios ferimentos. Uma das mais impressionantes cenas presenciadas pelo povo que se comprimiu ao longo das calçadas da rua Arquias Cordeiro foi a de um homem que, gravemente ferido, imprensado entre os destroços, fôra arremessado para o alto da pilha do madeirame partido do terceiro vagão. Êsse homem, que pouco depois faleceu no próprio local, acenava para o povo pedindo que o retirassem dos destroços. Mas os bombeiros não conseguiram retirá-lo a tempo e êle expirou.

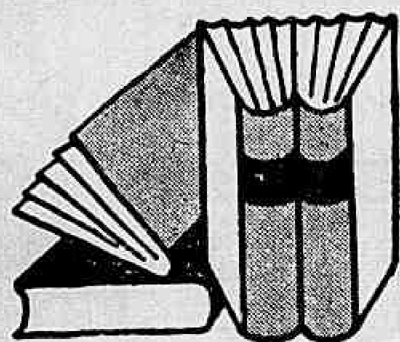
Um detalhe que emocionou não só aos repórteres mas, principalmente, aos médicos e à direção do Pôsto de Assitência do Méier, foi a verdadeira demonstração de solidariedade humana de muita gente do povo. Pessoas especializadas em aplicar injeções, doadores de sangue, motoristas profissionais e amadores, médicos residentes na vizinhança, puseram-se à disposição do diretor do Pôsto do Méier para prestar sua colaboração. Funcionários dos diversos hospitais da Prefeitura que estavam em suas residências, ao tomarem conhecimento da tragédia, imediatamente se apresentaram para ajudar os companheiros. Ambulâncias de todos os hospitais foram mobilizadas por ordem do diretor do Hospital de Pronto Socorro a fim de transportar os feridos.

(Cont. na pág. 48)

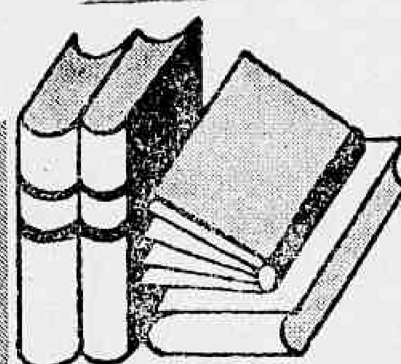




DESTROÇOS EMOCIONANTES DO TRAGICO ACIDENTE EM QUE PERDERAM A VIDA TRÊS PASSAGEIROS, FICANDO FERIDOS CÊRCA DE CEM OUTROS



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

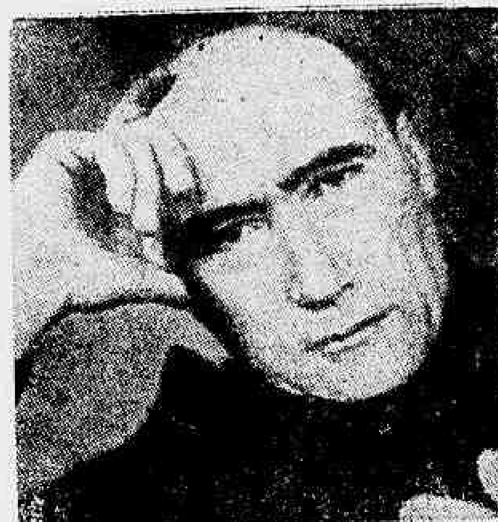


RODRIGUES DE ABREU — Benedito Luiz Rodrigues de Abreu — é um de nossos poetas esquecidos. Realmente, já em 1943, Múcio Leão reclamava, em «Autores e Livros» um pouco de justiça para o lírico de São Paulo, com a edição de suas obras completas.

E' um dever dos moços que em São Paulo estão atualmente animando um vibrante movimento literário moderno, essa edição, pois, como acentuou naquela oportunidade Múcio Leão — Rodrigues de Abreu foi um dos espíritos mais altos, mais gentis, mais puros e mais belos entre quantos têm honrado a civilização e a cultura do Brasil.

Natural de Capivari, onde nasceu a 27 de setembro de 1899, Rodrigues de Abreu, vítima de tuberculose, faleceu em 24 de novembro de 1927, em Baurú, a cidade que o adotou, rendendo-lhe comovidas homenagens, dando seu nome a um Grupo Escolar e à sua mais linda praça. Morto antes de completar trinta anos, o poeta deixou apenas dois livros — «Sala dos Passos Perdidos» e «Casa Destelhada». Tôda a sua obra, além dêsses dois volumes, terá que ser recolhida em revistas e jornais, ou em mãos dos que foram os amigos de Rodrigues de Abreu. E' tempo que se faça tal colheita para que o passar dos anos não disperse definitivamente uma das mais belas e expressivas manifestações de nossa lírica.

André Gide



ANDRÉ GIDE

AS letras enlutadas com a morte ainda recente de Bernard Shaw, voltam a tomar crepe, pelo falecimento de André Gide, ocorrido a 19 de fevereiro. O escritor, que sofria de uma afecção pulmonar, havia deixado, desde algumas horas antes, de falar com as pessoas que o rodeavam, não tendo recobrado o conhecimento ao se extinguir. Sua filha, seu gênro, e os mais intimos amigos, que velavam à sua cabeceira, declararam que André Gide expirou com aparência calma e de grande serenidade. As medidas para as exéquias serão tomadas durante o dia de hoje.

André Gide desaparece aos 81 anos e, a bem dizer, em plena juventude. Ainda há pouco, na Comédia Francesa assistia a todos os ensaios de «Caves du Vatican», corrigindo êle próprio as «marcações» ou mesmo cenas inteiras de sua famosa obra. Gide nasceu em Paris a 2 de novembro de 1869, descendendo pelo lado materno de uma família de industriais protestantes de Ruão e, pelo lado paterno, de magistrados huguenotes de Cévenes. Aos 19 anos dava a público sua primeira obra, «Les Cahiers d'André Waltec», e logo depois as «Poésies de André Waltec». 1893 viajou para a Tunísia, onde permaneceu dois anos e conheceu Oscar Wilde. Ali compôs «Les nourritures terrestres». Voltando à França, casou com uma de suas primas. Em 1902 publicou «L'Imoraliste» de fundo anti-cristão e influência nietzschiana. Visitou depois, longamente, vários paises da Europa Central escrevendo para o «Mercure de France». Seguem-se então, na longa série de trabalhos publicados, «Pretextos», «Le Roi Candaule», «Le Retour de l'Enfant Prodigue», «La Porte Étroite» e «Dostoyewski d'apres sa correspondence». Após a Primeira Grande Guerra, deu a lume o grande escritor «Les Faux Monnayeurs», romance que se tornou famoso, e «Corydon», que provocou indignação pelo propósito de combate aos «preconceitos sexuais de nossa época» e justificou os próprios sentimentos do autor. Nos mesmos moldes compôs «Se le grain ne meurt», «Voyage au Congo» e «Retour du Tchad», vindo a seguir, denotam as preferências ideológicas sociais do autor que, afinal, em 1923, adere ao Partido Comunista, realizando uma viagem à Rússia. Desiludido, porém, ao regressar à França, publicou «Retour d'URSS», abandonou o Partido.

Gide desfrutou de celebridade sempre crescente, mas foi, sem dúvida, depois da Segunda Grande Guerra que seu nome se tornou famoso entre grande público, tendo para isso concorrido o rádio e o cinema. Seu filme «Symphonie Pastorale» conseguiu em Cannes, em 1943, o grande prêmio da França. O grande escritor francês, que foi comparado a Goethe, logrou ainda, já nos últimos anos de sua vida, a mais alta recompensa literária, conquistando o Prêmio Nobel, em competição com Paul Claudel que, pouco antes, em entrevista, declarara: «Gide, do ponto de vista artistico, do ponto de vista intelectual, não é mais nada».

Poema

Reynaldo Bairão

Numa dessas crises,
de um inexplicável tédio,
ainda te matarei.

Perderei todo o domínio
que tenho sôbre o teu corpo
e me multiplicarei
em deuses cansados
de suas inúmeras frustrações.

Um dia dêsses,
em que o crepúsculo
se entornar aos meus pés,
te matarei.

Te matarei,
tão sensacionalmente,
que em ti não deixarei
um sorriso sequer...

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")



Uma das ilustrações do álbum «J. CARLOS» de Herman Lima (Desenho de J. Carlos: «Os Mendigos»)

FORA DO PRELO

PORTA ABERTA — João da Silva Correia — Guimarães & Ca. — Lisboa. Entre os último livros recebidos aqui, graças à gentileza da Livraria H. Antunes, chegou-nos esta edição portuguêsa, remetida pelo autor: «Porta Aberta».

Novela, é como considera o autor êste livro, escrito em forma de diário e que tem como ambiente uma estação de cura de Portugal, Vilar da Serra, clima de montanhas, para tuberculosos. Novela? Será, por certo, uma crônica dramática em que, a par das figuras bem traçadas, dêsses indeléveis perfis que nos dá o autor, encontramos alguns episódios, algumas idéias e conceitos.

O livro é admiràvelmente bem escrito e com um sabor linguistico que supunhamos completamente afastado da moderna literatura portuguêsa. Tem-se, portanto, aqui, além do interêsse fabulístico, êsse banho de linguagem, êsse mergulho no purismo que só é possível, atualmente, quando relemos os clássicos, especialmente pâra isso. Confesso que êste foi um dos maiores prazeres que me deu «Porta Aberta». Com isso, igualmente, o poder paisagístico do autor, sua capacidade de fixar personagens e lugares, costumes e traços característicos do meio. Há tipos, neste livro, que continuam conosco, depois de terminada a leitura e, entre outros, queremos lembrar essa figura do médico do sanatório, por certo uma das mais vivas que êle nos dá. A menina Maria Dorotéia, que se torna a heroina da novela, é também uma personagem viva, pungente. Assim, aquêle barbeiro de vilarejo e muitos outros, pois o livro é povoado de criaturas, cada qual com seu destino e seu drama.

Além das criaturas, há neste livro, de notável, o tratamento da paisagem e dos costumes. A descrição que nos dá daquela procissão local é uma das melhores coisas que tem o volume, onde há tantas, muito boas. E, de tal forma, que ao fim do volume, estamos transportados àquele alto de monte a que os enfermos de tísica vão buscar uma esperança de salvação.

Como não podia deixar de ser, «Porta Aberta» é um livro triste, naturalmente triste. Pessimista, também. Mas, tudo aqui é tão humano e tão sincero que a impressão que nos deixa resulta confortadora. Um grande e sentido livro, êste, onde a fabulação tem êsse cunho de verdade capaz de comover como a própria vida.

*

J. CARLOS — Herman Lima — Serviço de Documentação do M.E.S. — Rio. De há muito Herman Lima prometera-nos êste estudo da obra de J. Carlos, mas o volume só aparece depois da morte do artista, ocorrida no fim do ano passado. Iniciado em vida de J. Carlos, êste álbum pôde enriquecer-se com uma cópia de informações e de desenhos orientada da melhor maneira, o que certamente não ocorreria se realizado depois de sua morte, tantas são as dificuldades que se apresentam, em nosso meio, para qualquer pesquisa em tôrno de nossos grandes homens. Assim, tanto a biografia do artista, como a documentação gráfica de sua obra se apresentam sem falhas, neste volume em grande formato, apresentado em cuidadoso trabalho da Imprensa Nacional.

Nada impede, porém, que reconheçamos aqui o labor admirável de Herman Lima, tanto uma obra como esta tem que resultar, ao mesmo tempo, do maior conhecimento do assunto como do amor, da estima pelo artista e por sua obra, essa estima que conduz à compreensão e que nos faz ver o que existe, para além dos dados imediatos de uma obra artística dêste gênero, obra realizada para a vida efêmera das publicações diárias ou semanais, como é o caso da obra do caricaturista e do ilustrador de jornais e revistas que foi J. Carlos.

Herman Lima nos oferece neste livro um copioso documentário dêsse artista singular, cuja caricatura é um resumo de nossa crônica, neste meio século, sob os seus mais variados aspectos. E o estudo com que enriquece êsse documentário proporciona o encontro com um dos mais belos e harmoniosos espíritos que tivemos.

*

OBRA POÉTICA — Jorge de Lima — Editôra Getúlio Costa — Rio de Janeiro. Organizado pelo sr. Otto Maria Carpeaux, aparece êste volume com tôda a obra poética, até agora publicada por Jorge de Lima. Reunindo os dez livros que nos deu o grande poeta brasileiro, além disso o volume inclui uma introdução crítico-biográfica como seria indispensável, vez que os vários livros de Jorge de Lima marcam sua evolução, através do tempo, principalmente quanto à técnica do verso que vem dos sonetos iniciais aos seus «ritmos inumeráveis» de fase mais recente.

O volume agora aparecido, com a «poesia até agora» de Jorge de Lima, à espécie do que nos deu Carlos Drummond de Andrade, não nos proporciona apenas a obra completa de um dos grandes valores surgidos com o modernismo brasileiro. Representa também um capítulo de nossa história literária, tanto é certo que Jorge de Lima é um dos nossos maiores poetas contemporâneos. Com isso, temos oportunidade de uma visão panorâmica de sua poesia, de sua evolução harmoniosa, e podemos rever seus poemas mais antigos, cujo encontro se tornava difícil, devido a estarem exgotadas as edições primitivas, sobretudo aquêle «O Mundo do Menino Impossível» que se tornara inincontrável raridade.

O volume termina com algumas notas e comentários sôbre as várias fases da poesia de Jorge de Lima, devendo-se salientar a riqueza interpretativa de tais notas, havendo ainda pela primeira vez, aqui, a publicação dos 59 poemas de «Mira-Celi», êsses poemas que nos parecem a parte mais densa e significativa da obra extensa e ponderável do poeta alagoano.

*

ENQUANTO ELA DORME — Ernani Fornari — Gráfica Olímpica Editôra — Rio de Janeiro. A geração modernista que já começou a ingressar na Academia, iniciou também a reedição de seus livros iniciais. Aqui temos, por exemplo, êste volume em que Ernani Fornari reuniu seus dois livros antigos: «Enquanto Ela Dorme» e «Guerra das Fechaduras».

O primeiro é uma novela psicológica, em poucas páginas, de um sorte precisão, de uma acuidade de análise que só tem parelha no estilo nervoso, vibrante com que foi escrita, com que o autor compôs os seus ambientes e as suas figuras, criando uma atmosfera carregada, densa e sombria como a própria noite íntima em que ela se desenvolve. O segundo é um livro de «casos e contos», como o próprio autor o denomina, e em que vemos episódios e figuras do melhor sabor e do mais intenso colorido.

A re-edição dêstes dois livros de prosador de nosso grande teatrólogo vem por certo satisfazer a curiosidade de quantos se interessam pelo seu belo teatro, oferecendo-nos, do mesmo passo, um documento de seu espírito e, com isso, essa visão retrospectiva do analista cujos temas, cuja técnica, já faziam adivinhar o autor de teatro que êle viria a ser. Realmente, aqui encontramos, por assim dizer, tanto na bela novela inicial, como nas páginas mais breves de «Guerra das Fechaduras», como que arcabouços de peças, peças a que faltam apenas — e nem sempre — o diálogo, a contextura específica do drama ou da comédia. E, por todos êsses motivos, sobretudo pelo fato de serem estas obras exgotadas em suas edições primitivas, o livro representa uma realização de primeira ordem, importante tanto do ponto de vista do simples leitor, como do crítico e do historiador que desejem informar-se melhor sôbre um dos grandes nomes do teatro brasileiro atual.

*

REMESSA DE LIVROS:

Redação da REVISTA DA SEMANA, rua Maranguape, 15.

Rua Sá Ferreira, 234, apt. 36 — Copacabana.

HOMENAGEM A ROBERTO ASSUNÇÃO



Roberto Assunção, secretário da Embaixada do Brasil em Paris, está de visita ao Rio. Aproveitando o ensejo, um grupo de intelectuais resolveu prestar-lhe uma homenagem, de certa forma significando o reconhecimento que lhe devemos pelo muito que, no seu pôsto, tem feito pelo conhecimento das letras e das artes do Brasil na Europa. A foto acima fixa um grupo de pessoas que tomaram parte no juntar realizado no Hotel Glória e promovido por colaboradores de «O Globo» e do «Jornal de Letras», tendo ao centro o homenageado.

LETRAS MINEIRAS

DA COSTA SANTOS

A presença de Juscelino Kubitschek no govêrno mineiro é deveras promissora para o nosso panorama artístico. Sua passagem pela prefeitura da Capital é de memória inapagável para os artistas mineiros. O ilustre político tem sido um grande animador de nossas letras e de nossas artes. E, alcançando o palácio da Liberdade, já exprimiu o seu desejo de prestigiar o nosso movimento artístico e literário, que chamará para Minas as atenções do país. Minas não dispõe ainda de uma grande editôra à altura de seu progresso nos setores das letras. Esta deficiência será agora corrigida, pois a boa-vontade do eminente governante deverá dar a Minas, prestigiada pelo Estado, uma editôra que abra possibilidades aos nossos homens de letras. Sem dúvida, esta será uma de suas primeiras cogitações.

Muitos livros de poemas apareceram no final de 1950 e outros surgem com o ano que se inicia. Tivemos "Música Eterna", de Vinicius de Carvalho, e "Ritmos de Emoção e do Pensamento", de Sebastião Noronha, aparecidos pelo Natal. Ambos veteranos, oferecendo, com êsses volumes, novos aspectos de sua poesia. Vinicius de Carvalho nada tem do estreante de 1941. Agora, intelectualmente amadurecido, o poeta traduz em linguagem poética as suas experiências da vida, de modo a consagrá-lo como um dos nossos mais expressivos poetas moços. Sebastião Noronha brinda-nos com um volume evocativo, contando, em belos versos, reminiscências da infância e da terra natal. Para êste ano de 1951 as "Edições Mantiqueira" lançarão o livro de estréia do jovem poeta Edison Moreira, livro êste que promete grande sucesso de livraria. Seu nome já é bastante conhecido dos leitores de suplementos dominicais, tendo reunido, em volume, o melhor de sua bagagem literária.

*

JUIZ DE FORA

A HEITOR GUIMARÃES

Segundo notícias que nos chegam de Juiz de Fora, a próspera cidade mineira do Paraibuna, cogita-se agora de erguer ali, no jardim do Parque Halfeld, um busto ao escritor e jornalista Heitor Guimarães, certa vez cognominado "príncipe da imprensa mineira". Esta é por certo uma dívida dos juizdeforenses ao ilustre homem de letras que passou a maior parte de sua vida naquela cidade e que, como jornalista e professor, tão relevantes serviços prestou à coletividade manhuense. A iniciativa que se deve ao veterano jornalista Jesus de Oliveira teve simpática repercussão em todos os meios, tal o ato de justiça que reflete

O MARUJO QUE JÁ FOI ALMIRANTE

JOÃO CÂNDIDO, MARINHEIRO DE 1.ª CLASSE, O ÚNICO NO MUNDO QUE JÁ COMANDOU UMA ESQUADRA, ESTÁ ÀS PORTAS DA MORTE E NA MISÉRIA ★ UMA HISTÓRIA ESCRITA COM SANGUE E QUE SÓ DEIXOU LÁGRIMAS ★ GRAVES ACUSAÇÕES AO MAL. HERMES DA FONSECA QUE TERIA EXTERMINADO MAIS DE 1000 MARUJOS DA REVOLTA DE 1910

Textos e fotos de VINÍCIUS LIMA



JOÃO CÂNDIDO mostra ao repórter a fotografia de sua primeira espôsa, senhora que foi uma das elegantes de 1910





«OS HOMENS (refere-se à Marinha) não gostam de mim. Mas acontece que muito amo a minha pátria que é a mesma dêles...»

NO ano de 1910, houve no Rio de Janeiro um movimento revolucionário bastante curioso e significativo. Nêle tomaram parte sòmente praças de pré da Marinha do Brasil: sargentos, cabos e marinheiros de tôdas as classes.

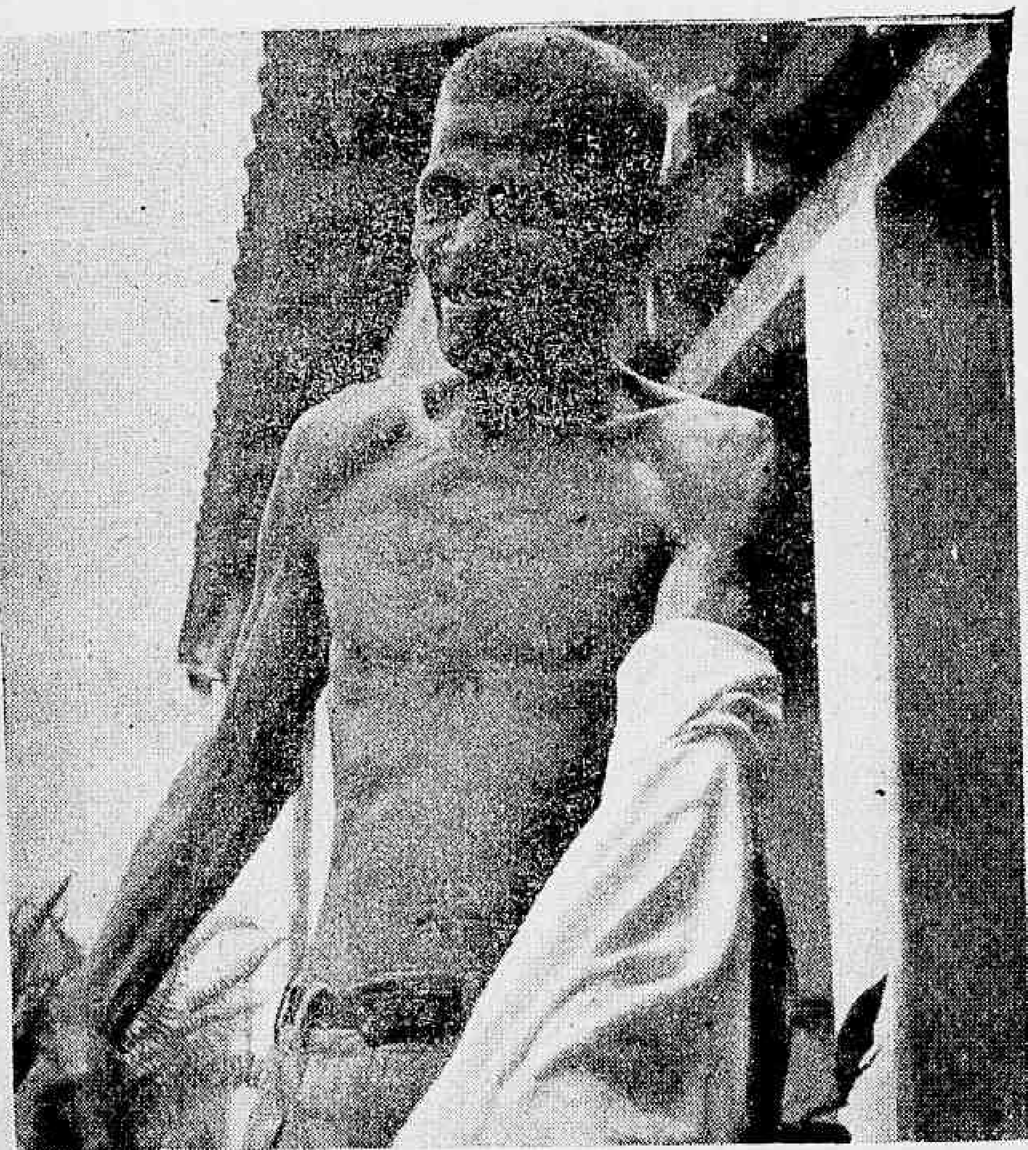
Era Presidente da República o Marechal Hermes da Fonseca que, aliás, ilegalmente tinha assumido o poder, traído que fôra o voto popular que o Congresso vilmente anulara. Pois bem, em meio à balbúrdia política, à sombra da própria condição, os marinheiros nacionais tramaram uma revolta de grandes proporções durante a qual muitas vidas preciosas foram perdidas. E se nos lembrarmos de que não há precedentes na história universal de uma revolução, cujos cérebros eram pessoas sem origem, galões ou poder, concluiremos que a façanha do princípio dêste século não foi só muito e muito audaciosa como também conduzida de maneira tão discreta que, sòmente após rebentar, os oficiais perguntam atônitos quais os motivos da revolta.

Foi numa sombria madrugada de novembro que a fumaça da chaminé do "Minas Gerais" deu o sinal combinado. E, numa algazarra louca, milhares de sêres humanos invadiram os tombadilhos que até então eram privilégio dos oficiais. Viam-se nas pontes de comando divisas em vez de galões. E, nos porões, as amarras eram traquejadas por oficiais submissos aos revoltosos, porque os que se negassem a fazê-lo perderiam a vida, conforme sucedeu ao tenente Cravo, e a outros.

Perguntarão os leitores: — Que homem audacioso teria concebido tão audacioso plano?...

Eis a nossa resposta: Um dêles teve a idéia: Dias Martins. Da idéia um grupo se apossou, coordenou-a, discutiu-a em alto-mar ou em portos vizinhos, culminando com o estouro que se fêz sentir, conforme veremos linhas adiante.

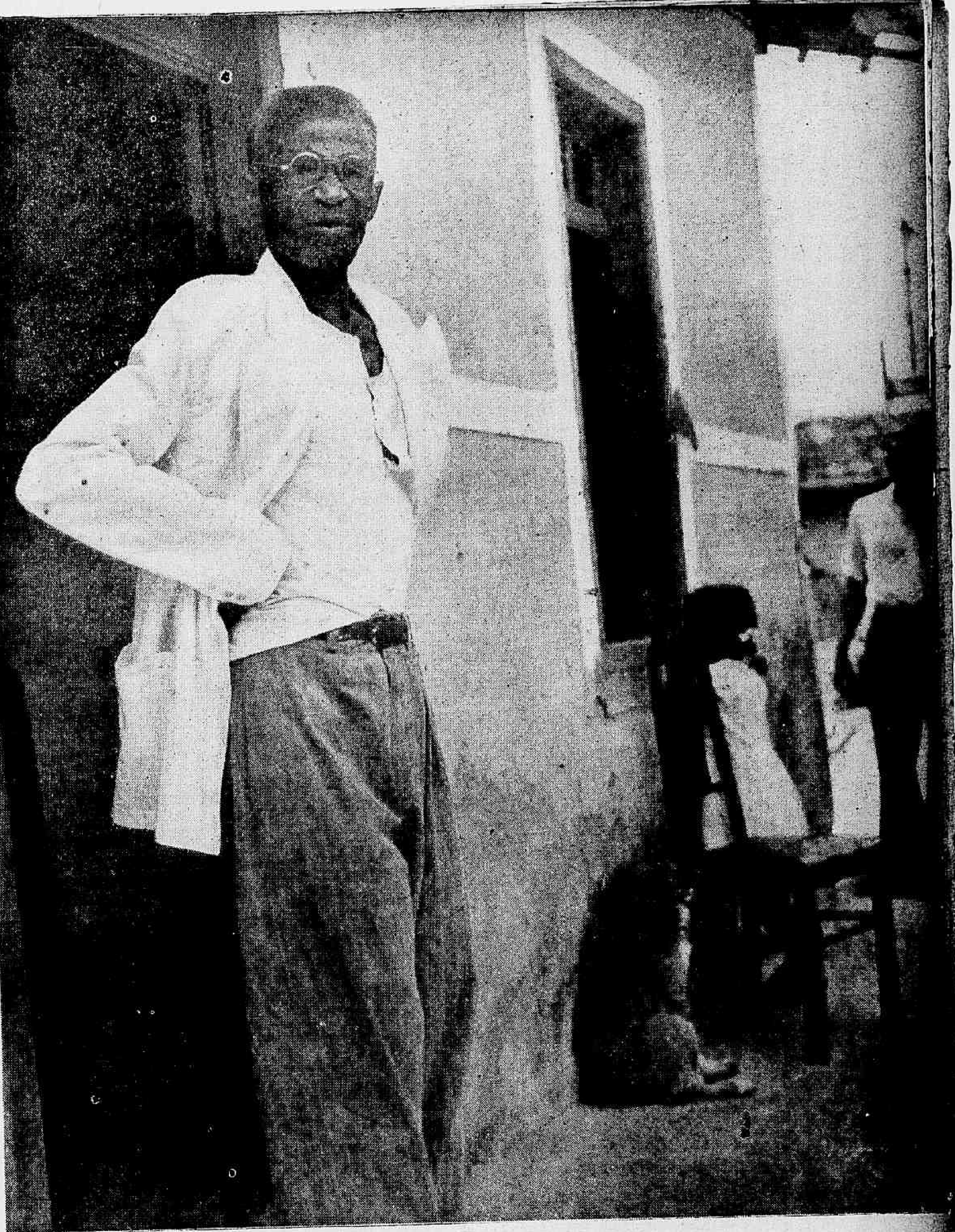
«ESTOU VELHO, mas só fisicamente, pois ainda conduzo 60 quilos às costas, sem tremer as pernas, nem botar a alma pela bôca»



Quem aos 82 anos na «cacunda» é capaz de fazer o que êste prêto velho é capaz de fazer, sem esfôrço?



«CONTESTÁ-LOS? Como se sou mais fraco! A árvore quebra onde o galho é mais frágil, por isso sou espezinhado».



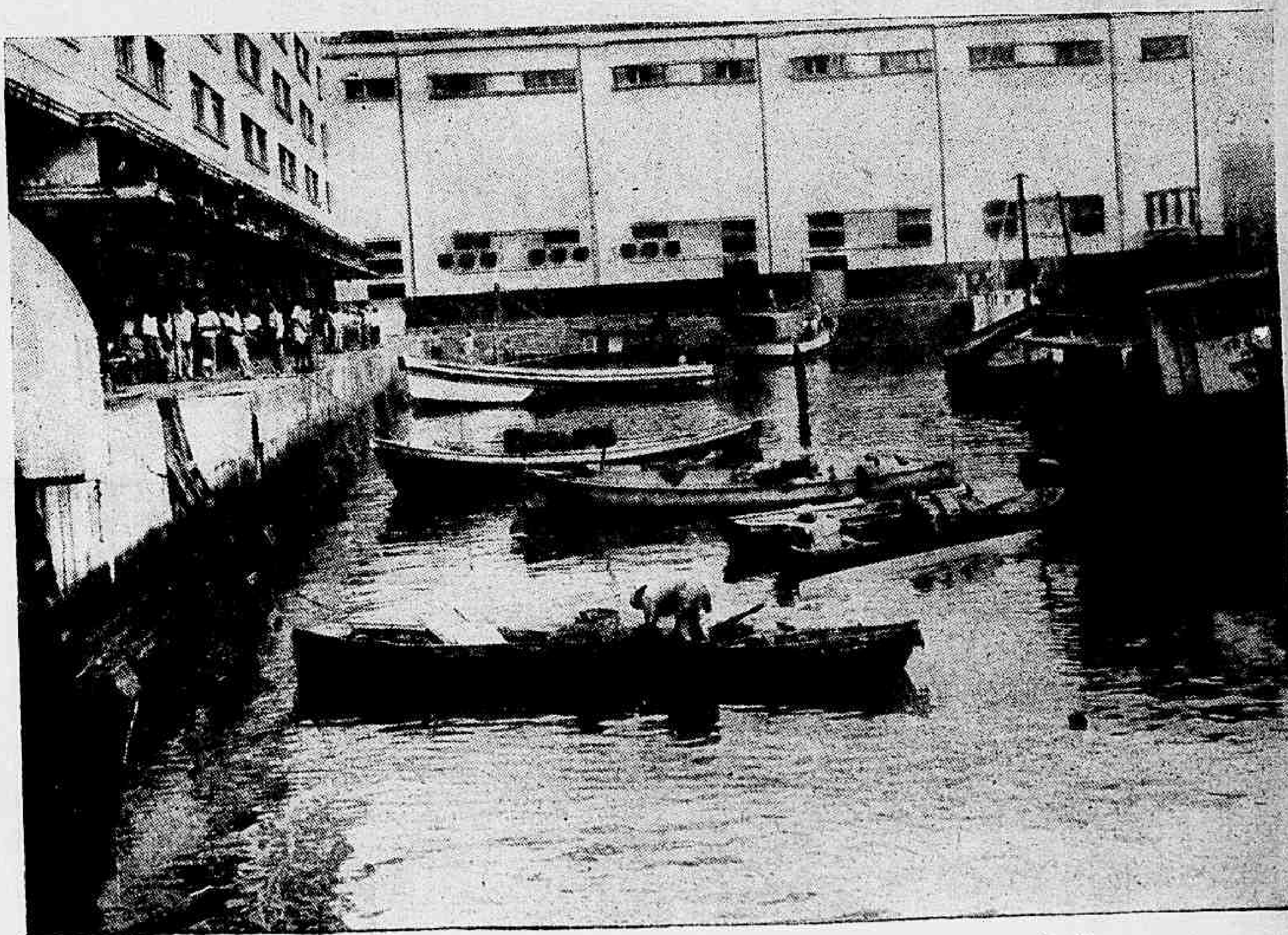
«MINHA CASA, ei-la. Sou um homem pobre que vive do trabalho árduo e mal remunerado. Mas os meus filhos estão recebendo educação, boa educação, graças ao trabalho em conjunto que sob a minha orientação êles fazem com prazer».

Mas, de dentro disso tudo emergiu uma figura que ficará na história para sempre: João Cândido. Ainda vive, embora velho e doente. João Cândido foi o marinheiro de primeira classe, único no mundo, que já comandou uma esquadra. Na época, foi apresentado como herói. Hoje, muita gente vem de longe para conhecer o marujo cujos feitos acham notável. Mas, para a Marinha e mesmo para muitos leigos, João Cândido é um místico, um falso herói, um homem sem expressão, um indisciplinado. Portanto, difícil é dizer-se quem está com a razão. E, para sermos imparciais, ouviremos a opinião de seus próprios companheiros, para os quais êle é ainda um chefe, um almirante sem navios, sem galões, mas com dignidade.

Durante muitos dias percorremos os subúrbios do Rio à procura de João Cândido e seus companheiros. Custou-nos muito encontrar alguns sobreviventes da revolta. Finalmente, localizamos Marcelino Rodrigues, que exerce a função de cozinheiro num bar de quarta classe, no Cais do Pôrto. De início protestou, culminando por aquiescer, relutando apenas quando lhe pedimos que posasse para algumas fotos. Mas o nosso trabalho foi recompensado por aquêle homem de setenta anos, rôsto rígido, igual ao de João Cândido. Foi o "pivot" da revolução cuja data exata ainda não estava determinada. Duzentas chibatadas precipitaram os acontecimentos. Duzentas chibatads que Marcelino Rodrigues apanhou, por ordem de um oficial cujo nome será divulgado linhas adiante.

Por isso, leitores, não imaginem a narração do repórter. Queiram ficar à vontade e com o pensamento voltado para êsse velho marujo, como nas histórias fantásticas de aventuras, como ilhas perdidas e tesouros fabulosos; piratas e navios fantasmas...

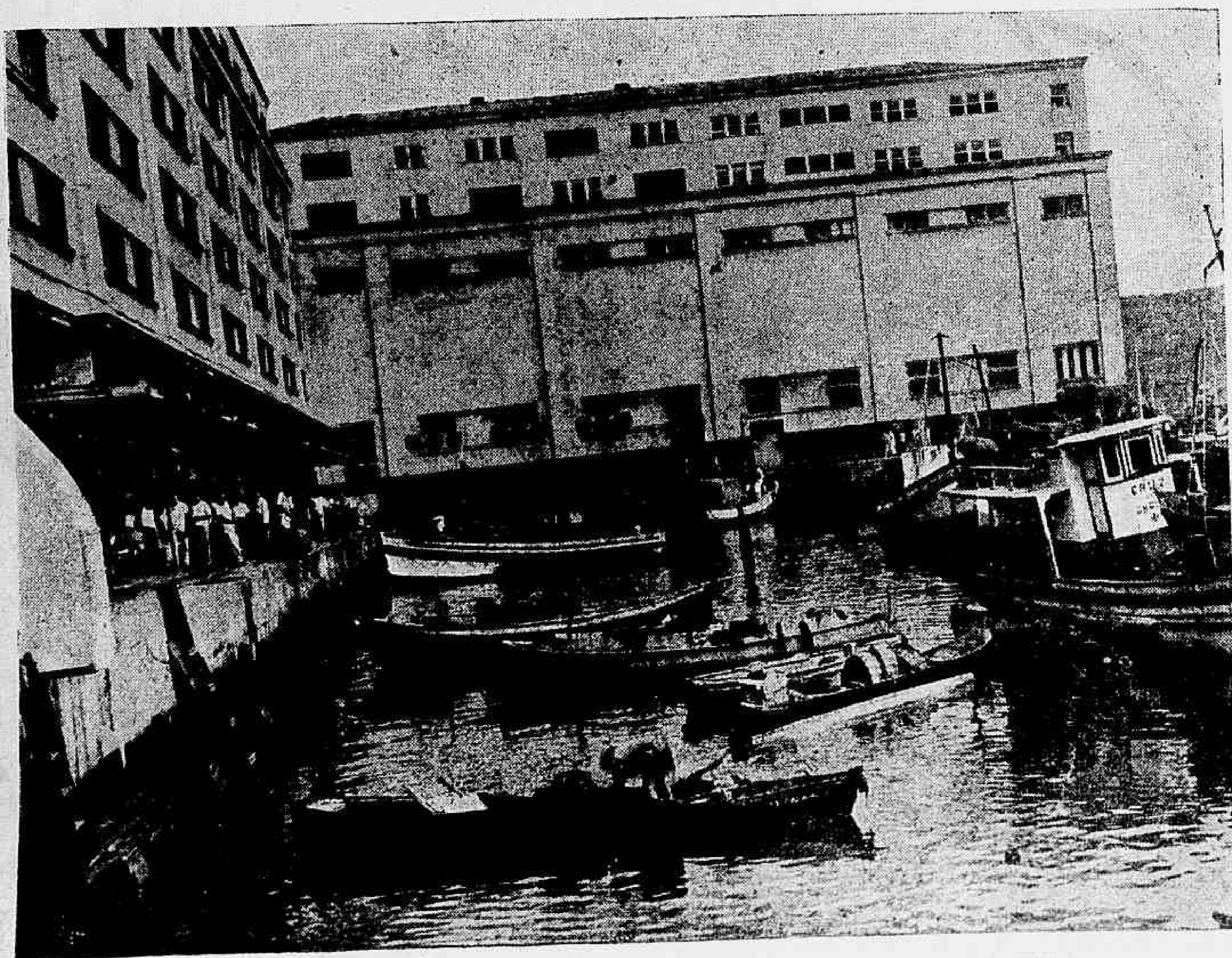
— "Faz cinco anos, morreu o marinheiro Dias Martins, em cujo cérebro surgiu a idéia da revolução. Foi no Chile, "seu" repórter. Foi no Chile, a bordo do navio "Bahia". Da idéia nasceu uma reunião secreta, que foi realizada em Baía Branca, na Argentina. Ficou resolvido que, após nossa chegada ao Rio, exigiríamos o apoio dos colegas do



«EIS MINHA ESQUADRA atual — disse apontando — Menores que torpedos. Apesar de ter comandando encouraçados, não fico triste...»



A FAMÍLIA de João Cândido. **Ao centro João Cândido Filho, excelente rapaz. Trabalha no** mesmo «metier» do pai, **passando grande parte de seu tempo no local desta fotografia e que muito se aproxima de um estaleiro naval. Dêsse local se avista a «Ilha das** Cobras» onde João Cândido **foi rei certo dia, emocionando o Brasil de norte a sul.**



"São Paulo" e do "Minas Gerais", o que foi feito. Aceita a proposta, combinamos que a revolta rebentaria no dia 13 de novembro, o que não foi possivel. Transferida para o dia 14, também não se realizou; posteriormente, os chefes decidiram que a rebelião seria no dia 22 de novembro, o que, finalmente, aconteceu, à uma hora da manhã, e não pela madrugada, como reza a História do Brasil."

Marcelino faz uma pausa para tomar um cafèzinho, que o repórter havia mandado vir. Estávamos absortos com a narrativa do velho lôbo-do-mar, cuja presença inspira fé e confiança, não obstante sua roupa andrajosa e sua barba crescida num rosto livido, mas de traços severos, que se estendem através de uma face onde se pode ler um bom caráter. Lembramo-nos das declarações do marinheiro que nos havia dito que Marcelino não estava a bordo do "Bahia" durante as reuniões preliminares, as quais êle narrava com tanta segurança. Mas toleramos êsse detalhe porque se pessoalmente êle não tomou parte no movimento, sempre o apoiou e sentiu como se fôra uma necessidade. E sòmente o seu apoio moral a essa causa que êle julgava justa nos leva a admitir que os seus pensamentos e narrativas são sensatos.

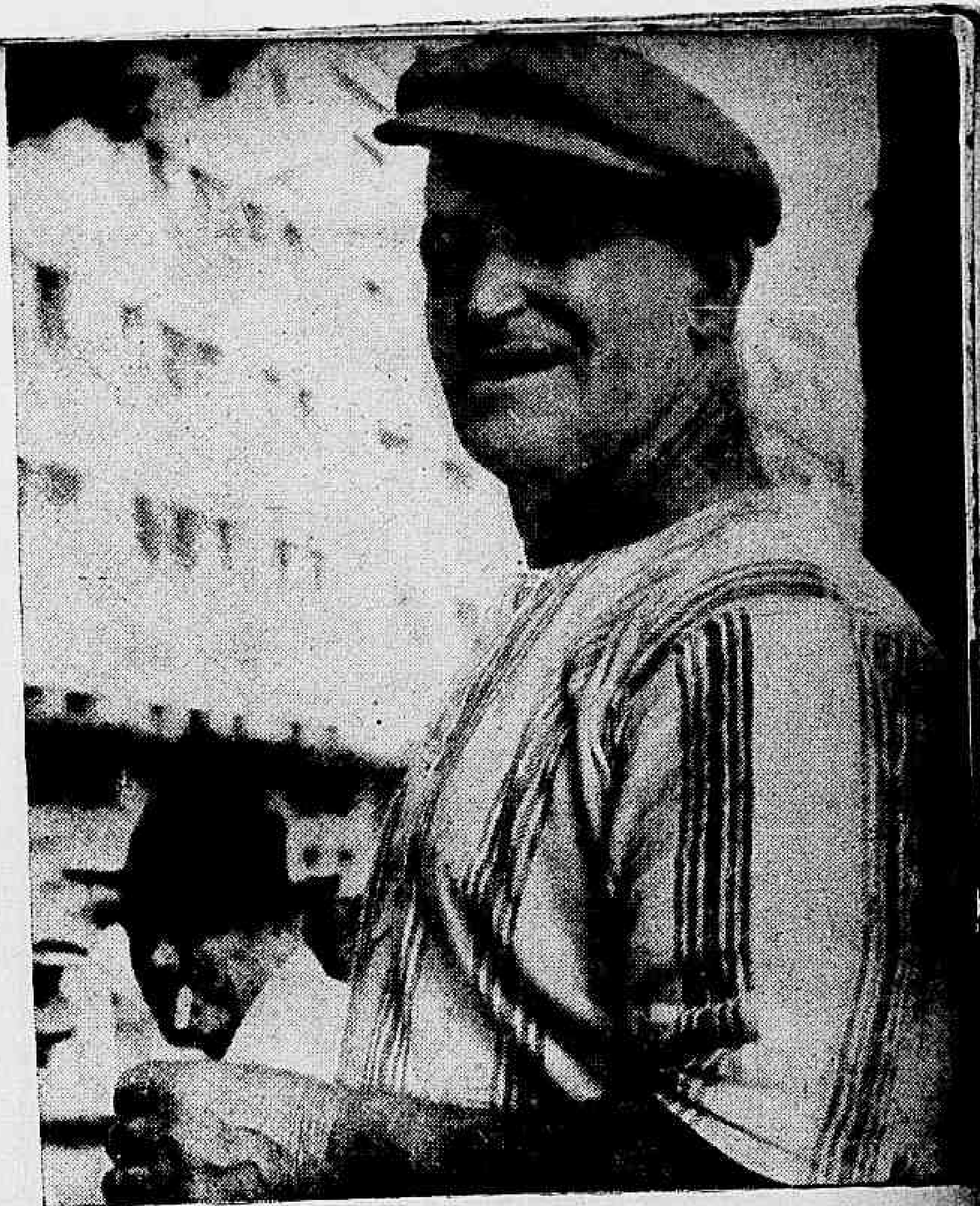
A xicara fêz aquêle ruido agradável no fundo do pires e Marcelino prosseguiu:

— "Parece até que houve precipitação e inépcia, devido à forma como foi a revolta conduzida. Para muitos, poderia ter sido evitado o derramamento de sangue. Realmente, muito sangue correu inùtilmente; muitas mortes injustas foram feitas porque numa guerra se comete insensatez, e a insensatez é própria dos homens. Mas, os nossos companheihos tinham mêdo dos delatores. Não dispúnhamos de recursos morais nem da coragem de todos, conforme o senhor verá. Éramos tratados como animais e como tais raciocinávamos. Se o desejo de sangue nos plastava a lingua é que o nosso sangue brotava sangue. Éramos uma fonte impura e que procurava seixos e raizes que nos servissem de filtro.

A revolta do dia 22 ainda não estava amadurecida. E



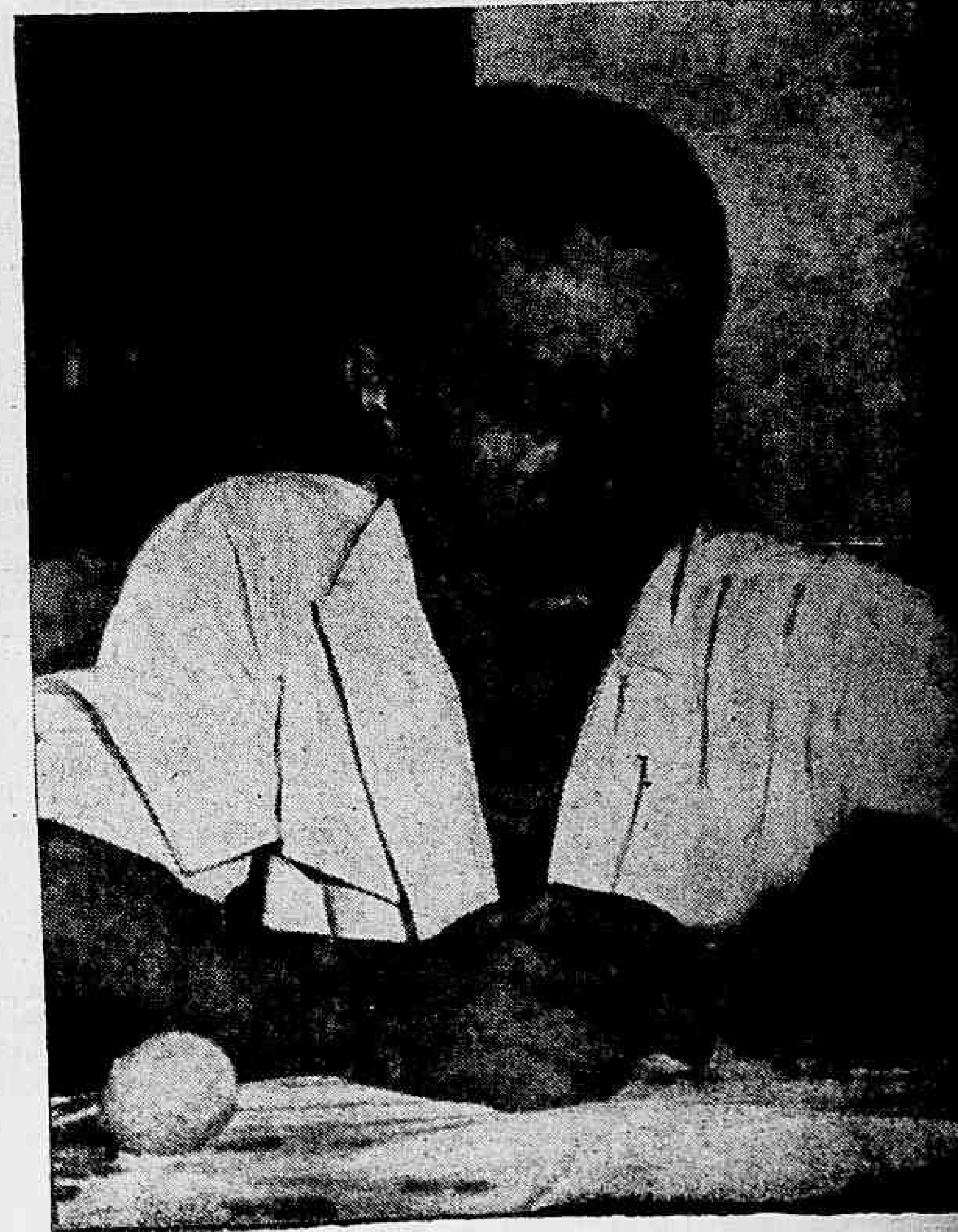
FILHO, NETO e o cão de estimação. Êsse menino cujo nome nos escapou por termos perdido nossas notas sob um temporal é uma criança muito inteligente. E já está fazendo o curso ginasial num colégio de subúrbio.



PORTUGUÊS, mas admirador incondicional de João Cândido. — «Não digo o meu nome porque é pequeno demais ao lado de tão valente marujo». Em baixo, outro filho de João Cândido que aos 75 anos ainda era um homem viril. E João Cândido Filho, disse ao repórter. Aos 75, não. Aos 82 também...



EIS MARCELINO RODRIGUES, o homem cujo depoimento publicamos nesta reportagem. Foi o «pivot» da revolta de 1910. Foi em conseqüência da surra que levou que os seus colegas precipitaram o levante.



o culpado fui eu, ou melhor, os que me castigaram com 200 chibatadas, levando-me agonizante para a enfermaria. Devo ao meu físico excepcional não ter perecido. E quem ordenou o meu espancamento foi o Comandante Neves. Mas, foi um dos primeiros a morrer, juntamente com o Tte. Cravo, um Capitão-Tenente, um marinheiro até hoje não identificado, um aprendiz nas mesmas condições, que o Tte. Cláudio, num momento de raiva, assassinara, tendo sido morto por isso. O Tte. Cláudio não merecia morrer porque era um excelente homem."

O telefone tilintou para o repórter que, depois de atendê-lo, ficou matutando sôbre se traduziria as palavras exatas que Marcelino pronunciava ou se escreveria a seu modo a narrativa, sem deturpar os princípios. Optamos pela troca simplória de sinônimos, preferindo manter a linha e a convicção do entrevistado, cujo pensamento é o que reproduzimos nesta reportagem. Marcelino continuou:

— "João Cândido assumiu o comando da Esquadra pela madrugada. Movimentou as máquinas com vários oficiais aprisionados a bordo. Era um almirante sem galões à prôa do barco, arrogante. E se o senhor visse como ficava bem no comando de uma esquadra, como se parecia com um oficial! E até mais parecido que muitos! Seu rosto inspirava respeito e nos orgulhamos de ser a reles...

O "Minas" sulcou as águas da Guanabara. Demandamos na direção dos navios que permaneciam isolados do movimento. Exigimos a rendição de todos, porém, os covardes eram numerosos. Tripulação só havia no "Deodoro", no "Carlos Gomes" e no "República", que, assim mesmo, tentaram fugir. Aprisionamo-los e dividimos os homens de confiança nos respectivos comandos, ficando o "Minas Gerais" — em pleno canal do Pão-de-Açúcar — bloqueando a cidade que, a essa altura, já se achava tomada de pânico."

Perguntamos a Marcelino se êles pretendiam bombardear a cidade ou se desejavam apenas fazer guerra-de-nervos, so que Marcelino nos respondeu:

— Nós íamos bombardear a cidade realmente. E o General Mena Barreto estava tão certo disso que aconselhou o povo a retirar-se do Rio.

— E por que não o fizeram?

— A covardia, a traição, a hipocrisia... Ah! Como é covarde o homem! Nós queríamos a anistia pelo nosso ato de *heroismo;* o nosso objetivo era acabar com os castigos corporais que nos eram impostos e também exigíamos melhor alimentação que, além de parca, era própria para porcos. Mas fomos traídos! O Congresso, que traíra o voto popular, depois de votar e reconhecer a nossa anistia, não sustentou a sua atitude que, a nosso ver, foi falsa, aparente apenas. De início, parecia que as coisas iam muito bem até. Mas não tardou que, na Marinha, se começasse a exercer vingança, pondo no ôlho-da-rua todo mundo e metendo na cadeia ou matando aquêles que haviam lutado pelo direito de viver como sêres humanos. Aquêles, como os marujos do "Carlos Gomes", que abandonaram o navio à deriva, tiveram melhor sorte. Mas, posso provar que o cabo Medeiros foi fuzilado sumàriamente por ordem do Marechal Hermes da Fonseca. Além dêle, lembro-me do Canuto, Marinho e Zacarias de tal, meus amigos. Foi em Realengo que isso sucedeu."

O repórter conversava com o velho marujo na presença de duas testemunhas, na redação de um jornal. Antes havia visitado João Cândido em sua residência que é em Vila Rosali, no município de São João de Meriti. Nada nos dissera o velho marinheiro que, num mutismo horrível, tudo dissimulava quando lhe fazíamos qualquer pergunta. João Cândido vive de carregar e descarregar barcos de pesca, recebendo 20 ou 30 cruzeiros nos dias em que há trabalho, o que não acontece sempre. Sai de casa às 23 horas para êsse "metier" e regressa na tarde seguinte, extenuado. Eis um resumo da vida do homem que comandou uma esquadra e o único pilôto que já conseguiu pôr um navio de grande calado no canal do Pão-de-Açúcar.

Reconstituímos a vida de João Cândido para Marcelino,

(Cont. na pág 48)

OS FANTOCHES





Grupo feito após a cerimônia religiosa, vendo-se os noivos entre seus pais e padrinhos e «demoiselles d'honnheur».

ENLACE JOSÉ PAULO SIQUEIRA - MARIE THERESE ARAUJO

NO dia 27 de janeiro último realizou-se, na Matriz da Candelária, o enlace matrimonial do sr. José Paulo Siqueira, filho do sr. Júlio de Castro Siqueira, já falecido, e da sra. Roseile de Castro Siqueira, com a senhorita Maria Therese Araujo, filha do sr. Luís de Araujo e da sra. Marie Louise Araujo. Serviram de padrinhos, no ato civil, o sr. Jason Bulcão e senhora, por parte do noivo, e Jorge Calaxe e senhora, por parte da noiva. A cerimônia religiosa foi paraninfada, por parte do noivo, pelo sr. Paulo Bogus e senhora, e por parte da noiva, pelo sr. Fernando Pessoa de Queiroz e senhora. O majestoso templo da Candelária achava-se repleto de uma fina e seleta assistência, notando-se, entre outras pessoas, a presença do ministro Ribeiro da Costa e senhora, do sr. Felipe Augusto Pinto e senhora, do dr. Moutinho Amado e senhora, do sr. George Meghe, do dr. Paulo Burlamaqui e senhora, do dr. Santiago e senhora, do sr. Breno Rosas, do deputado Feliz Valois, do sr. Leopoldo Gotshalk e senhora, do sr. Belchior Fernandes e senhora, do sr. Adriano Machado e senhora, do almirante Luiz Castelo Branco e senhora, do sr. Julio de Matos e senhora, do sr. João Braga e senhora, do sr. José de Cicco e senhora, do sr. Nicola Parfetti, do sr. Adolpho Marques e senhora. Após o casamento religioso, foi oferecida aos numerosos convivas uma elegante recepção nos salões do Fluminense Football Club. Em viagem de núpcias, o casal de noivos seguiu, dias depois, para o Uruguai e Argentina.



Ao alto: Os noivos partem o bôlo nupcial. A direita: A entrada na Igreja da Candelária a noiva é conduzida pelo braço do seu progenitor. Em baixo: Aspecto parcial da recepção nos salões do Fluminense







Grupo feito por ocasião da transmissão do cargo no Palácio Rio Branco. O novo governador da Bahia tem à sua esquerda a senhora Regis Pacheco e à direita o ex-governador Otávio Mangabeira e o Arce bispo Primaz da Bahia.

O NOVO GOVÊRNO DA BAHIA

SAÍDO de uma campanha memorável, na qual se empenharam tôdas as fôrças vivas da Bahia, tomou posse no dia 31 de janeiro último o novo govêrno baiano, chefiado pelo dr. Luís Régis Pacheco Pereira. A jornada autonomista, capitaneada por Simões Filho, — o ministro baiano do govêrno Getúlio Vargas, — simbolizada a princípio pela figura do malogrado Lauro de Freitas e por fim agitada em tôrno do atual governante da Bahia, teve assim o seu glorioso epílogo, pelo qual lutou bravamente o povo da terra de Rui: ver a Bahia governada por um baiano ilustre. Foi, portanto, o 31 de janeiro, um dia de grandes alegrias para os baianos, que, se viam deixar o govêrno um conterrâneo de grandes méritos, como é Otávio Mangabeira, viam, por outro lado, assumir as rédeas do poder outro conterrâneo de incontestáveis qualidades para conduzir a Bahia aos seus gloriosos destinos: Luís Régis Pacheco Pereira, homem feito ao contato do povo, principalmente do habitante do interior, sentindo dia a dia as suas necessidades, sofrendo com êle o abandono e o desprêzo dos poderosos conhecendo-lhe os problemas mais prementes. A campanha autonomista, que tão significativa vitória colheu no pleito eleitoral de 3 de outubro, elevando o dr. Régis Pacheco à suprema magistratura baiana, teve, assim, o seu natural desfecho naquela data festiva, na qual tôda a Bahia aplaudiu calorosamente seu novo governador, entre as mais justificadas esperanças e os mais nobres anseios do progresso e bem-estar social. Publicando nestas páginas alguns aspectos da posse do dr. Luís Régis Pacheco Pereira, fazemos também o registro fotográfico do seu secretariado e dos seu auxiliares imediatos.



O governador Luiz Régis Pacheco Pereira presta o compromisso constitucional perante a Assembléia Legislativa do Estado.



O governador Regis Pacheco discursa na solenidade de transmissão do cargo no Palácio Rio Branco, literalmente tomado por grande assistência



Depois da posse, o governador Regis Pacheco assina os primeiros atos de nomeação do seu secretariado e auxiliares imediatos



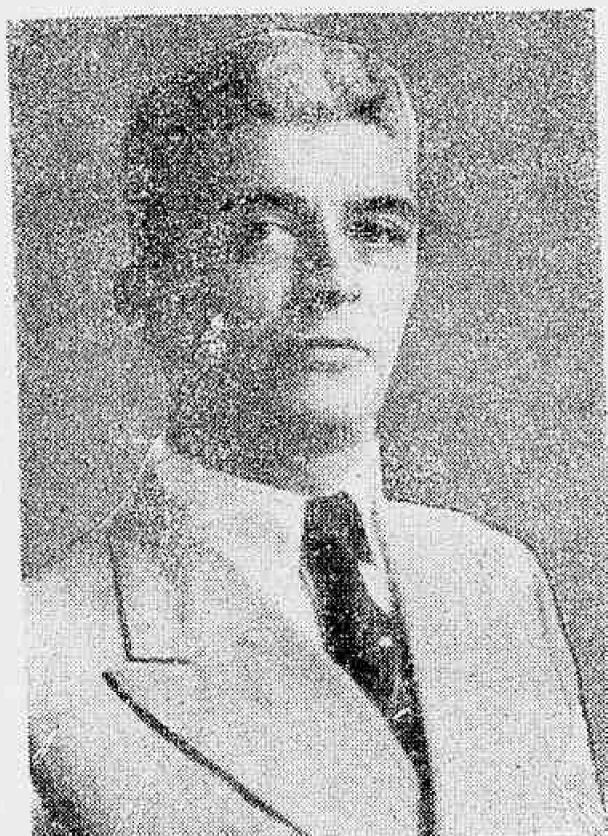
DR. JAYME BALEEIRO
Secretário da Fazenda



DR. LUIZ REGIS PACHECO PEREIRA
Governador do Estado da Bahia.



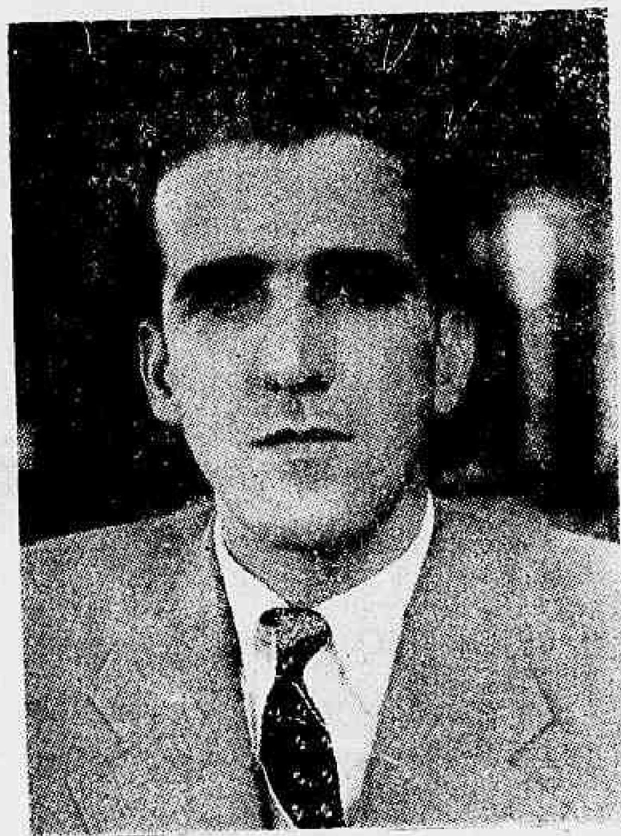
Dr. DORIVAL GUIMARAES PASSOS
Secretário do Interior e Justiça



Dr. ANTÔNIO SIMÕES DA SILVA FREITAS — Secretário da Educação e Saúde.



Dr. EXPEDITO PEREIRA DA CRUZ
Secretário da Agricultura



Dr. LAURINDO DE OLIVEIRA REGIS FILHO — Secretário da Segurança



Dr. OSWALDO VELOSO GORDILHO
Prefeito Municipal de Salvador



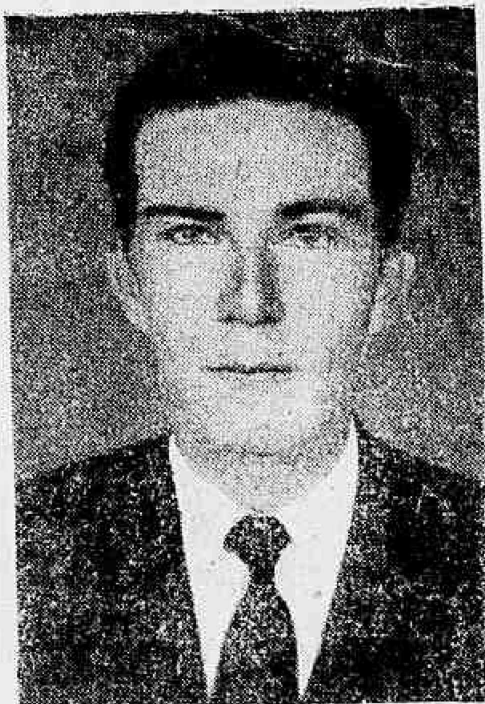
Dr. WALDYR PIRES DE SOUZA
Secretário do Govêrno



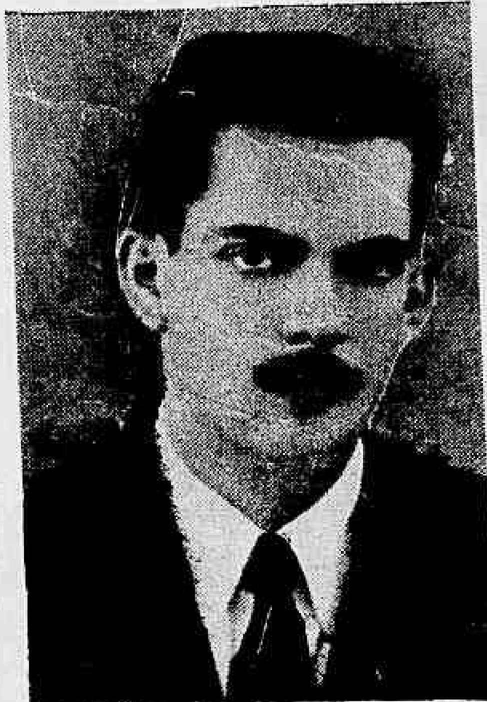
Jornalista JOSÉ N. DE PAIVA LIMA Secretário Particular e Chefe da Casa Civil



Coronel JOSÉ IZIDRO DE SOUZA — Chefe da Casa Militar



Dr. J.A. PEDROZA CUNHA
Oficial de Gabinete



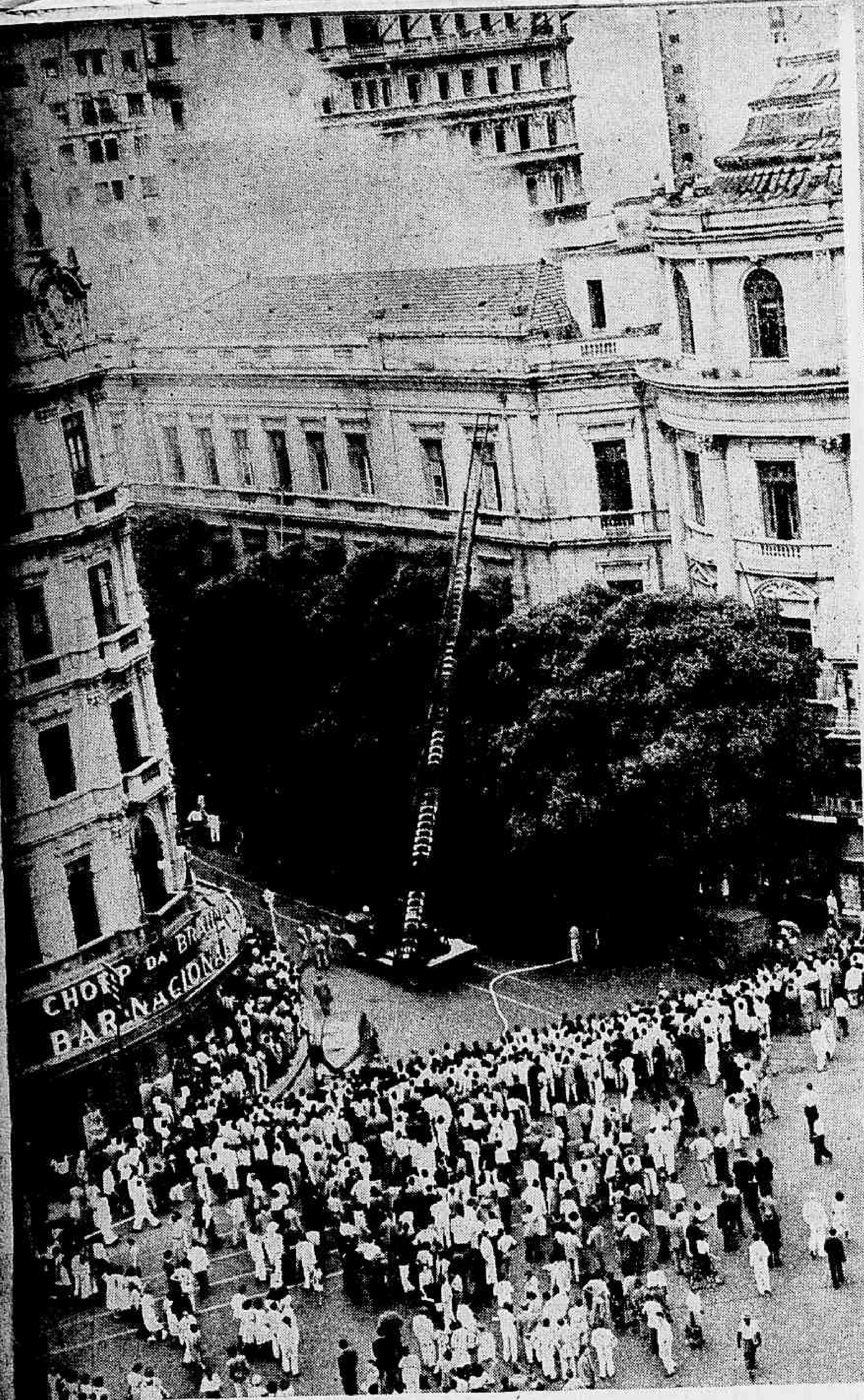
Acad. GRACILIANO P. FREITAS — Oficial de Gabinete



Dr. JOSÉ MARQUES CHAGAS
Oficial de Gabinete



Acad. JOSÉ NASCIMENTO
Oficial de Gabinete



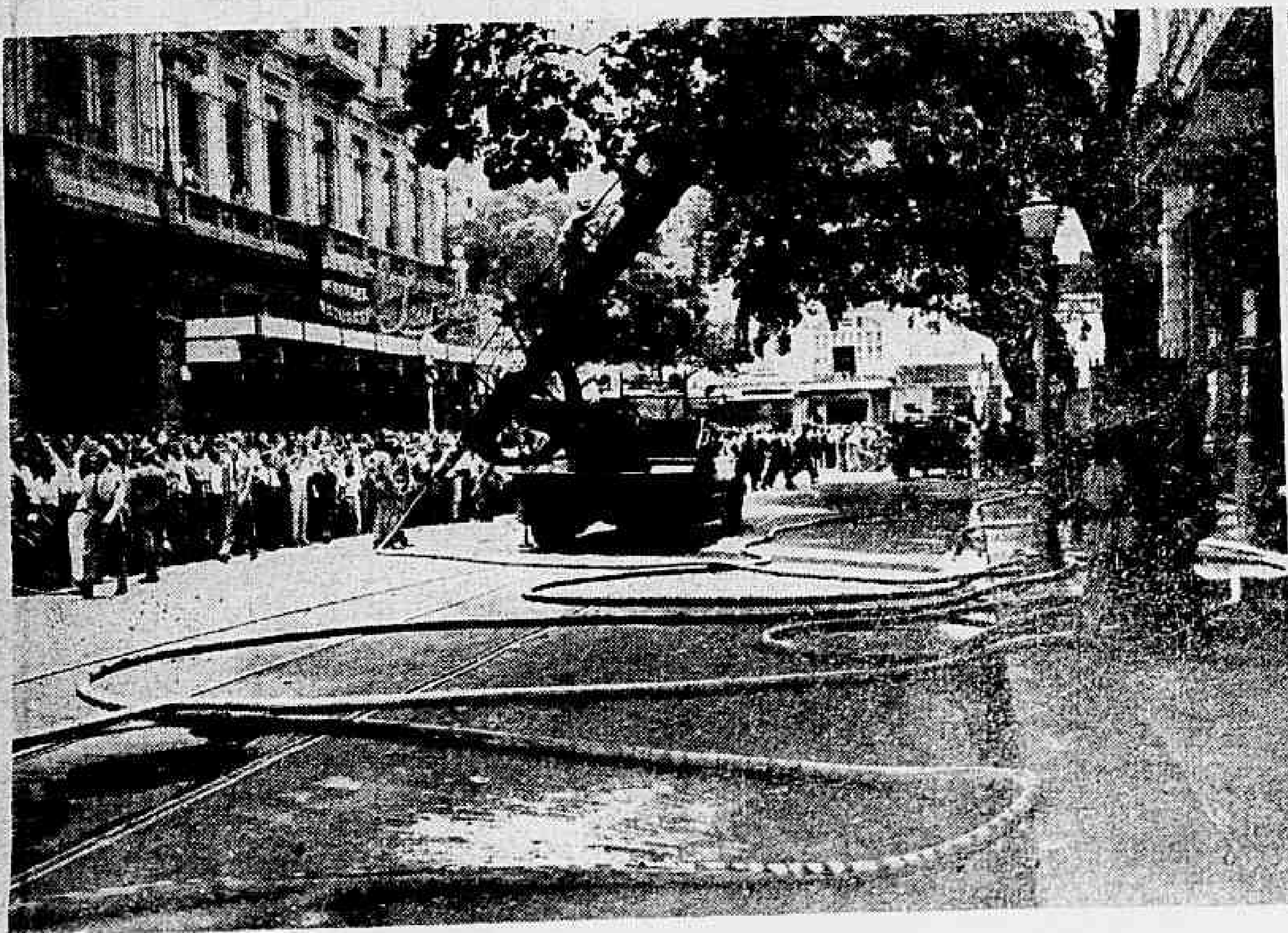
AGLOMERAÇÕES de povo no lado do Largo da Carioca assistem ao audaz trabalho dos bombeiros que atacam o centro de fogo irrompido na cozinha do «Restaurante Tropical».



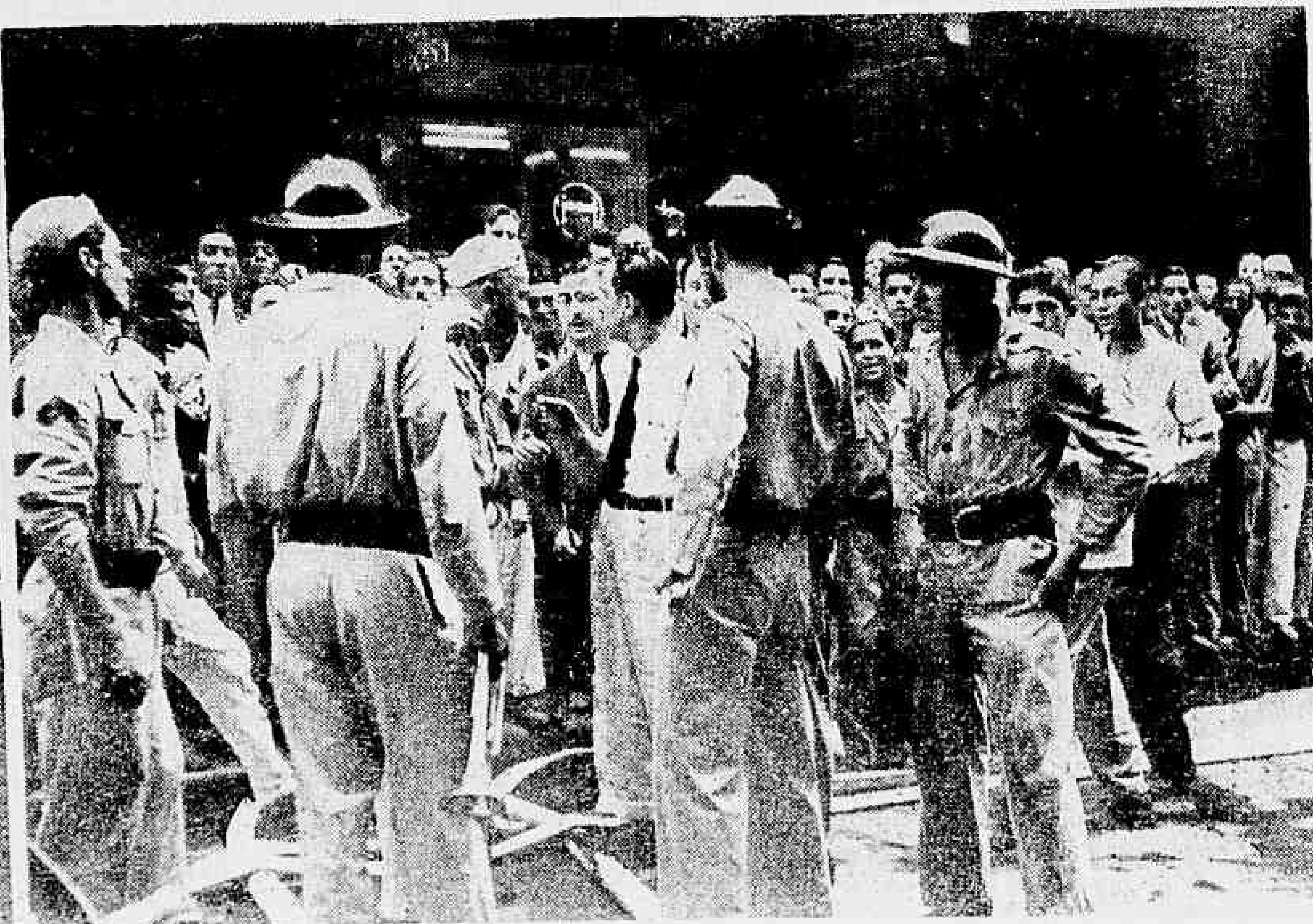
DE OUTRO ângulo do Largo da Carioca a objetiva da «Revista da Semana» fixa um dos momentos mais emocionantes do incêndio: quando o fogo ameaçava a Livraria Freitas Bastos

A EXPLOSÃO DE UM FOGAREIRO

UM INCÊNDIO QUE ALARMOU TÔDA A CIDADE



MASSA de povo se comprime do lado do edifício do Hotel Avenida enquanto as autoridades isolam todo o trecho da rua e os bombeiros dão início à luta contra o grande incêndio



PROVIDENCIAM as autoridades e o comando do Corpo de Bombeiros para a vinda, urgente, de outros reforços a fim de conjurar o perigo que ameaça destruir todo o quarteirão



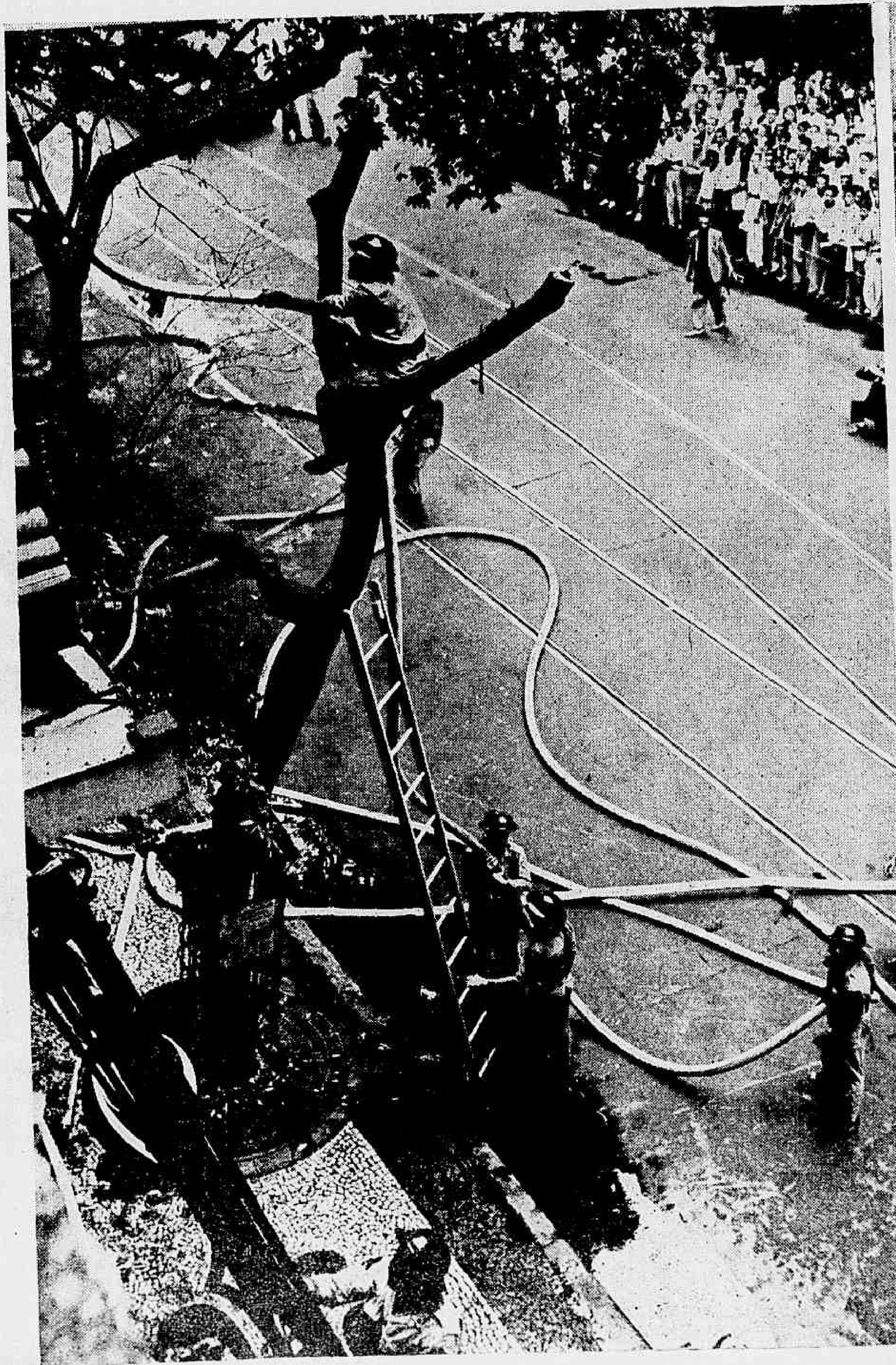
O SR. ROBERTO MARINHO, diretor do vespertino «O Globo», cuja redação e oficinas es- tiveram sèriamente ameaçada pelo fogo, sorri agora por ver que o perigo foi desfeito.

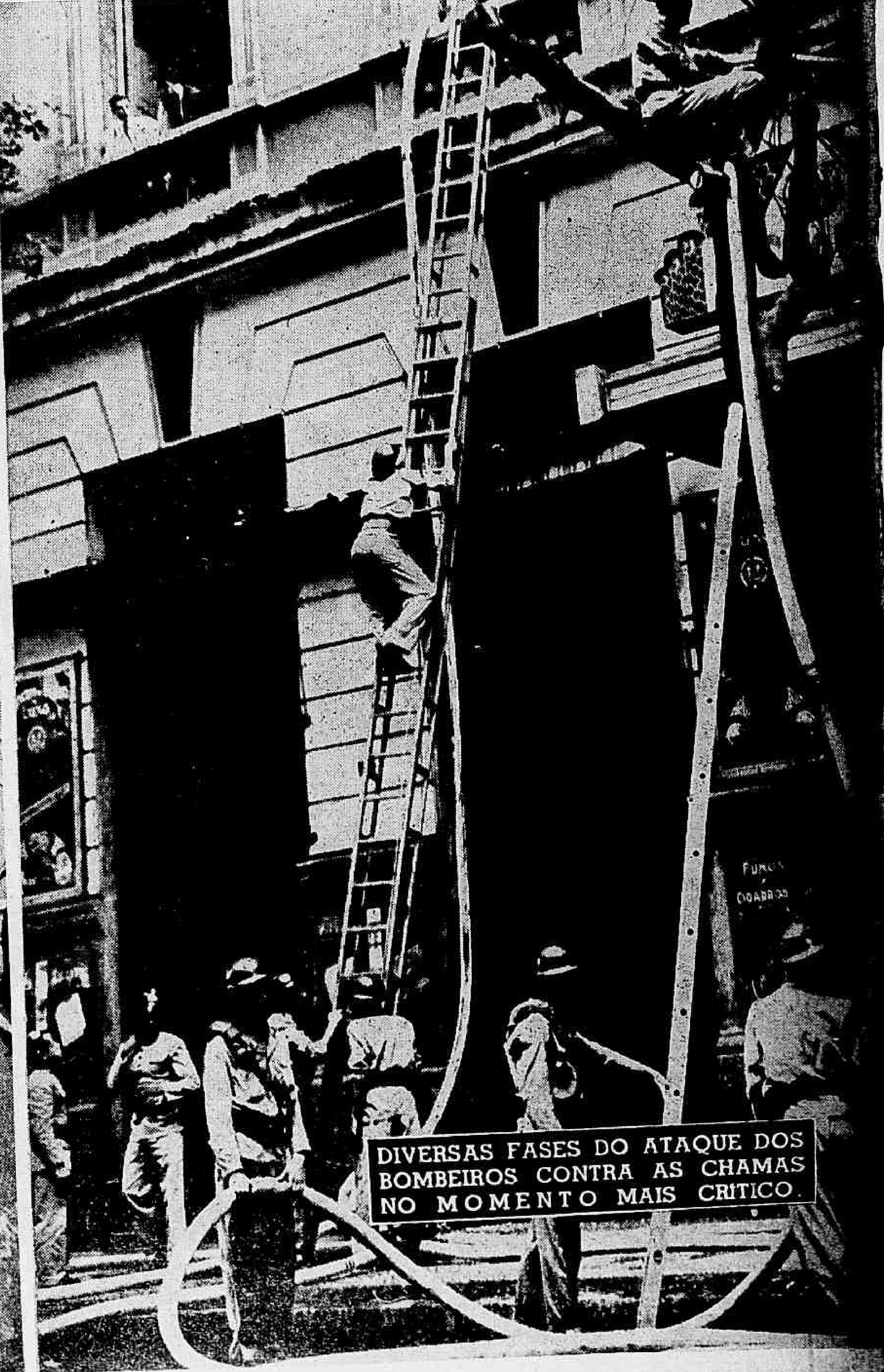


O «HALL» E SALA de espera do Cine-Eldorado, um dos estabelecimentos que mais sofre- ram com o incêndio. Por coincidência irônica, o cartaz diz «Cinzas ao Vento». Curioso, não?

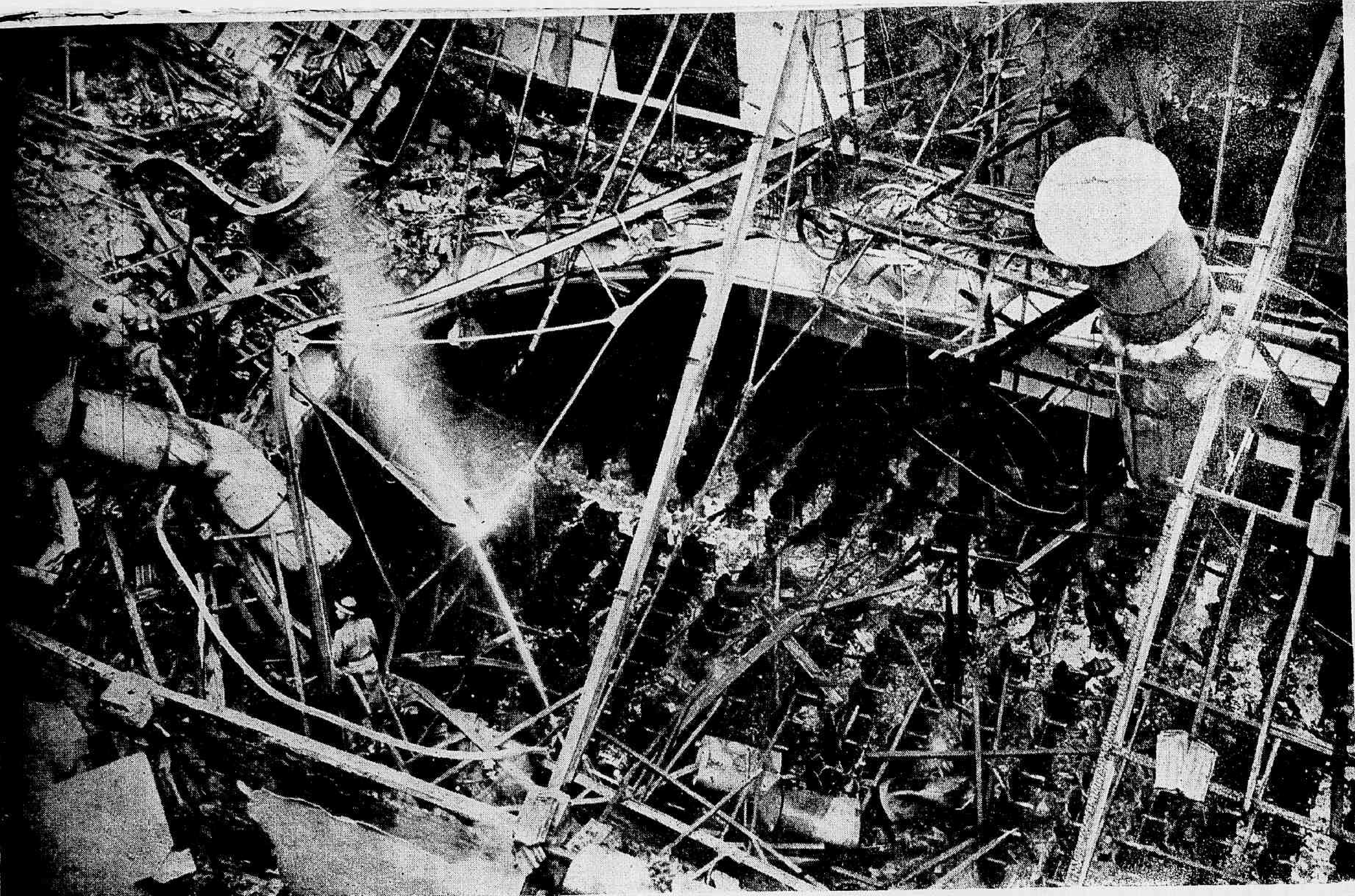
ÀS primeiras horas da tarde do dia 22 de fevereiro último, tôda a cidade foi surpreendida com a notícia de que lavrava grande incêndio no edificio da Avenida Rio Branco, onde funciona o Liceu de Artes e Oficios. O edificio é conhecido mesmo por êsse nome. Trala-se de um dos mais antigos e mais amplos prédios da Avenida, sendo, em área, o maior da cidade. Ali, no térreo, funcionam diversos estabelecimentos de comércio, destacando uma Agência da Caixa Econômica Federal, justamente onde havia o luxuoso "Café Belas-Artes", cinema, charutaria, restaurante, livraria, etc.

O fogo, segundo declarações de um guarda-civil que deu o alarma e telefonou ao Corpo de Bombeiros, teve origem na cozinha do restaurante "Indigena", com a explosão de um fogão a óleo. As chamas não tiveram muito trabalho para propagar-se ràpidamente aos estabelecimentos contiguos ao restaurante, uma vez que se trata de edificio velho, cheio de instalações de madeira. No andar superior há outros estabelecimentos, notando-se a redação de "O Globo", que estêve na iminência de ver-se envolvida pelo incêndio. Uma das maiores preocupações do povo desta capital em relação ao incêndio era a sorte da Livraria Freitas Bastos, no ângulo térreo que dá para o Largo da Carioca. Uma das maiores livrarias da cidade, possuindo em seus cofres mais de 500 originais de obras de Direito de imenso valor, além de profuso sortimento de livros de todos os gêneros, um incêndio que destruisse êsse patrimônio brasileiro assumiria as proporções de irreparável catástrofe. Felizmente, porém, os prejuizos da Livraria Freitas Bastos foram insignificantes, causados apenas pela água que chegou até ali. Outra calamidade que êsse incêndio causaria, seria a destruição do Liceu de Artes e Oficios, de bibliotecas e outras instituições culturais ali em funcionamento. A ação imediata dos bombeiros e a abundância de água, conjuraram o perigo de maiores prejuizos, salvando-se a maior parte do que funciona no edificio sinistrado. E' de louvar-se a presteza com que os bombeiros acudiram ao chamado e a perfeição de sua técnica isolando imediatamente os estabelecimentos na iminência de destruição. A essa popular corporação do Rio, deve a cidade mais um grande serviço.

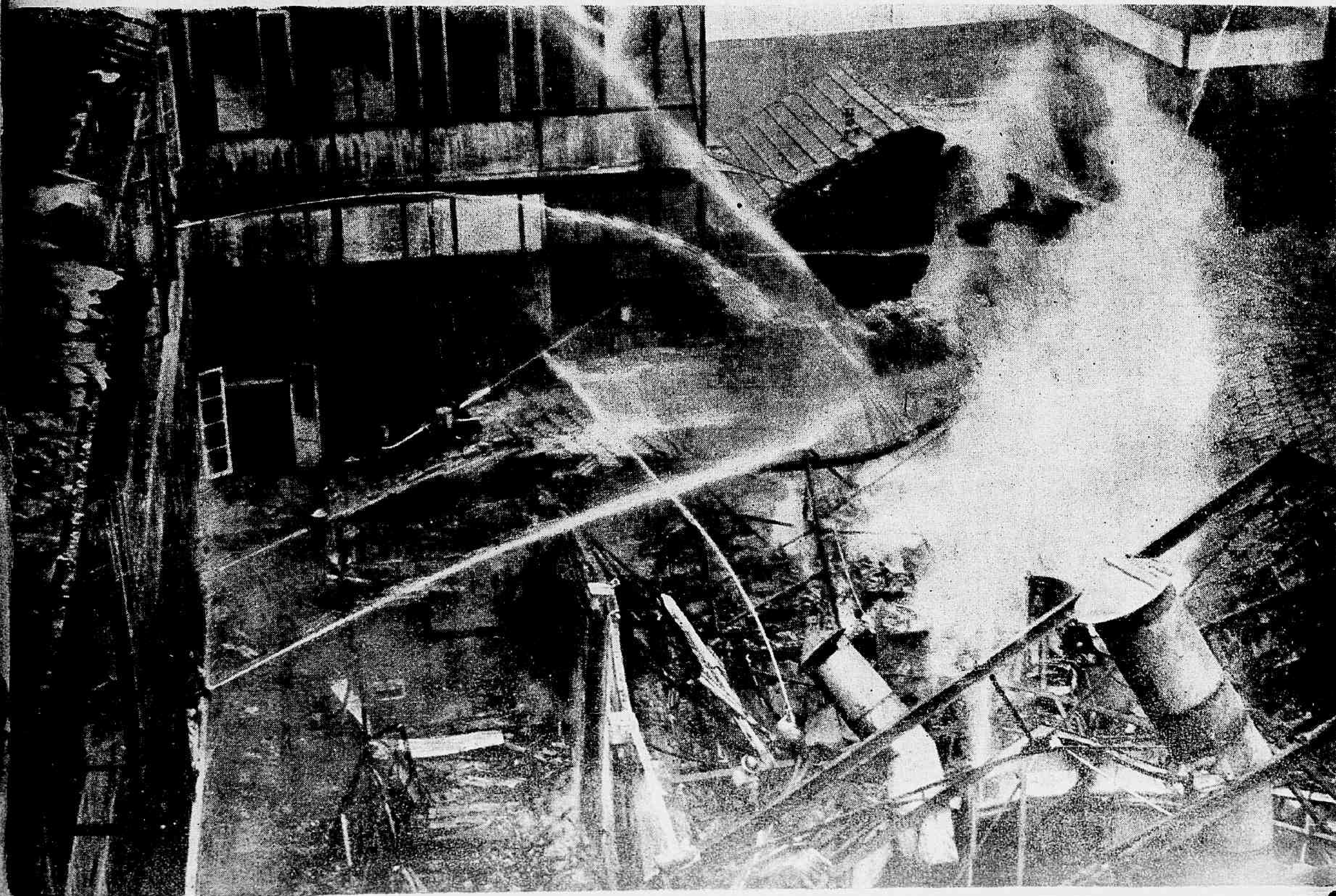




DIVERSAS FASES DO ATAQUE DOS BOMBEIROS CONTRA AS CHAMAS NO MOMENTO MAIS CRITICO.

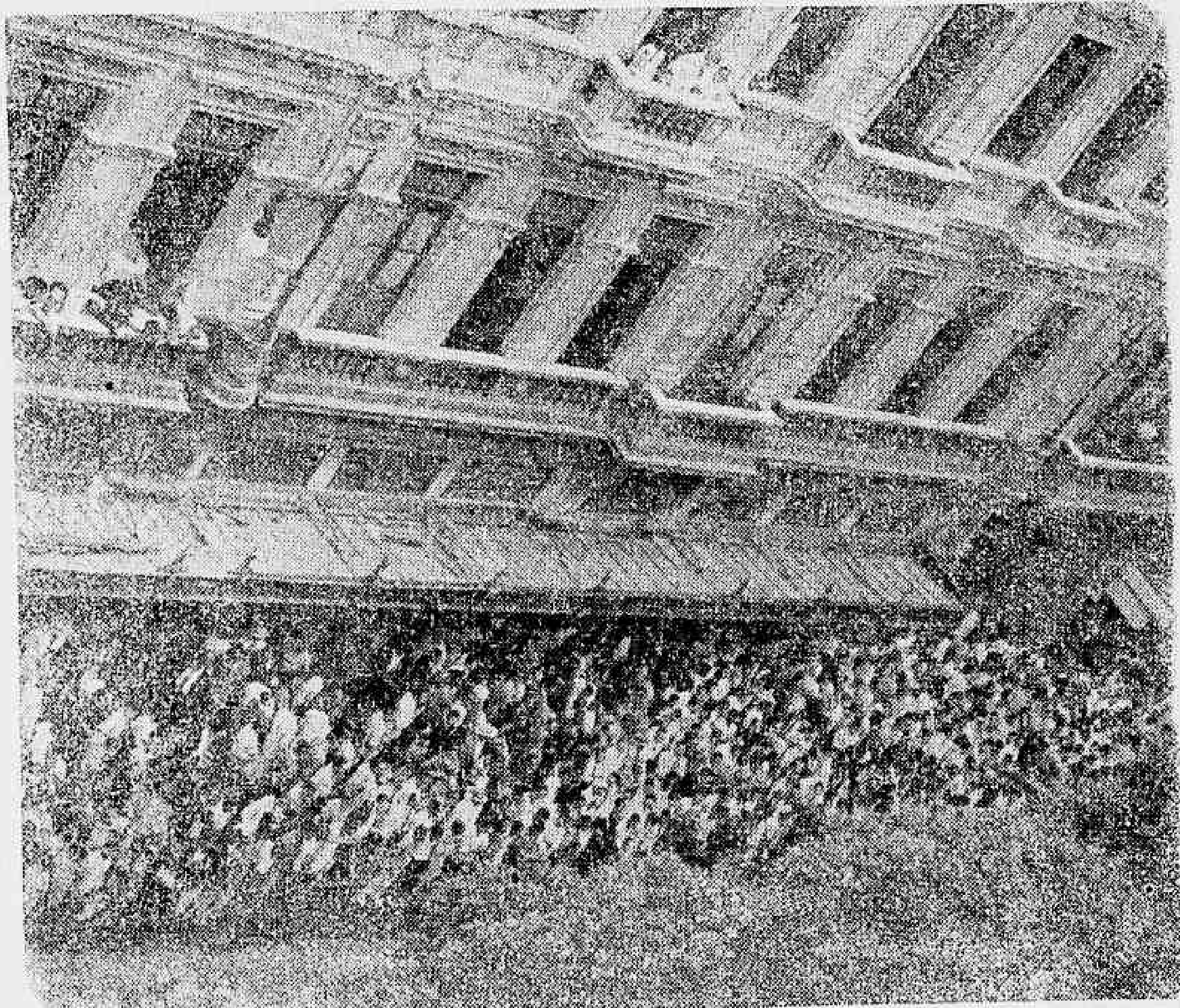


EM CIMA uma visão dantesca do que restava da platéia do cinema Eldorado, vendo-se as filas de cadeiras atingidas pelo fogo e o teto desabado. Em baixo, o local onde irromperam as chamas, isto é a cozinha do restaurante «Tropical» já também reduzido a montões de escombros fumegantes. Nessa fase, os bravos soldados do fogo já dominavam a situação

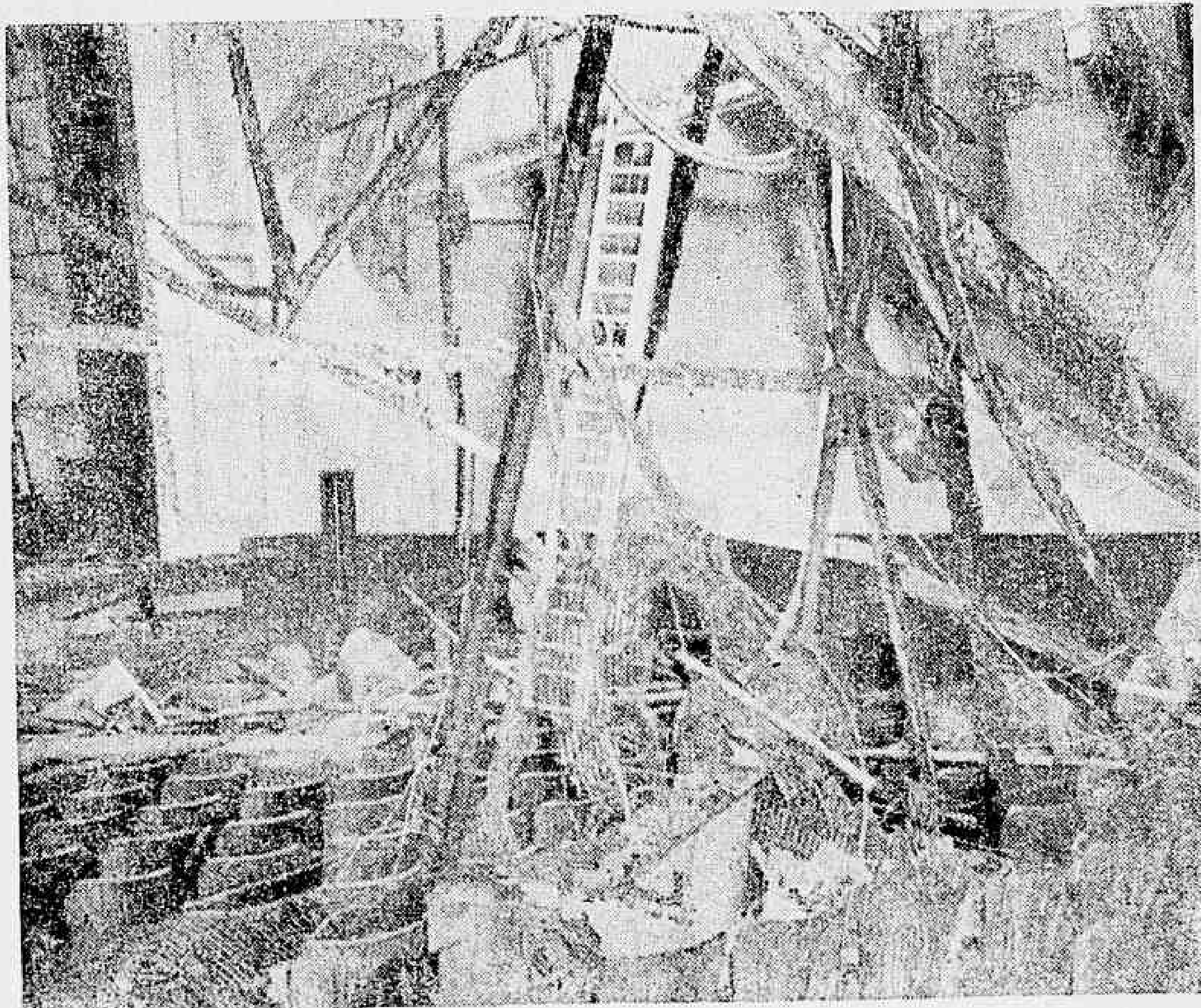




APESAR de o fogo ter-se limitado a três pontos principais, de onde se alastraria não fôsse a ação pronta dos bombeiros, os que estavam dêste lado passaram seus sustos.



FOI GRANDE a curiosidade em tôrno do vetusto edifício que toma todo um quarteirão da Av. Rio Branco e dá a volta pelo Largo da Carioca. O edifício em frente é o Hotel Avenida



UMA VISTA do salão de projeção do Cinema Eldorado, quando as chamas estavam extintas. Vêem-se as vigas e madeirame do teto desabado, as cadeiras e um ângulo da tela.



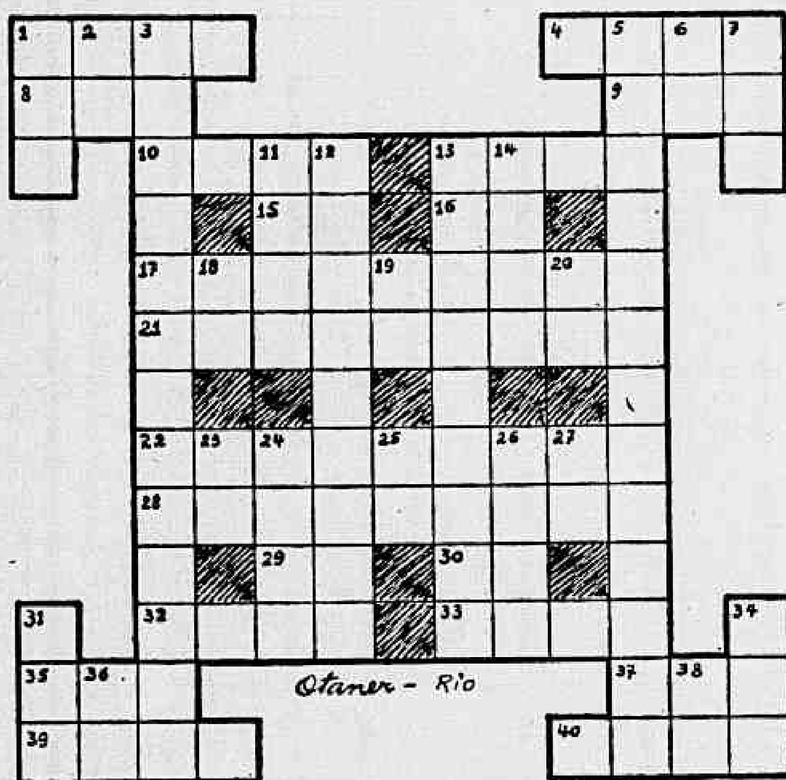
AS CHAMAS, encontrando material de fácil combustão, iam avançando violentamente, e, se o acidente houvesse ocorrido altas horas da noite, o resultado seria imprevisível.



OS FUNDOS do Restaurante Indígena, quando os bombeiros assestavam suas mangueiras para o centro do fogo. No mesmo edifício, lado oposto, há uma agência da Caixa Econômica

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 43 - PARA VETERANOS

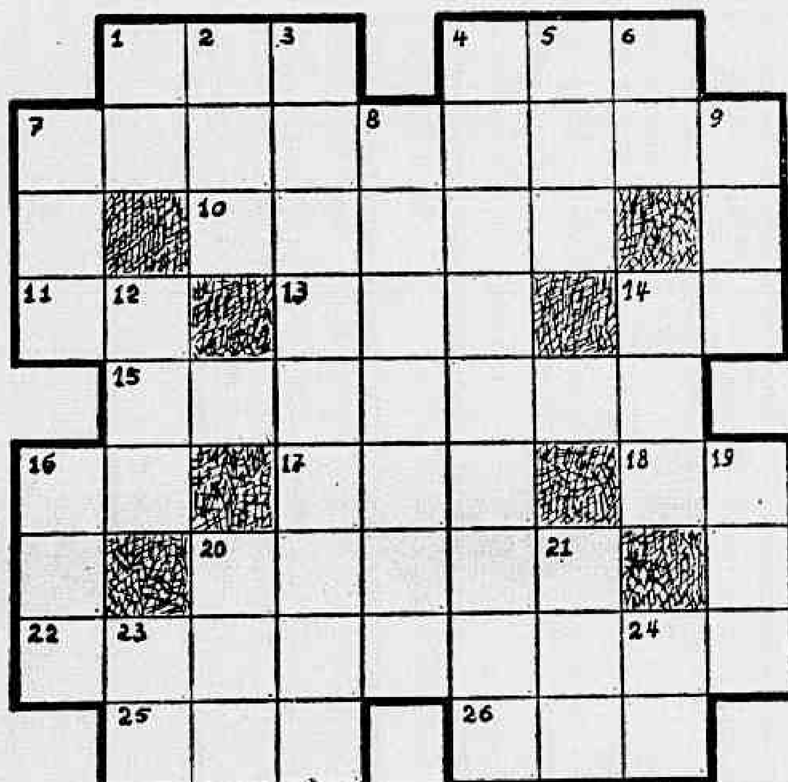


HORIZONTAIS: — 1. Dividindade egípcia — 4. Tirante a azul — 8. Naquele lugar — 9. Alea de jardim — 10. Divindade escandinava — 13. Escolhi — 15. Acontecer — 16. Inimigo, entre os tibetanos — 17. Em forma de gancho — 21. Monumento em honra de Leos, ateniense que sacrificou 3 filhas pela salvação da pátria — 22. Reduza — 28. Que não cumpre aquilo a que se obrigou — 29. Rio da Sibéria — 30. Cidade da Noruega — 32. Raça asiática do norte do Japão — 33. Cidade da Polônia — 35. Terra natal — 37. Anel — 39. Gemer — 40. Navegar.

VERTICAIS: — 1. Peso indiano — 2. Medida holandesa de comprimento — 3. Distinguira-se dos outros — 5. Adaptar à civilização do Ocidente — 6. 31ª letra do alfabeto russo — 7. Remoinho — 11. Trejeito — 12. Divido em três — 13. Osso que forma a órbita — 14. Planta medicinal leguminosa — 18. Vila da Itália, na Ligúria — 19. A primeira pessoa da trindade confuciana — 20. Moenda — 23. Preposição — 24. (Jacob) Arqueólogo francês (1647-1685) — 25. Símbolo do radônio — 26. Sem valor — 27. Neste momento — 31. Confusão — 34. Colocar — 36. Gemido — 38. Jia.

★

PROBLEMA N.º 43 PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Aquilo que prejudica ou fere — 4. Casal — 7. Pequenos palácios — 10. Silvo — 11. Sadia — 13. Insípido — 14. Artigo plural — 15. Tocar o sino — 16. Ali — 17. Unidade das medidas agrárias — 18. Outra coisa — 20. Aguardente extraída do arroz fermentado — 22. Aperfeiçoar — 25. Negro velho — 26. Forma reduzida de senhor.

VERTICAIS: — 1. Perversa — 2. Fileira — 3. Joalheiro — 4. Pancada dada com a ponta dos dedos (pl.) — 5. Ação — 6. Nota musical — 7. Patas — 8. Mencionaram — 9. Solitários — 12. Reborbo de chapéu — 14. Altar dos sacrifícios — 16. Diana — 19. A casa — 20. Nome de homem — 21. Argola — 23. Símbolo da platina — 24. Atmosfera.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 42

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Padecer — Caracol — Amaraco — Azemola — Ti — Frol — Lena — Ag — Oco — Onerada — Aca — Luva — ótima — Afim — Alabama — Arrmará — Rosados — Rapinar — Nu — Sa — Arataca — Amanhar — Colomim — Maltina — Atas — Tagal — Onus — Rui — Coretos — Oia — Il — Salé — Açor — Ad — Marital — Ranhura — Assomas.

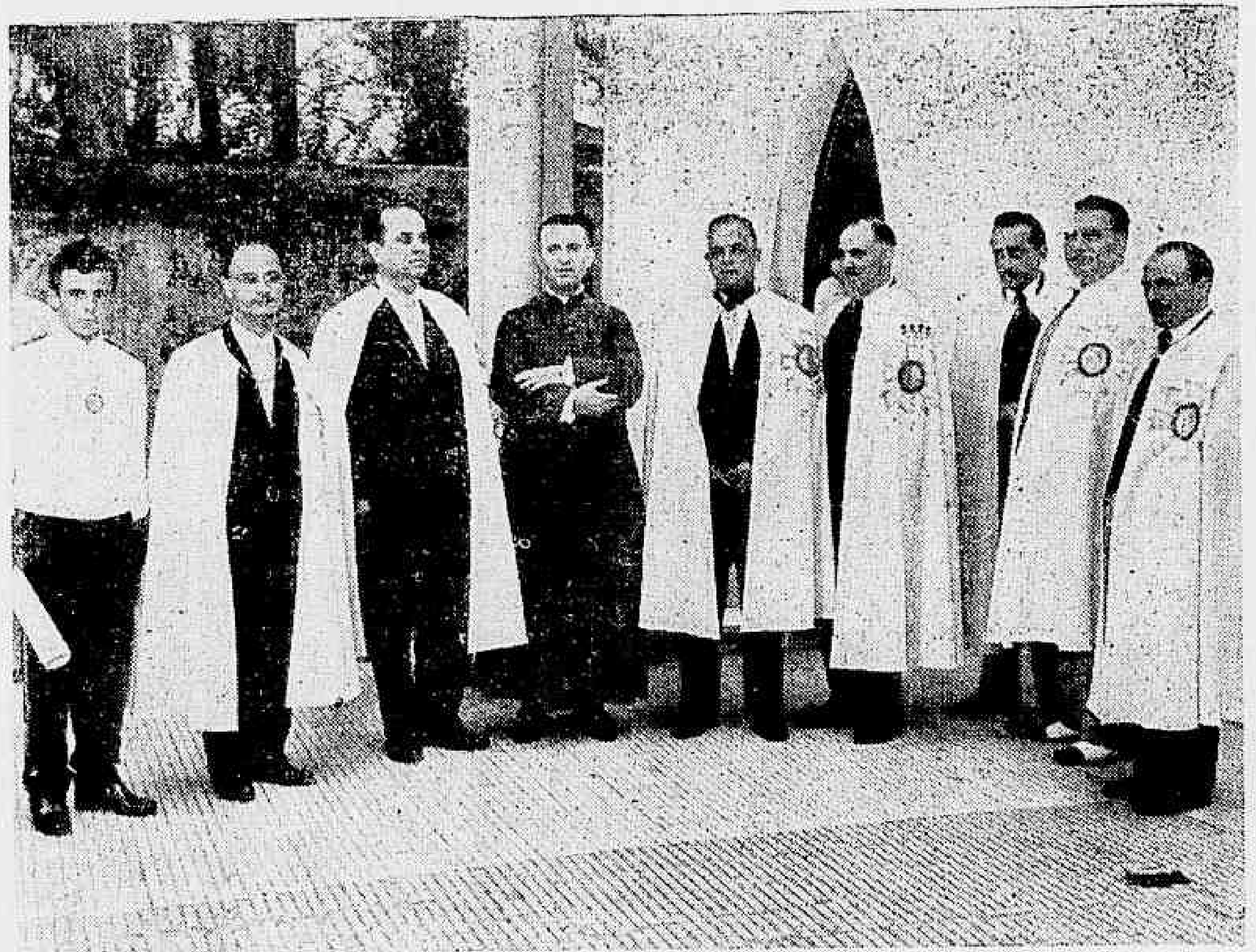
VERTICAIS: — Patolar — Amículo — Dá — Erf — Caro — Ecónomo — Roletas — Calamar — Azedara — Rena — Ama — Co — Olaeira — Lagamar — Ovas — Ri — Afan — Abantos — Amianto — Aduam — Upsal — Acarima — Rotular — Alai — Citolas — Amarelo — Amatara — Malocas — Hino — Anulara — Rasadas — Ge — Cato — Sons — Sin — Rho — Ré — Um.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Pá — Em — Encardido — Arú — Ore — Sub — Optaria — Ria — Ita — Vai — Ocultarem — Só — Rã.

VERTICAIS: — Pé — Anatómico — Edemaciar — Mó — Cr — Austral — Dobrava — Ir — Ual — Tu — Ar — Os — Má.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



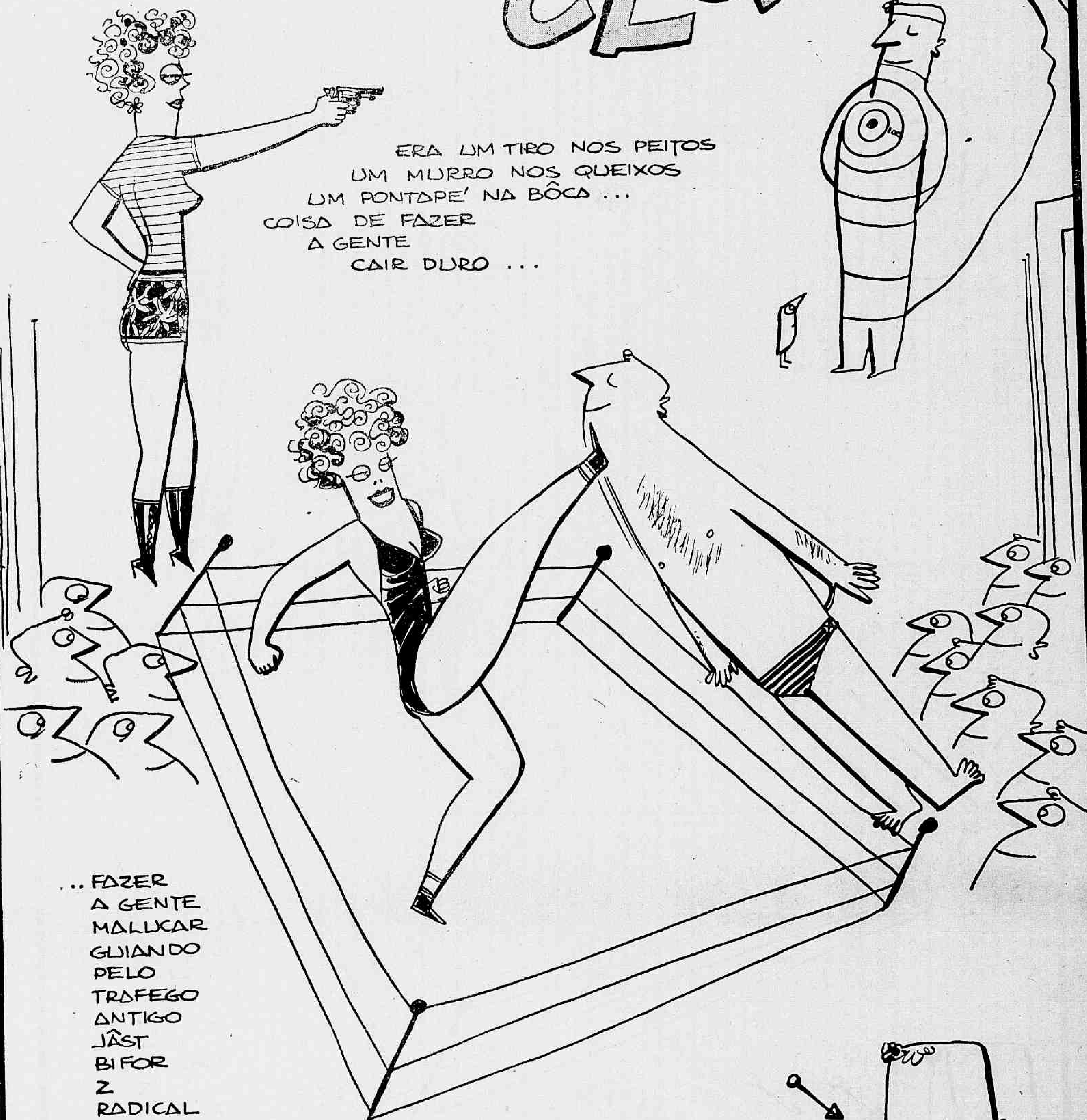
ORDEM DOS CAVALEIROS DE SÃO SEBASTIÃO E GUILHERME

RECENTEMENTE, foram levadas a efeito, na capela de Nossa Senhora de Lourdes, sede da Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme, as cerimônias com que se conferiu o título de comendador dessa entidade ao deputado federal sr. Marino Machado de Oliveira. A referida Ordem, cujo lema adotado é: Toujours leal sans peur et sans reproches», portanto caridade, só e sempre caridade, constituida de cavaleiros sinceros e realmente nobres na causa de Cristo, vale por um apostolado no ambiente em que vivemos, lembrando sempre os menos favorecidos, auxiliando a infância e dela fazendo mais tarde cidadãos honestos, laboriosos e altamente proveitosos ao serviço da Pátria. Como os antigos cavaleiros, lutam em defesa da igreja, dos pobres e dos oprimidos. Onde houver uma injustiça a sanar, miséria a socorrer ou alguém que necessite de assistência, lá está sempre um representante dessa filantrópica associação. Daquela solenidade são os flagrantes que aqui se vêem: ao alto, a partir da direita, os Cavaleiros Gran Cruz senhores: Francisco Cupello, Comandante Giovanni Bacigalupo, Gran Chanceler dr. Délio de Miranda Lima, S.A. o Príncipe Regente Real, Gabriel Inellas, o agraciado sr. Marino Machado de Oliveira, o capelão monsenhor Mário Novareth, brigadeiro da FAB Antônio Guedes Muniz, Euzo Gauthier D'Estavaye e o escudeiro da Ordem, o jovem Lindbergh Machado Cupello. A Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme remonta a grande antiguidade, dela existindo referências desde a época de Carlos Magno. E' uma instituição «cavalheiresca, independente e soberana», que professa a santa religião católica apostólica romana. Já por decretos solenes do rei Carlos VII, em 1448, eram concedidos privilégios de nobreza aos seus componentes, que desfrutavam de tôdas as prerogativas nobiliárquicas.



Nicodemus SUSPIRA POR

ELG



E POR AQUELE BROTÃO INDISCUTIVELMENTE PERDI,
HOMEM FELIZ, UMA IFINIDADE DE CAMISAS
A ALMA E A CABEÇA ...

QUEM A TELEFONAR, ACHAR QUEIRA, POR OBSEQUIO.



BARBOSA E ÁDEMIR SÃO DEVOTOS DE N. SENHORA DAS VITÓRIAS. POR ISSO CUMPREM SEUS DEVERES

VASCO — BI-CAMPEÃO!



JUNTO ao busto de Vasco da Gama existente na sede do Clube, contemplam a grave fisiono mia do famoso nauta. Não foi êle um «crack» do futebol, pois em seu tempo não havia nada disso; mas fêz outros «goals», alargando o mundo lusitano e contribuindo para as glórias de sua pátria. Mas os dois vascainos querem é o tri-campeonato em 1952.

ADEMIR — O ÁGUIA DO VASCO



O CONSELHO Deliberativo do Vasco aprovou o orçamento de 3 milhões para 1952. Mas Ademir confia mais na bola

NEM TODOS OS CLUBES CARIOCAS REUNIDOS PODEM COMPRAR O "CRACK" VASCAINO ★ O PREÇO DE ELI É Cr$ 2.000.000,00 ★ PREPARAM-SE OS CRUZMALTINOS PARA A CONQUISTA DO TRI-CAMPEONATO ★ A SAÍDA DE FLÁVIO E A ATUAÇÃO DE OTO GLORIA NA PALAVRA DO GRANDE ARTILHEIRO.

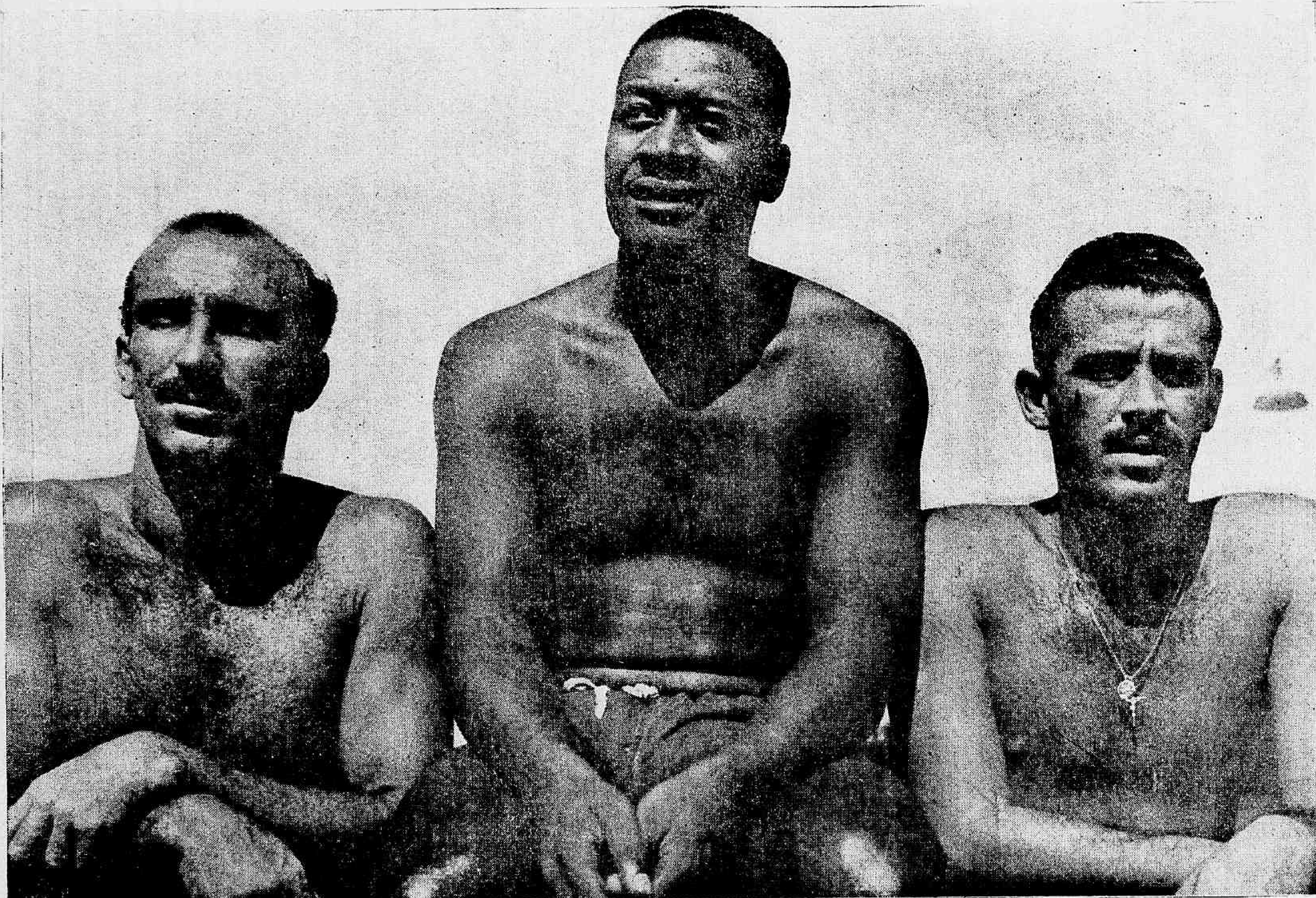
Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de WALTER MORGADO

DECIDIDAMENTE o Vasco da Gama será em futuro próximo o maior time de futebol do continente, já que se tornou o líder entre os grandes clubes nacionais. O seu passado é brilhante e o seu futuro é promissor. As suas vitórias têm sido constantes e gloriosas. Nas excursões que faz, sai sempre vitorioso. No México, por exemplo, jogou 16 partidas. Ganhou 14 e empatou 2, saindo, portanto, invicto. Ainda agora vem de se sagrar bi-campeão campeão carioca de futebol. E não é sem razão que os cruzmaltinos costumam dizer: **Vasco, sempre Vasco, e nada mais.** Não pense o leitor que somos vascaínos. Não. O "slogan" que usamos é: **"uma vez Flamengo... Flamengo até morrer".** Todavia, reconhecemos a grande superioridade técnica e financeira do Vasco. A ida de Flávio Costa para o Flamengo, entretanto, deixa os rubros esperançosos. E os que são flamengo de coração, como Ari Bar-



O AR BISONHO de quem alcançou uma vitória é êste do goleiro Barbosa, o invencível.



A PÁGINA DOS CAMPEÕES. — Em cima: Augusto, Barbosa e Laerte. Em baixo, novamen te Barbosa, Ademir, Augusto, Jorge Danilo, Ipojucan e Laerte, numa foto tirada durante um treino já sob a direção técnica de Oto Glória. Os outros «cracks» do Vasco não se achavam presentes quando de nossa visita, razão por que não saíram no grupo.





ADEMIR é o «Águia do Vasco» Todos os clubes cariocas reunidos não podem comprá-lo Êle vale sempre muito mais!

reso, ficam a sonhar com os bons tempos de outrora em que o querido clube da cidade sagrou-se tri-campeão. Nós outros, no entanto, já não somos tão otimistas assim, apesar de reconhecer a capacidade de Flávio. E' que, agora mais do que nunca, o Vasco está sedento de vitórias e não medirá esforços a fim de tornar-se tri-campeão. Um técnico da fibra de Flávio poderá fazer muitos "cracks". O Flamengo, portanto, poderá reabilitar-se. Mas o Vasco é poderoso e tentará comprar todos os novos "cracks" que surgirem. Só uma coisa importa ao Vasco: ser o maior, mesmo ao preço de ouro.

Inegàvelmente o Vasco da Gama é o clube que arregimenta a maior percentagem de "cracks". E tudo indica que novos valores se integrarão na luta para a conquista do tri-campeonato. O seu Conselho Deliberativo já aprovou o orçamento para 1951 que é de treze milhões, trezentos e setenta mil cruzeiros (Cr$ 13.370.000,00), dos quais três milhões (Cr$ 3.000.000,00) destinam-se ao setor de futebol.

Como é sabido, houve, em dezembro próximo passado, um atrito entre Flávio Costa e Heleno de Freitas. Agora, com a saída do técnico, Heleno provàvelmente voltará para o Vasco. Sendo jogador legalmente prêso ao Vasco e conseqüentemente em condições de figurar a qualquer momento no plantel cruzmaltino, o ex-centro-avante botafoguense pretende reaparecer entre os "players" do bi-campeão da cidade, disposto a dar tudo no sentido, não só de aproveitar a oportunidade como, sobretudo, de tirar uma autêntica "forra" da atitude de Flávio Costa.

O zagueiro Homero, do Ipiranga, de São Paulo, é outro elemento em cogitações. O sr. Eurico Lisboa Filho, vice-presidente do Vasco, foi a São Paulo e ofereceu quinhentos e cinqüenta mil cruzeiros (Cr$ 550.000,00) pelo passe de Homero. O clube paulista, entretanto, não se manifestou favorável. E, segundo dizem, acha que é pouco dinheiro para tão boa aquisição.

Como dissemos, o Vasco está cada vez mais sedento



BARBOSA e JORGE examinam um álbum de recordações. Após uma vitória como a de 1950, tudo parece mesmo azul...

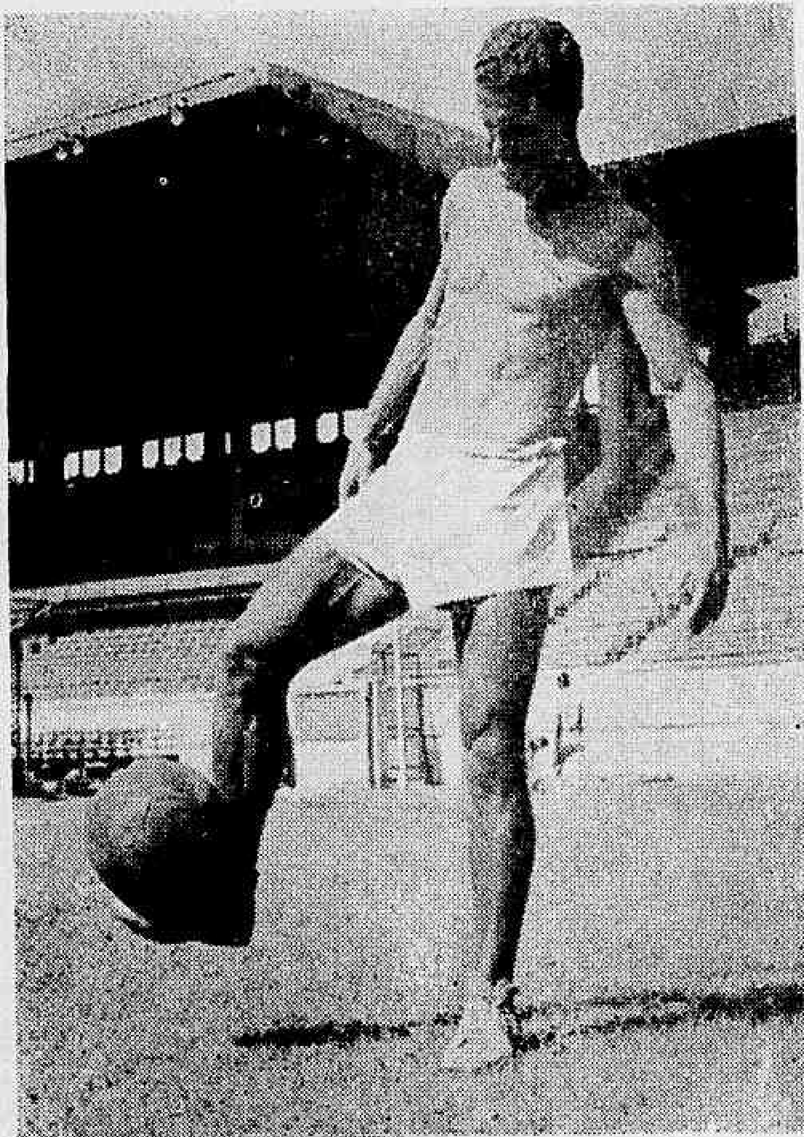


ADEMIR ESTÁ DANDO uma lição de futebol ao garoto, seu fã de tôdas as horas. E diz: «Sou hoje um «crack» porque nunca desprezei a técnica. E depois: «Em futebol não se corre atrás da bola. Siga a regra e ela virá a seus pés.

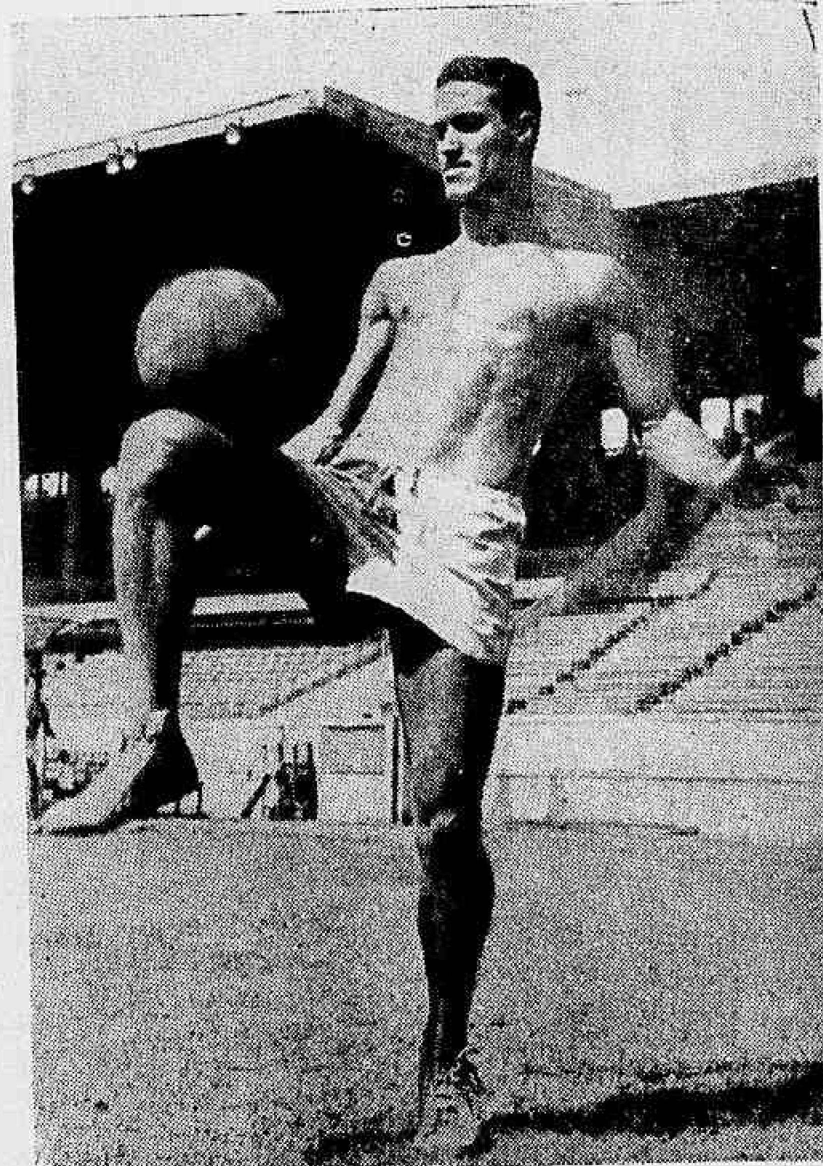




O SEGRÊDO é sempre treinar muito, disse Ademir. Em futebol não há segrêdo. E' preciso muita persistência.



O DOMÍNIO da pelota só se consegue depois de muito treino. Parece fácil à primeira vista; mas experimentem...



E ADEMIR faz o que quer com a bola. Ela é dócil sob a ação de seus pés, como se fôsse uma criatura obediente. Eis o segrêdo de suas vitórias aqui e no estrangeiro.

de glórias. Não quer dormir sôbre os louros. Haja vista que cinqüenta por cento dos vice-campeões do mundo saíram do seu quadro: Barbosa, Augusto, Danilo, Eli, Alfredo, Maneca e Ademir

Dias atrás, correu a notícia de que o Bangu estava interessado na aquisição de Eli. Um jornalista perguntou ao Major Póvoas se a direção do Vasco já havia tomado conhecimento do fato. Êste respondeu negativamente afirmando, entretanto: "Eu vendo Eli por dois milhões de cruzeiros; isto é, exigiria esta importância como base para início de conversações. Não pode haver nenhuma dúvida sôbre a necessidade de uma equipe contar com um jogador como Eli, jogando a enormidade que êle está jogando. Todavia, preferimos ficar com Eli e contratar outros grandes valores, já que partiremos com vontade para a conquista do tri-campeonato".

Aproveitando a oportunidade o nosso confrade perguntou ao Major Póvoas o seguinte:

— Se porventura outros clubes se interessarem na aquisição de outros "cracks" vascaínos, quanto custariam os seus passes?

O Major refletiu um pouco e disse:

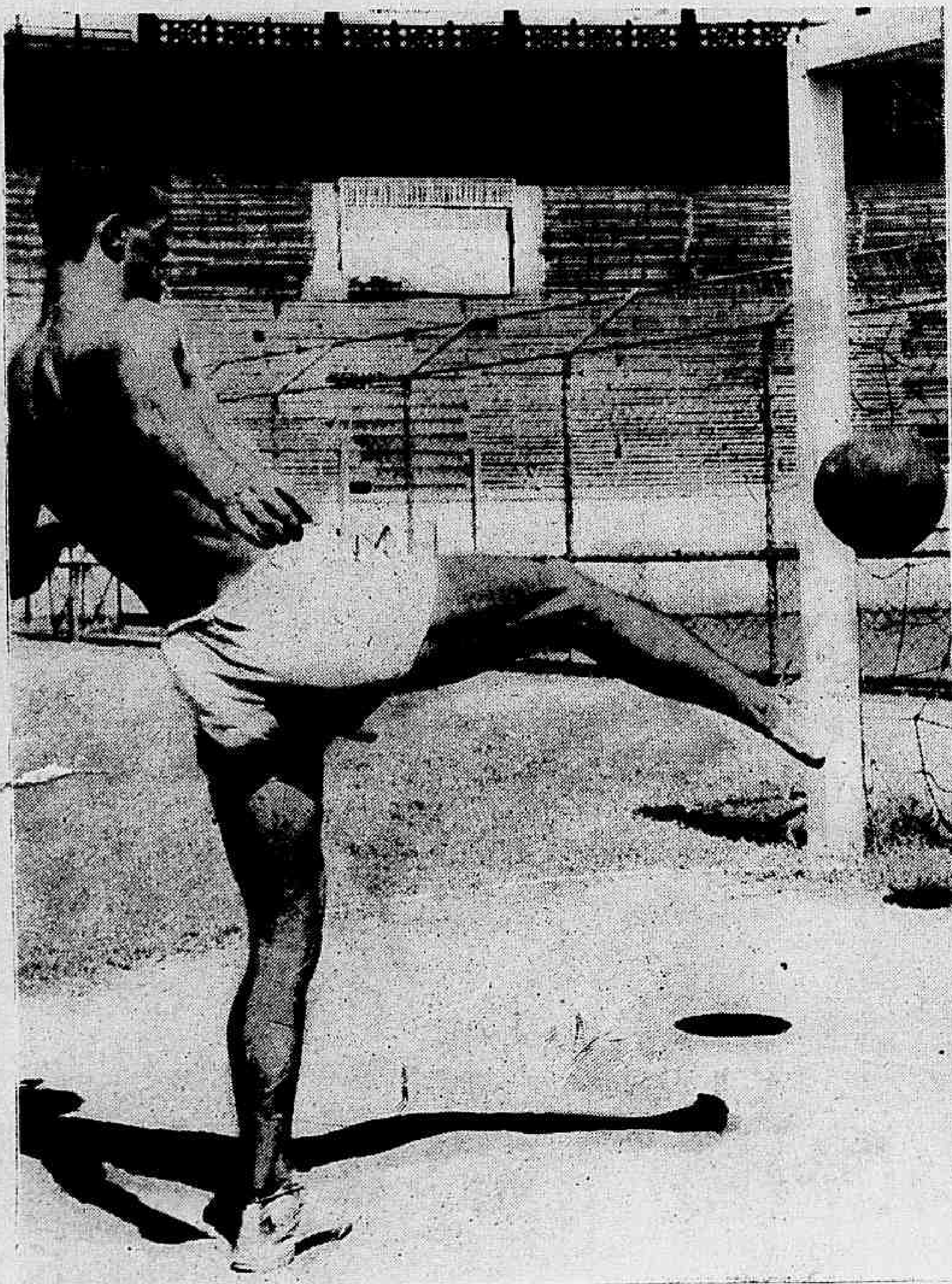
— Barbosa custaria o mesmo prêço do Eli: dois milhões; Augusto, Danilo e Maneca, uns três milhões de cruzeiros para preparação dos passes. Depois a gente daria o preço definitivo.

— E Ademir — o ser esqueceu de dizer o preço de Ademir...

— Não esqueci, não senhor. O Ademir não tem preço. Todos os clubes cariocas reunidos não podem comprar **"O Águia do Vasco".** Sim, porque não há dinheiro que pague o quanto êle vale, sem querer com isso desvalorizar os demais.

★

Em verdade, durante a "Copa do Mundo" a imprensa nacional e estrangeira proclamou Ademir como o maior artilheiro do mundo, tendo nessa ocasião conquistado um tro-



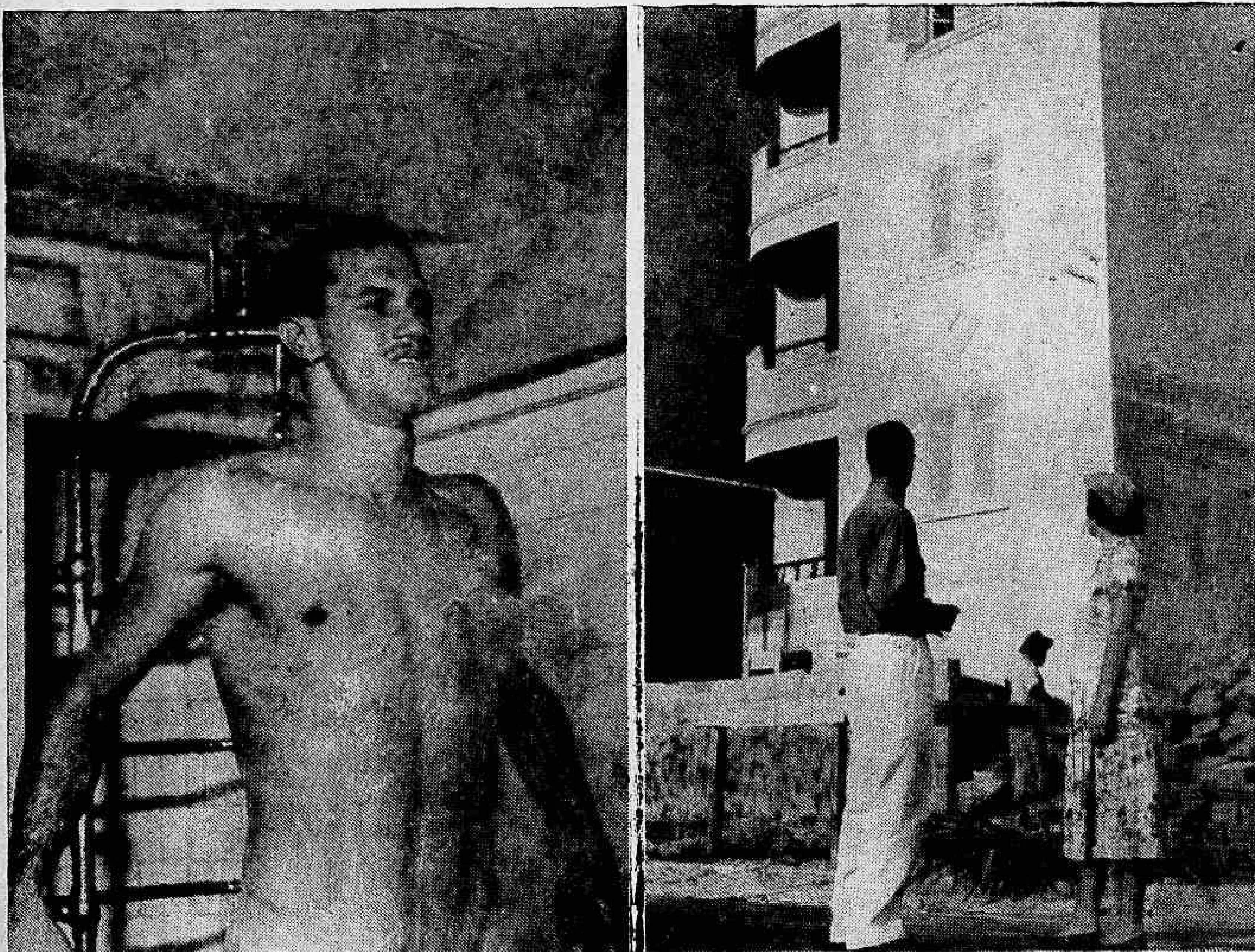
UMA VEZ SENHOR absoluto da pelota, tornou-se o maior artilheiro do mundo. Para mostrar o quanto é admirado, o Presidente da República do México lhe ofereceu um troféu



POR DIVERTIMENTO, às vêzes, Ademir chuta para ver Barbosa esticar-se no espaço em busca da bola. E, apesar da eficiência do famoso goleiro, a bola de Ademir chega às rêdes



ADEMIR NÃO LARGA A MEDALHA DE N. S. DAS VITÓRIAS, O TALISMÃ GARANTIDOR DE SEUS TRIUNFOS



DEPOIS do treino a ducha fria a estalar no peito como uma granada. Há, às vêzes, ligeiro exame médico, preventivo.

ADEMIR e sua espôsa, antes de tomar o carro para um passeio, olham o edifício onde possuem um bom apartamento.

fêu oferecido pelo Presidente do México, sr. Miguel Alemán. A sua resistência, a sua técnica e a sua maliciosa maneira de chutar em "goal" deram-lhe um cunho todo especial de jogador de classe. Tem ganho muitos outros concursos, destacando-se um que fôra promovido recentemente por um grande laboratório, fabricante de conhecido analgésico. Foi proclamado pelos seus fãs como o melhor "crack" e recebeu do laboratório, como prêmio, um apartamento no valor de trezentos mil cruzeiros (Cr$ 300.000,00).

E' notório que os artistas de rádio recebem muita correspondência. Luís Gonzaga, César Ladeira, Júlio Louzada, Sagramor ou Celso Guimarães recebem uma média de 30 cartas diàriamente. Pois bem. Tôda a correspondência dêsses ídolos não chega nem a metade da do Ademir. Tivemos ocasião de ver. Eram 10 horas da manhã quando chegávamos à sede do Vasco. Dez minutos depois chegou o carteiro e entregou um amarrado de cartas ao porteiro. Era a correspondência dos jogadores.

— A do Ademir está aqui? — perguntou o porteiro.

— Não. Está aqui.

E o carteiro despejou em cima de uma mesa, pequena mala cheia de cartas.

— Todo isso ; para o Ademir? — perguntamos.

— Hoje veio pouca coisa. O sr. é repórter? Então pode escrever isso: "há 18 anos que eu sou carteiro. Nem Juiz de Direito nem Ministro de Estado, recebe tanta carta como o Ademir."

De fato, centenas de cartas e telegramas de todos os recantos do país e do exterior chegam diàriamente às mãos do grande "crack". Apesar de ter alcançado posição invejável no futebol Ademir continua com os seus hábitos simples e as suas maneiras cavalheirescas. Responde religiosamente a todos os fãs que lhe escrevem, tendo, aliás, como secretária a sua própria espôsa, sra. Celeste Menezes. Cursou odontologia até o segundo ano, tendo abandonado os estudos para dedicar-se com mais ardor ao futebol, do qual é um apaixonado. Gosta muito de cinema, indo quase diàriamente. Casou-se em 1948 e desde então anda louco por um filhinho que ainda não veio. E' pernambucano, filho do sr. Antônio Menezes e nasceu a 8 de novembro de 1922. Tem 6 irmãos: 4 homens e 2 mulheres. Estreou no futebol no Recife. Há oito anos está no Rio. Primeira-



É ADEMIR, INDISCUTÌVELMENTE, O MAIS POPULAR DOS "CRACKS" DO BRASIL. QUANDO PÁRA SEU CARRO LOGO ATRAI OS FÃS.



D. CELESTE MENEZES, CARINHOSAMENTE, ACENDE O CIGARRO DO "CRACK". AMBOS ESTÃO LOUCOS POR UM FILHINHO QUE NÃO VEIO AINDA

mente estêve 2 anos no Fluminense depois ingressou no Vasco, onde tornou-se notável.

★

D. Celeste e Ademir formam um casal feliz. Num ligeiro "recuerdo", d. Celeste nos conta como se deu o romance e a felicidade de que desfrutam.

— "Foi aqui mesmo na colina de São Januário. Estavam jogando Vasco e Fluminense. Um grande jôgo! E foi justamente o meu Ademir quem conseguiu marcar a vitória para o seu quadro. Lembro-me de um lance que me deixou, de início, bastante nervosa: o Fluminense atacava e ameaçava o arco cruzmaltino. Foi quando Eli, tentando barrar o ataque adversário, atingiu a Spinelli. O dianteiro caiu no gramado. Tive a impressão exata de que tinha uma das vistas vazadas. Passados alguns instantes verifiquei nada haver de anormal, já que Spinelli continuou participando da sensacional peleja.

"Depois — continuou d. Celeste — ficamos enamorados e aqui estamos desfrutando da felicidade que sabemos criar. Entendemo-nos às mil maravilhas e quem nos protege é Nossa Senhora das Graças".

Ademir sorria e deixava transparecer em seus olhos brilhantes a satisfação do "recuerdo". Ratificou as palavras da espôsa e nos disse:

— "Esta, meu caro, é a mais maravilhosa das espôsas..."

Mudamos o rumo da palestra e abordamos o assunto que atualmente vem preocupando os amantes do futebol: Flávio e Oto.

Com a mais absoluta tranqüilidade, o meia- vascaíno nos adiantou:

— "E' verdade, sentimos muito a saída do Flávio Costa. Êle sempre foi nosso amigo e conselheiro. Não resta dúvida de que é um grande técnico. Não creio, no entanto, que o Vasco com isso venha a sofrer algum colapso. Temos o mesmo plantel de "cracks", a diretoria busca conquistar outros elementos de valor e, além do mais, temos também esta preciosidade que se chama Oto Glória. Com Flávio, Oto forma uma dupla de grandes adversários. Êle sabe da responsabilidade que assumiu e tudo fará para que possamos levantar o tri-campeonato. Estamos colaborando para que seus esforços sejam coroados de pleno êxito.

(Cont. na pág. 48)

APESAR de ser verdadeiro ídolo do público, é Ademir um cidadão simples, modesto, afável, como se vê pela foto.

ACONTECE que, às vêzes, Barbosa agarra o pelotaço de Ademir. O goleiro sorri, mas só êle sabe o quanto custa...



O TÔCO DE CIGARRO

A ponta de cigarro guardada naquela gaveta tão íntima, a das recordações e "lembranças" de Humberto, era de tôdas as reminiscências, a mais estimada, a mais querida. Ali colecionava as velhas cartas, os "santos" ganhos na igreja quando menino, retratos de amigos remotos, mechas de cabelos de amôres distantes. Mas, quando a examinava, sua atenção ia logo a uma caixinha, que abria, e lá via o querido resto de cigarro a que tanto amava!

Que ironia! Apenas um tôco de cigarro. Ficava a revirá-lo nos dedos, olhando-o, examinando-o em adoração infinita, vendo a mancha de "baton" em sua ponta. Era simples tôco de cigarro. Bem ordinário até. Um quarto de cigarro inteiro, já com o papel amarelecido pelo tempo, dêsses milhões que se vêem jogados pelas ruas. Mas, aquêle era querido para Humberto. Era o marco de uma recordação, um sofrimento, amor que sòmente o tempo ia conseguindo aos poucos, apagar de seu espírito.

Aquele domingo, olhou a velha lembrança. A mente cansada foi voltando a tempos atrás, numa recapitulação de tôda sua vida. Lembrava-se bem. Era domingo. Com a alma feliz e cheia de ilusões de um adolescente, fôra à igreja com um amigo. Na saída, o colega foi embora. Sòzinho, ficou num banco do jardim, até que viu chegar e sentar-se ao lado, aquela mulher! Nunca lhe soube o nome, e só a vira aquela vez. Lembrou-se bem. Ela sentou e lhe sorriu. Com o coração aos pulos, retribuiu-lhe o sorriso, mas perturbado. A alma de jovem de 16 anos, ainda não experiente no amor e na vida, estava num torvelinho de pensamentos afetuosos. Jamais vira mulher tão linda!

Ela lhe sorriu mais uma vez, e lhe disse coisas que não mais se lembrava. Só recordou que seu coração deu pinotes interminàveis. Aquela voz cristalina e doce parecia ter vindo do céu.

Desajeitadamente lhe ofereceu balas. Aceitou e continuou a sorrir-lhe. Mais tarde, ela tirou da bôlsa uma carteira de cigarros e lhe ofereceu. Ficou perturbado; jamais vira mulher fumar, e ainda mais lhe oferecer! Sorrindo desajeitado, disse-lhe que não fumava.

Ela colocou o cigarro nos lábios, e acendendo-o começou a soltar baforadas. A fumaça subia, indo enroscar-se nas árvores do jardim.

Humberto ficou a olhá-la, extasiado. "Como é linda! Se eu a pudesse namorar! Mas ela é muito velha para mim."

E Humberto amou-a. Ficou apaixonado por aquela mulher que lhe parecera uma deusa vinda de país encantado. Em sua alma de jovem romântico, vivendo a perigosa juventude, já sentia que a amava verdadeiramente.

Lembrava-se que ela jogou o cigarro e levantou-se sorrindo: "Até logo".

Humberto teve ímpetos de segui-la, implorar-lhe a atenção, sua amizade, e... talvez até seu afeto. Mas, conteve-se. Jamais poderia namorá-la; havia preconceitos, suas idades... Teve um choque, quando pensou: "E' capaz de ser até casada, ou noiva..."

Olhou para o chão, resignado. Os olhos, sem querer, pousaram no tôco de cigarro, que fumegava entre duas pedras na calçada. Apanhou-o. "Pelo menos, isto fica de lembrança!"

Apagou e levou para casa.

A noite, não saiu. Os amigos o vinham chamar, e êle prêso no quarto. Deitado na cama, olhava e revirava nos dedos, a única lembrança que a mulher lhe deixou.

A mãe, estranhando a atitude do filho, que nunca ficara em casa numa noite de domingo, batia, às vêzes, na porta do quarto, e êle ràpidamente escondia seu tesouro em baixo do travesseiro.

Passaram-se dias. Humberto jamais esquecia aquela mulher. Ia muitas vêzes ao banco, onde a vira, e nunca mais a encontrou. Procurava nas multidões das avenidas, nos cafés e cinemas, e nada. Fôra como visão que surgiu e logo se desvaneceu.

Cresceu, ficou homem, e sempre apaixonado por aquela miragem inacessível, e amando também o tôco de cigarro, elo que o ligava da realidade àquele sonho infinito.

Quinze anos eram passados... Acordou de seus pensamentos, surpreendendo-se de pé em frente à cômoda com o objeto amado entre os dedos.

Os cabelos branqueavam nas têmporas, o rosto másculo e severo, revelava agora um homem maduro, indiferente a ilusões. Meditou:

"Quando a gente é jovem, quantas bobagens pensa! Quinze anos que eu guardo isso. Com que fim? Recordar... Recordar... Para quê? Amei-a, é verdade, mas por que isso me acompanha assim na vida? Caprichos de moço... Mas, agora já não sou mais adolescente, sou homem maduro, não ligo para ilusões, vou-me casar, já esqueci aquela mulher. E já que acabou aquêle amor "fogo de palha", a ardente primeira paixão de meninote, para que guardar isso?"

Atirou-o no fundo da gaveta. Foi à varanda e abriu o jornal. Lá estava o edital de seu casamento:

"Casam-se sábado próximo, na igreja de São Bento, o sr. Humberto de Assis e a senhorita Jandira Cunha. Êle, filho do sr. ..."

Sorriu intimamente. Ia casar, mudar de vida. Mas, pensou bem em si. Que vida de solteiro levou!

Os amigos sempre lhe diziam: "Você está emagrecendo, rapaz!". Olhava-se no espelho: Será mesmo? Boas razões tinha!

Mas agora tudo passou. Ia casar, já esquecera. Sòmente ficava aquêle maldito tôco de cigarro. Era preciso destruí-lo. "Mas fica para outra vez". Pegou o chapéu e saiu.

★

No dia seguinte, acordou tarde. Teve vontade de fumar. Olhou no bôlso, não havia cigarros. Lembrou-se de ir comprar, mas a idéia da caminhada o deteve.

"Fumarei aquêle mesmo!". Abriu a gaveta e tirou o velho ídolo. Acendendo-o, tirou a primeira baforada, outra...

Se fizesse isso alguns anos atrás, julgaria grande pecado, pois destruía o sagrado tôco de cigarro de suas recordações. Mas agora com o espírito prático e sem ilusões, aquilo era um cigarro qualquer.

De repente, sobressaltou-se. Que horror! Que náuseas! Começou a sentir arrepios de frio pelo corpo e vontade de vomitar.

(Cont. na pág. 46)

Conto de Waldemar Iglesias Fernandes ★ Ilustração de Oswaldo da Cunha





O conjunto das novas instalações da Rádio Gaúcha é uma síntese magnífica das últimas conquistas no campo da Acústica Física e Geométrica, podendo-se dizer, por isso que a nova «Gaúcha» figura na primeira linha das modernas estações americanas.

O apoio popular sempre tem prestigiado as iniciativas da Rádio Gaúcha. Em retribuição e também porque sempre foi assim — a Rádio Gaúcha imprime às suas realizações um caráter eminentemente popular. O que ela apresenta de grande, de bom, por mais custoso que lhe seja, entrega gratuitamente ao povo. E é por isso que o povo riograndense «torce» pela Gaúcha, vibra com seus feitos, solidariza-se com suas lutas, identifica-se com sua história.

A NOVA RÁDIO GAÚCHA

INÍCIO DE IMPORTANTE ETAPA PARA A RADIOFONIA DO PAMPA

O dia sete de novembro passado foi de particular importância para o rádio Riograndense Nessa data, entre festejos que os ouvintes tornaram públicos, tal foi sua repercução, inauguraram-se as novas dependências da Rádio Gaúcha, no 11º andar de imponente edifício da Avenida Borges de Medeiros. Solenes e grandiosas comemorações marcaram o ato que dotou o rádio sulino de uma emissora apta a aparelhar-se com as mais perfeitas e modernas do continente.

Cinco dias de engalanada programação seguiram o acontecimento. Festa de marcar época, dessas que a gente lembra muito tempo depois. Se a Gaúcha é, normalmente, a estação mais ouvida do sul, nestes dias teve sintonia absoluta. Em noitadas artísticas de alta significação, desfilaram ante o microfone da Pioneira os mais representativos valores da «prata da casa» — e mais Emilinha Borba, Orlando Silva, Marlene, os 4 Azes, os Trigêmeos Vocalistas, Edú e sua gaita e o grande humorista nacional que é Silvino Neto. O grande público que lotou constantemente o novo Auditório Artur Pizolli, e se aglomerou em frente ao edifício, interrompendo por diversas vêzes o tráfego na Avenida Borges de Medeiros dá testemunhos eloqüente do êxito da temporada.



A inauguração das novas instalações a Rádio Gaúcha teve a palavra do Govêrno Riograndense, ao qual a PRC-2 tem prestado os melhores serviços, colaborando com independência e elevação, prestigiando o que se realiza para o bem da família Gaúcha. Na foto, ao microfone, o dr. Walter Jobim, Governador do Estado. Da esquerda para a direita, os srs. Harry Kley, o mais antigo diretor da «Gaúcha», e Cândido Norberto, jovem mas antigo trabalhador da PRC-2 e recentemente eleito, com a primeira votação da Capital e segunda do Estado, Deputado à Assembléia Riograndense, numa reafirmação de prestígio pessoal e elevado conceito da «Gaúcha» entre a população.

No dia 11, para encerrar em laço de ouro as festividades da inauguração, a PRC-2 apresentou um show ao ar livre, no tradicional auditório da Praça da Matriz. Houve reboliço na cidade. Tráfego interrompido mais vêzes. Serviço especial de bondes para transporte do povo que ficou até altas horas apinhando a velha praça. E — fato excepcional — pela primeira vez o auditório transbordou: 50.000 pessoas!

Não houve dúvida: portoalegrense que pôde andar naquela noite, foi à Praça da Matriz. Os que não puderam, conformaram-se, ligando o rádio para a Gaúcha, e assistindo ao show de casa. O show da Praça da Matriz foi a mais certa afirmativa



Frente ao magestoso edifício onde está localizada a Rádio Sociedade Gaúcha, à Avenida Borges de Medeiros, o tráfego foi interrompido diversas vêzes durante a semana inaugural. A população portoalegrense queria participar dos dias festivos que entregaram ao Rio Gran de do Sul a última palavra em organização radiofônica e deram à Pôrto Alegre o maior desfile artístico já realizado nos Pampas.

da amizade que o povo gaúcho dedica à PRC-2. Porque todos compreenderam o ideal e o arrojo da «Mais Antiga» e ninguém lhe nega apoio. Assim, amparada pelo alto conceito de que goza entre o público ouvinte, a Rádio Gaúcha enceta esta nova jornada, bem aparelhada, bem dirigida, e, principalmente, benquista por seus ouvintes.

Durante os festejos do passado Carnaval, a PRC-2 voltou a apresentar, e desta vez com brilho renovado, seu tradicional programa «Momolândia» — a Cidade de Mômo.

Durante todo o mês de janeiro, e princípio de fevereiro, seu auditório se encheu, diàriamente, de foliões, que vinham aplaudir os ótimos conjuntos locais, e ouvir os artistas de renome nacional que animaram as movimentadíssimas audições dêste programa.

Pelo microfone da Gaúcha desfilaram, entre outros, Blackout, Heleninha Costa, Gilberto Milfont, e Jorge Goulart. Foram audições que primaram pela vibração carnavalesca que conseguiram despertar no auditório, e pela extraordinária sintonia que conquistaram no seio do público riograndense.

Para futuro bem próximo, a direção Artística da Rádio Gaúcha pretende movimentar a temporada de 1951, com a apresentação de novos programas vivos — que, ao que se sabe, serão estrelados pelos mais benquistos artistas do «broadcasting» nacional.







A esquerda: — Quando a Rádio Gaúcha inaugurou, recentemente, novas instalações, conseguiu algo de excepcional: Expontâneamente a população transformou os atos inaugurais em autêntica festa da cidade. A «velha Gaúcha» fez-se novíssima entre as mais comoventes manifestações de entusiasmo popular. Na foto, a exma. sra. Alzira Pizoli, descobrindo a placa que tem o nome de seu saudoso espôso — Artur Pizoli, a maior fôrça criadora do «broadcasting sulino. — Ao centro: — um dos muitos astros e estrêlas que desfilaram frente ao microfone engalanado da PRC-2 durante os festejos da inauguração: Edú e Sua Gaita. Em audições cheias de brilho e de arte, o grande artista da harmônica de bôca encantou os ouvintes da «mais antiga». Mas não foi êle o único... — À direita: — Não faltou aos festejos inaugurais da Rádio Gaúcha o romantismo das valsas antigas, e dos sambas canções. Na foto vemos Orlando Silva, durante uma de suas audições. Não é precisa falar de como foram recebidos seus programas: basta olhar a fisionomia dos ouvintes do auditrório.



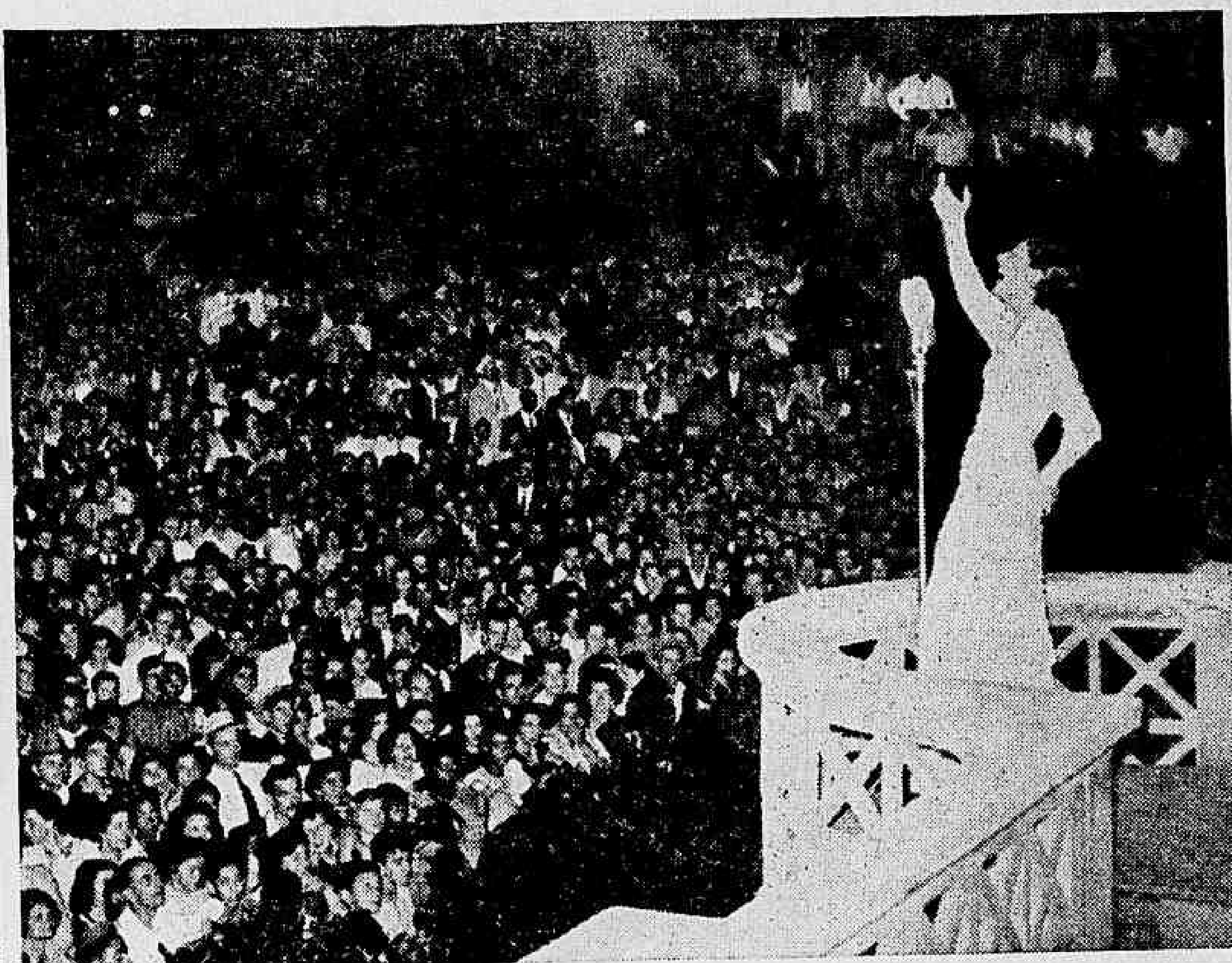
Não sobrou um espaço vago na festa popular promovida pela Gaúcha. Aqui aparecem os Quatro Azes e um Coringa cantando para um público que disputou lugares, ganhou alturas, vibrou e se divertiu diante do mais caro e bonito desfile de astros e estrêlas do rádio brasileiro levado a efeito no Sul do Brasil. Também desfilaram Edú e sua gaita, Trigêmeos Vocalistas, Silvino Neto, grande orquestra da Gaúcha e um elevado número de valores locais.



Depois da inauguração, não arrefeceu a Rádio Gaúcha o impulso de sua nova fase: novos lançamentos foram feitos, assegurando-lhe a sintonia, lotando-lhe o auditório: Blackout, Gilberto Milfont, Eleninha Costa, Jorge Goulart, etc. Paralelamente melhora a PRC 2 o mais prestigiado «cast» de rádio-teatro do Rio Grande; a equipe esportiva de maior projeção, única no Estado com grandes realizações no estrangeiro; e redatores-produtores e o mais completo e popular jazz do Estado, a orquestra de Ernani & Marino.



Ao seu moderno e amplo auditório compareceram, além do Governador do Estado e altas autoridades estaduais e municipais, civis, militares e eclesiásticas, representantes do comércio, indústria e sociedades riograndenses. No clichê, Emilinha Borba, uma das muitas estrêlas que luziram ao microfone da «Gaúcha».



Pela primeira vez na história de Pôrto Alegre o auditório Araújo Viana, transbordou. Nada menos do que cinqüenta mil pessoas formaram o pedestal sôbre o qual, mais uma vez, firmou-se o microfone mais antigo do Rio Grande do Sul. Vê-se, Marlene, a rainha do Rádio, cantando para o público.



Mais uma vez a MOMOLANDIA preparou os ouvintes da Gaúcha para o Carnaval. Programa tradicional de vários anos. Momolândia continua a ser o que seu nome indica: a cidade de Mômo. Neste ano, foram excepcionais os sucessos alcançados por êste «broadcasting». Na foto, Gilberto Milfont, durante uma de suas audições.



Com auditório superlotado, Heleninha Costa posa para o fotógrafo. A graça da bregeira estrêla foi aplaudidíssima durante as apresentações de Momolândia em que tomou parte. Abrilhantada por tantos artistas a temporada carnavalesca da PRC-2, foi sem dúvida, a mais extraordinária que até hoje se constatou no sul do país.

UM SONHO PROFÉTICO

NOVELA DE A. P. MESQUITA

— Isto é uma exploração! Duzentos cruzeiros! O homem estêve aqui, olhou, palpou o menino, conversou, escreveu o nome de um remédio e foi embora! Não pago!

— Mas Antônio, não foi você quem chamou o médico?

— Eu sei Felisbina; mas que isto é uma exploração, é.

— Ora, Antônio, deixe de chôro. Pague logo ao doutor.

— Está bem; eu pago; mas, de outra vez, eu sei como é que faço.

— Como é que você faz, Antônio?

— Levo o menino no "pôsto"; é de graça.

— E'? Pois sim! Quero ver você esperar na fila.

E lá se foi o Antônio, ao consultório do dr. Terêncio.

★

— Queira sentar-se, "seu" Antônio.

— Pois é, doutor, venho pagar a conta. E' um pouco "salgada", mas...

— O senhor achou caro, "seu" Antônio?

— Bom, doutor... o senhor há de me perdoar. O senhor estêve lá em casa uns dez minutos; examinou, escreveu, e foi logo embora. Não querendo desfazer no senhor, doutor, eu paguei ontem 50 cruzeiros a um pedreiro que trabalhou o dia todo no quintal fazendo um galinheiro.

Antônio, vendo pela fisionomia do dr. Terêncio que suas palavras tinham perturbado o facultativo, tratou de modificar a situação, acrescentando:

— Bom, doutor, o senhor queira me desculpar. A vida está cara, os impostos...

— Está bem, interrompeu o doutor, procurando controlar-se. Não há nada. O senhor naturalmente não compreende a diferença entre a saúde de seu filho e o seu galinheiro. O senhor não distingüe um trabalhador braçal dum intelectual com currículo universitário. O senhor nem tem mesmo a idéia do que seja um currículo universitário, não é mesmo? Não há nada, "seu" Antônio; seu filho ficou bom, não é, "seu" Antônio?

— E', "seu" doutor.

— Então, está bem. Está "tudo azul", não é mesmo?

Só, no consultório, Terêncio pensava na vida. Formara-se há 17 anos e "abrira" consultório naquele bairro. Não passava privações, é verdade, mas não enriquecera como o Salim, que instalara um "armarinho", nem como o Antônio, do qual se despedira há poucos instantes, e que era dono de um armazém.

Terêncio já clinicava no bairro quando Salim e Antônio chegaram ao Brasil. O sírio e o português estavam ricos. Terêncio, o máximo que conseguiu foi um automóvel "Fiat Pulga", bem pequeno e bem econômico, para ir ver seus doentes.

★

Antônio chegara a casa.

— Então, — pergunta a Felisbina — você pagou a conta do doutor?

— E' boa! Pois eu não fui pagá-la?

— Você estava achando ruim.

— E achei mesmo.

— Que vergonha, Antônio.

— Vergonha por quê?

— O doutor ficou zangado?

— Não; zangado não ficou, mas disse umas coisas.

— Que coisas?

— Sei lá. Só me lembro que êle falou de um tal "carrículo" universitário.

— "Carrículo"?

— "Carrículo universitário" — repetiu Antônio.

— Ah! Só se é aquêle automóvel pequeno que êle tem — concluiu a Felisbina.

— Mas aquêle não é universitário. E' "Fiat Pulga" — esclareceu Antônio.

— Ora, Antônio, se é pulga, jogue-lhe em cima, na primeira esquina, um caminhão de "Detefon".

★

Terêncio chegara a casa.

— Que houve com você, querido?

— Não houve nada.

— Com essa cara feia e não houve nada?

— Cara feia?... Bobagens.

— Não fique assim, Terêncio; conte o que há.

— Ninguém dá valor ao médico, Mariana.

— Deixe disso. Você sabe que para mim você vale mais do que tudo.

— E' por que sou seu marido.

— Conte o que houve, meu bem. Conte "pra" mim.

— Bem. O "seu" Antônio achou cara a minha conta.

— O "seu" Antônio da "venda"?

— E'.

— Aquêle ignorante, analfabeto, ladrão, que vive aumentando a "conta" no "caderno". Todo o fim de mês "tem" sempre engano, sempre qualquer coisa a mais, ou então é "somada errada". Se a gente não ficar de ôlho...

— Pois é isso Mariana. Êste homem não sabe que para ser médico é necessário que se "tire" um curso primário, um curso secundário e um curso universitário. Êle não sabe que isto representa quase vinte anos de estudos, de esforços e despesas. Só em livros...

— Você estuda de mais, querido — interrompeu Mariana.

— Mas não pode ser de outro modo, meu bem. Se eu não acompanhar os progressos da medicina ficarei um médico antiquado.

— Não diga isso, Terêncio. Você ainda há de ser um grande médico.

— Não, Mariana. Nunca serei um grande médico.

— Não fale assim, querido.

— Ouça, Mariana. Os grandes médicos de hoje, quando começaram a clinicar, não eram grandes médicos.

— E não desanimaram, não foi?

— Sim; não desanimaram. Êles "montaram" consultório e seus primeiros doentes foram pessoas de poucos recursos. Não existiam então os Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões dando assistência médica a pessoas "remediadas" e até mesmo a ricos. O govêrno não fazia concorrência aos médicos.

— Deixe de chôro, Terêncio. A coisa não é assim tão feia. Afinal, não somos ricos, mas não passamos privações.

— Não passamos privações devido à desorganização dos "Institutos" e "Caixas". No dia em que os serviços médicos das autarquias forem bem organizados, não teremos mais clínica nenhuma.

— Não seja tão pessimista, Terêncio. Sempre há de haver "um jeito".

— Não, Mariana. Não há "jeito". Os tempos mudaram. Os grandes médicos de hoje serão os últimos grandes médicos do Brasil. Eu e outros médicos mais moços, seremos profissionais anônimos de uma autarquia ou repartição qualquer. Não seremos mais "profissionais liberais", mas obscuros proletários da medicina, e nesta qualidade, seremos solicitados para ver um doente, da mesma maneira com que são chamados pedreiros ou bombeiros-hidráulicos para endireitar goteiras no telhado ou desentupir pias. Seremos...

O tilintar do telefone interrompera Terêncio. Êle mesmo atendeu ao chamado.

— Alô. E' êle mesmo. Está bem. Eu passo aí.

— Que cara feia outra vez, Terêncio.

— Como é que você quer que eu fique satisfeito com um caso como o da Marlene?

— Que Marlene?

— E' uma menina tuberculosa. Caso bem "avançado".

— Mas, por que ela não se interna?

— Já tentou; não conseguiu. Está esperando "vaga" no hospital. Está na "fila".

— Que fila?

— A fila da morte.

— Mas, Terêncio, não inauguraram há pouco tempo um sanatório?

— E você pensa que isto resolve?

— Pelo menos melhora, não é?

— Ouça, Mariana. Não se resolve nenhum problema combatendo os seus efeitos, e sim as suas causas. Um tuberculoso tratado precocemente é um candidato à cura; um tuberculoso tratado tardiamente é um candidato ao cemitério. Por isto mesmo, se é que querem combater a tuberculose, seria melhor que se instalassem, nos bairros pobres, barracões com comida, educação sanitária e medicamentos. Se não querem combater a tuberculose, seria melhor, mais prático e barato, que, em vez de sanatórios luxuosos, se inaugurassem cemitérios populares.

— Deixe de demagogia barata, Terêncio. A Marlene está esperando.

— Até já, meu bem.

★

Na rua, Terêncio pensava na socialização da medicina. Por que só a medicina estaria socializada? Será que a sociedade só precisa dos médicos? E a classe médica não teria direito a outros serviços que não os seus próprios?

Uma sociedade equilibrada deveria ser, ou capitalista, tudo se baseando na livre concorrência, ou socialista, tudo se fazendo sob o contrôle do Estado, cuja função seria a de evitar abusos. O que não estava certo era um "socialismo" só para a classe médica, condenada a viver de empregos, e um "capitalismo" sem limitações, para as demais classes. Havia nisto um absurdo tão grande como o de um homem que fôsse pobre e rico ao mesmo tempo. Êle seria rico em chapéus ou sapatos, mas pobre em tudo o mais. Êle andaria sem gravata e usaria camisas rasgadas e ternos sebosos e surrados; em compensação, ostentaria

(Cont. na pág. 46)



Crônica

A RESPEITO DE UM FILME



PERGUNTA-ME você, querida amiga, a minha opinião sôbre êsse filme, agora tão falado, "Destino Amargo", tão comentado e discutido pelas suas amigas. O que você quer saber não é se o filme é bem feito, bem dirigido e bem representado. O motivo da discussão de suas amigas é o tema da película, em que se encontra um dos mais sérios problemas femininos, isto é, o amor desinteressado. Você, ao contrário do que pensa a maioria de suas amigas, acha que a situação é possível. Quer dizer: você concorda com o fato de uma mulher que se sabe desenganada, resolver agasalhar a rival, preparando assim um futuro casamento dela com o marido.

Vamos ver, em síntese, a situação. Um engenheiro, casado, amando sua espôsa e sendo amado por ela, tem como colaboradora uma jovem e linda viúva que se entusiasma por êle e por quem êle também se sente interessado. A espôsa descobre êsse mútuo interêsse. Como, porém, sofre de câncer e tem os dias contados, resolve, embora pesarosa, trazer a moça para o seu lar, dando-lhe o mistér de ensinar à filha, para assim se ambientar e vir a ser a futura espôsa de seu marido. Eis o conflito.

Agora, a minha opinião, sincera:

Estou em que o amor é um sentimento feroz, egoista, exclusivista. Nenhuma mulher, mesmo à hora da morte, transigiria com uma rival — desde que realmente amasse seu marido. Nenhum marido que realmente amasse sua espôsa, teria entusiasmo por uma outra. Nenhuma apaixonada, realmente apaixonada, transigiria com a situação criada, tanto mais que ignorava o problema da outra, da espôsa. Não concordaria em ir residir na própria casa daquele a que amava, para assistir seu romance com a espôsa. Essa é a simples e cotidiana realidade. Assim, a situação do filme me parece falsa, sem qualquer apoio na verdade que todos os dias estamos vendo.

Sem mais, e certa de ter atendido ao que você desejava saber, muito pesarosa por ter de desiludir seu jovem e crédulo coração adolescente, aqui continuo às suas ordens.

LYSE



CABELOS CURTOS

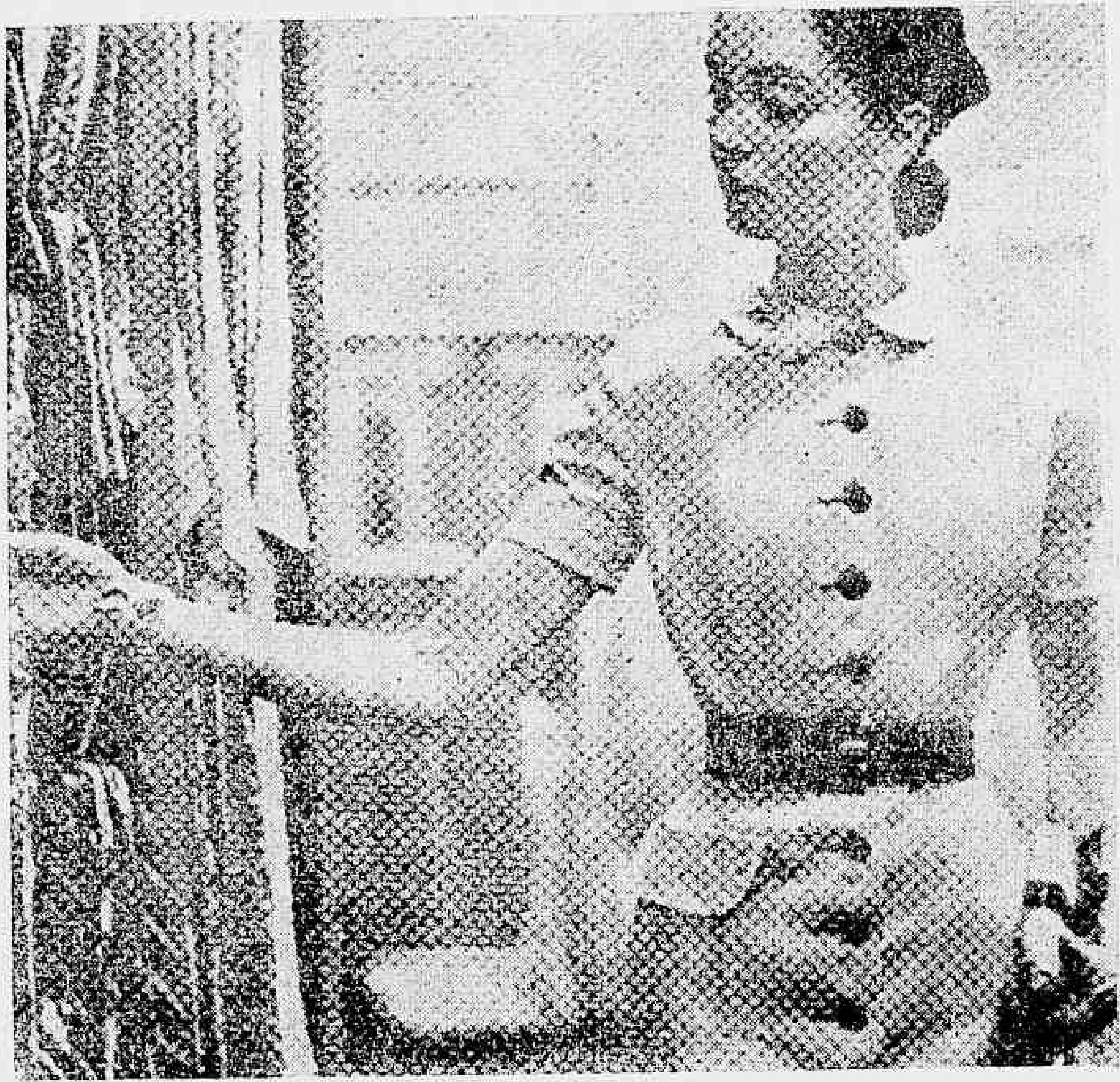
OS cabelos curtos continuam muito em moda; êles facilitam mais os penteados e são mais próprios para os dias quentes que atravessamos. Nesta página apresentamos algumas encantadoras sugestões apresentadas por algumas das mais formosas estrêlas de Hollywood. Em cima, temos à direita, Margareth Sullavan, da Columbia; à esquerda um sugestivo penteado próprio para a noite; em baixo, da esquerda para a direita, Kathryn Grayson, Kay Williams e Elizabeth Taylor, tôdas da M.G.M.











MODELOS *Ligeiros*

HÁ sempre a necessidade de um ou outro vestido de talhe mais simples que se adapte para as ocasiões sem cerimônia ou para saidas ligeiras. Êstes modelos adaptam-se perfeitamente para tais circunstâncias. Vestido em sêda com a saia pregueada a pregas soltas e o corpo pregueado no sentido vertical. Saia de panos e mangas três quartos bem franzidas, são as características dêste vestido para tarde. Vestido de linho, inteiramente abotoado na frente com um único bôlso na saia. As casas devem ser feitas em linha de tom escuro, para sobressairem. Não pode haver nada de mais simples que êste modêlo com corpo enviezado de mangas japonêsas e saia justa, com bolsos embutidos.



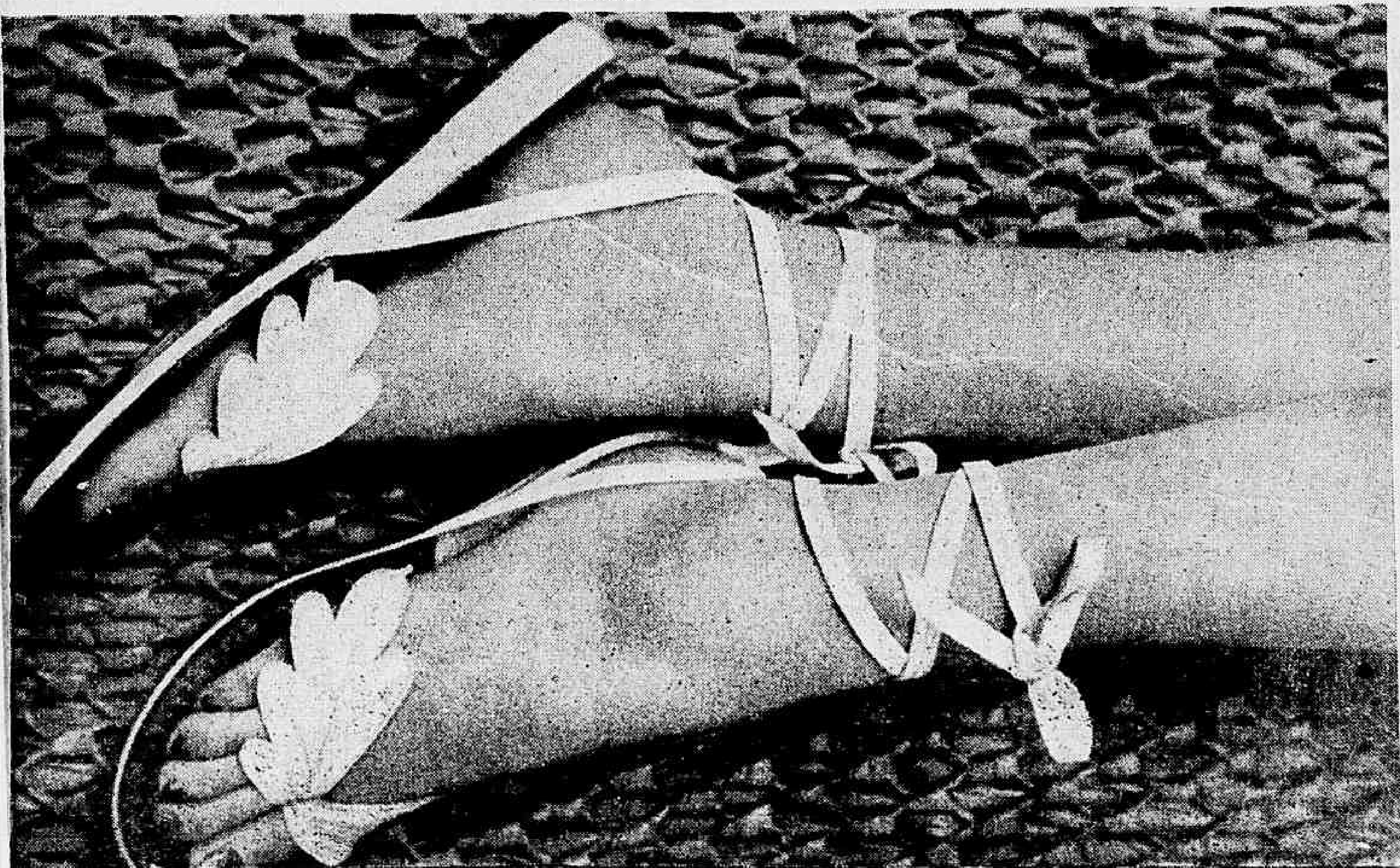






ROUPAS DE FÉRIAS





Apresentamos algumas novas sugestões para a maior variação do guarda-roupa de férias. São tôdas idéias novas e interessantes que, por certo, agradarão. E' interessante notar o modêlo de calças três quartos, bem justa, dando uma idéia das usadas pelos toureiros; também sugestivos são êstes sapatos formados por uma única fôlha e amarrado em tôrno da perna.







MODELOS EM PRETO

É interessante notar-se que mesmo durante as estações quentes são bastante usados tecidos em tons escuros, embora se diga que as côres escuras aumentam o calor. Vestido em tafetá na frente com pequenos botões de perolas. Modêlo sem mangas, transpassado, com saia bem justa. Saia justa e corpo inteiro, japonês, são as caracteristicas dêste modêlo. Elegante modêlo para tarde, com saia justa drapeada dos lados e corpo com decote assimétrico.



"MAILLOTS" DE ALGODÃO

SEM dúvida os modelos de maillots mais usados nas praias durante êste verão, são os confeccionados em fazendas de algodão, em padrões lisos ou estampados. Apresentamos alguns modelos que podem ser confeccionados fàcilmente; é interessante notar-se a predominância dos modelos inteiros. Geralmente todos os maillots possuem alças que possam ser removidas durante o banho de sol.









Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 e ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



LYTOPHAN

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



FARMACIA GUANABARA LTDA.

Farm. responsável:

AGAR DE SCHUELLER BARBOSA LOPES

Variado sortimento de Perfumarias dos melhores fabricantes. Completo stock de drogas nacionais e estrangeiras — Manipulação escrupulosa.

RUA LICÍNIO CARDOSO, 261 — Tel. 28-0909



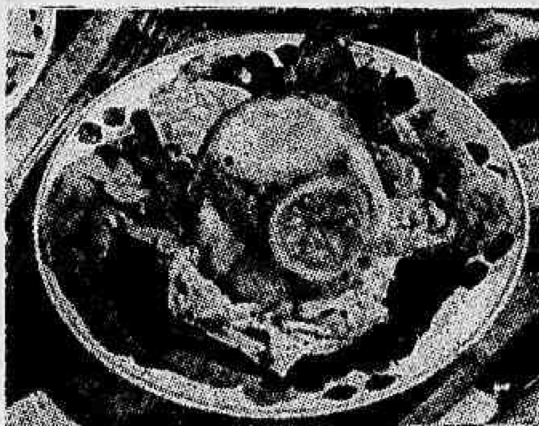
WEEK-END NA...

PRESUNTO

Escolhe-se uma perna de porco novo. Tira-se o osso, tocando a carne o menos possível com a mão. Tempera-se com sal e salitre, esfregando bem tôda a perna. Enterra-se no sal e aí se deixa ficar durante uns 8 dias. Tira-se e imprensa-se, pondo muito pêso em cima, deixa-se ainda uns três dias e até mais, em lugar fresco; quanto mais frio o tempo, tanto melhor ficará o presunto. Não se deve fazer em tempo quente, pois arrisca-se a perdê-lo. Quando se acha bem sêco, tira-se e pendura-se em lugar fresco e bem arejado. Quem quiser pode pô-lo no fumeiro. Depois de bem sêco, pode-se costurar num pedaço de pano.

RISSOLES DE QUEIJO

Tome 1 pão de fôrma, descasque e corte 24 quadrados de 1cm de espessura. Parta 2 fatias de queijo italiano, próprio para fritar (ou mesmo queijo de Minas) de ½ cm



de grossura. Passe manteiga no pão e deite o queijo entre duas, como sanduíches. Passe ligeiramente no leite, depois em ovos batidos e frite em banha bem quente misturada com manteiga. Sirva como acompanhamento de bifes. Rigota é o queijo mais próprio para êste fim.

GELÉIA DE JABOTICABA

Deite numa panela jaboticabas lavadas e escolhidas. Cubra com água fria e leve ao fogo até ficarem cozidas e as cascas rachadas. Esmigalhe com colher de pau e continue a mexer até engrossar o caldo, passe por uma peneira e depois côe num pano. Junte tantas xícaras de açúcar quantas do caldo obtido e leve de novo ao fogo. Espume e tome o ponto. Deite um pouquinho num pires, esfrie um pouco, e volte para baixo, se não desprender está pronto. E' mais seguro, em vez de medir por xícaras, pesar o caldo e igual pêso de açúcar. Guardem em bocais. E' uma das melhores geléias.

PATO RECHEADO

Tome dois patos novos, limpe, prepare, e deixe nos temperos que quiser. Pique miúdo os fígados com igual porção de toucinho inglês, 1 colher de cebolas picadinhas e leve tudo a corar em 2 colheres de manteiga. Depois junte 4 ovos duros picados e dados de pão torrado; bote tudo dentro dos patos, bezunte-os de manteiga e leve a assar no forno, não deixando de regar de vez em quando com o môlho. Deixe ficar bem dourados e depois junte um pouco de água quente na assadeira para aumentar o môlho.

Apresentação do prato: — Parta os patos pelas juntas, o peite em 2 partes e arrume no centro de uma travessa. Numa cabeceira ponha o recheio e na outra os patos. Desengordure o môlho e regue só os pedaços do pato.

MÔLHO HUSSARDE

Deixe tostar na manteiga 1 colher de cebola picadinha, depois molhe com 1 xícara de vinho branco, outra de caldo, e reduza à metade. Junte uma colher de massa boa de tomate, 1 ramo de cheiro, 1 fatia de presunto, e deixe cozinhar um pouco. Retire o presunto e passe tudo pela peneira. Leve de novo a esquentar, juntando o presunto picadinho e 1 colher de queijo ralado. Sirva quente.

PÃO DE MEL

250 gr de farinha, 2 colheres de manteiga, 1 colher de fermento, 1 xícara de mel, 1 pitada de sal. Mistura-se a farinha com a manteiga, acrescenta-se o mel e a pitada de sal. Antes de ir ao forno junta-se o fermento. Unta-se uma forma rasa, onde se deita a massa, que vai cozinhar em forno quente.

ALMÔNDEGAS

Fazem-se as almôndegas passando na máquina uma polpa boa de carne sem nervos, duas fatias de pão, um pedaço de toucinho, temperos verdes, cebola e sal à vontade. Tira-se da máquina, e acrescenta-se 1 ou 2 ovos e 1 ou 2 colheres de farinha de trigo. Ao fazer os bolinhos, numa xícara molhada e passada na farinha de trigo, põe-se uma azeitona no centro de cada um. Pode-se também pôr a azeitona depois das almôndegas fritas. Fritam-se em banha quente, ou refogam-se com môlho para bifes.

CARNE MEXICANA

A carne da sopa, que é a melhor para êste prato, deve ser cortada em tirinhas. Refoga-se em 2 colheres de manteiga, 1 colher de farinha de trigo. Quando já estiver dourada, acrescentam-se as cebolas e bastante tomate, pimentão, temperos verdes e pimenta. Por fim, deita-se a carne e a água necessárias. Deixa-se ferver até a hora de servir. Faz-se um pirão de farinha de mandioca e arruma-se a carne no centro. Pode-se fazer com fibras de bifes ou de carne assada, mas não fica tão gostoso, como com carne cozida na sopa.

OVOS RECHEADOS

Cozinham-se os ovos bem duros. Fervem-se durante 10 minutos e deixam-se esfriar, na mesma água. Não se deve deixar ferver mais de dez minutos porque ficam feios e com sabor desagradável. Partem-se ao meio, ao comprido, ou atravessados. Retiram-se as gemas, que se desmancham com ½ colher de azeite para cada uma. Tempera-se com sal, mostarda e pedacinhos de *pikles*. Com esta mistura, recheam-se as claras e arrumam-se num prato, enfeitando-se com salsa. O recheio ficará mais saboroso se acrescentar-se pasta de sardinha ou camarão às gemas.

BREZENL DE AÇÚCAR

200 gr de farinha de trigo, 125 gr de manteiga dura, 100 gr de açúcar, 1 ôvo, 2 gemas, 1 xícara de nata azêda e um pouco de sal. Com êsses ingredientes faz-se uma massa mole e lisa: desta massa

NA COZINHA

fazem-se pequenos B, põem-se em assadeira untada e polvilhada com farinha, pincelam-se com clara batida, polvilham-se com açúcar grosso e levam-se ao forno regular.

BOLINHOS DE ERVA-DOCE

3 ovos, 350 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo e 2 colheres de erva-doce triturada.

Bate-se o açúcar com os ovos durante 30 minutos; junta-se aos poucos a farinha e a erva-doce.

Com o auxílio de duas colherinhas-de-café põe-se a massa em montículos em uma assadeira untada e assa-se durante 1/4 de hora em forno fraco.

Pode-se também deixar descansar 1 ou 2 horas em cima do forno, antes de assar até que se forme uma leve película sôbre os bolinhos.

PANQUECAS COM FERMENTO EM PÓ

1 ôvo, 1 gema, 1 colher-de-sopa bem cheia de manteiga, 1/2 xícara de leite, 1 colher-de-sopa de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, uma pitada de sal, 4 colherinhas de fermento em pó.

Mistura-se o fermento com umas colheres de farinha de trigo. Bate-se bem a manteiga, juntam-se os ovos, batidos, o sal, o leite e o açúcar. Mistura-se muito bem e adiciona-se, pouco a pouco, a farinha, pondo, por último, o resto da farinha misturada com o fermento.

Estende-se a massa numa tábua polvilhada na grossura de 1 cm e cortam-se rodelas com o auxílio de um copo. Põe-se um pouquinho de geléia no centro de cada rodela, pincela-se a beirada com clara, cobre-se com outra rodela, aperta-se à volta e frita-se em bastante gordura. Polvilha-se com açúcar.

TORTINHAS DE NURENBERG

200 gr de açúcar, 4 ovos, 200 gr de farinha de trigo, 200 gr de manteiga, casca ralada de meio limão e 4 gr de fermento em pó.

Batem-se os ovos, o açúcar e a casca de limão até formar um creme espumoso; junta-se a farinha peneirada com o fermento e, por último, a manteiga bem batida.

Põe-se a massa em forminhas untadas e polvilhadas com farinha de pão, sem enchê-las completamente e leva-se ao forno regular.

GALANTINE DECORATIVA

Para um copo de saldo de carne, uma fôlha e meia de gelatina branca ou vermelha. Desmanche bem em banho-maria. Tomar um fôrma quadrada de um palmo e 4 dedos. Molhe bem em água fria e coloque uma camada dessa gelatina. Sôbre essa camada, coloque 4 ou 5 cestinhas de tomate (decoração n. 1). Cubra com uma camada grande de gelatina. Em seguida, uma camada da decoração n. 2. Sôbre essa, outra de gelatina, outra camada da decoração n. 3 e, finalmente, uma camada de gelatina. Levar à geladeira, deixar em ponto forte mais de uma hora até endurecer bem. Tirar da fôrma e servir. Endurecer na geladeira cada uma camada de gelatina antes de colocar a decoração.

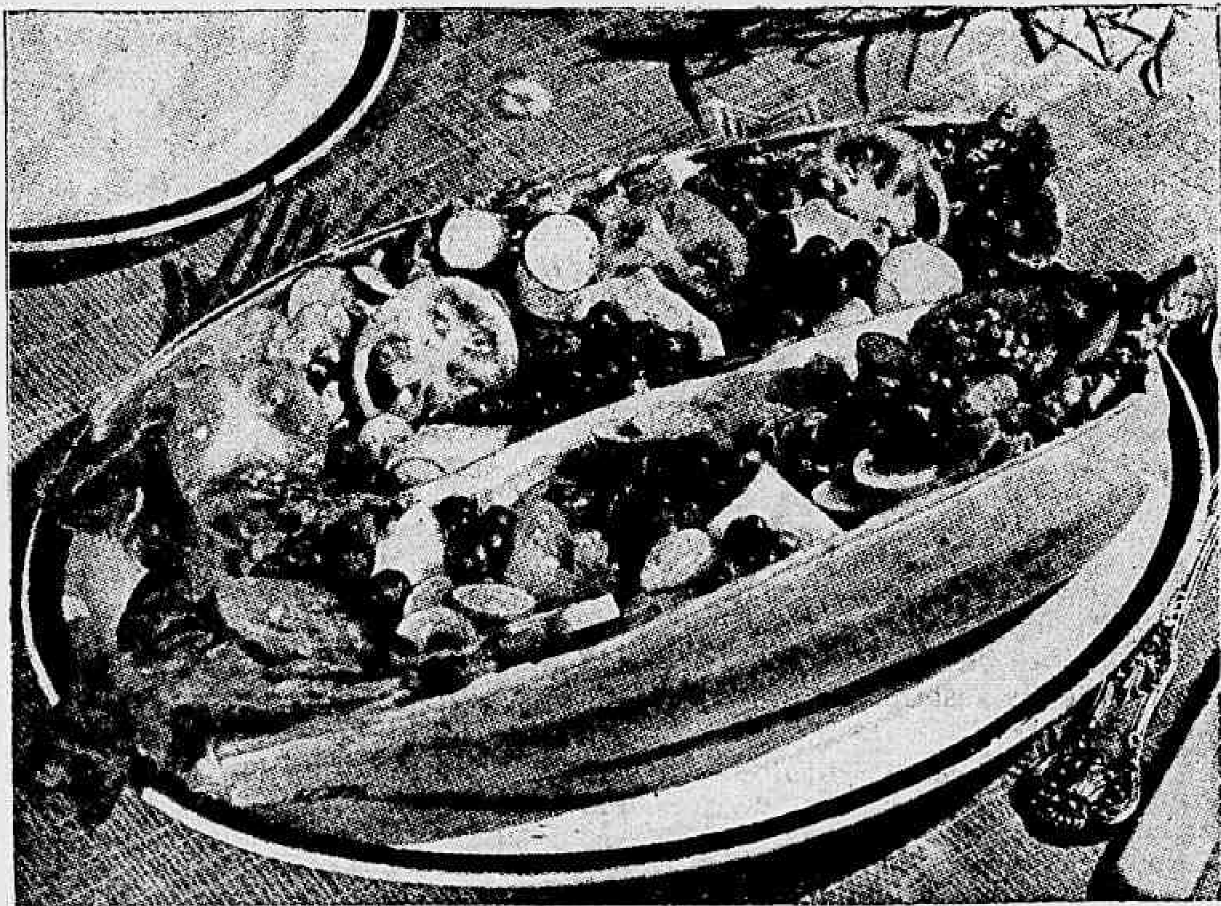
Decoração n. 1: — Corte os tomates em forma de cestinhas. Recheie com maionese e enfeite com raminhos de agrião.

Decoração n. 2: — Com um cortador especial, corte bolinhas de batatas, chuchu, beterraba, cenoura e faça bolinhos de paté. Coloque no centro a bolinha de paté e ao redor as outras, formando uma flor. Arrume-as desencontrando com as cestinhas de tomate.

Decoração n. 3: — Com fatias de frios de sangue, faça pequeninos cartuchos, prenda-os com palitos, recheie com bouquet de couve-flor. Arrume sôbre a gelatina montinhos de alface picada e enterre em cada um dêles, um pé, 3 cartuchos. Convém usar fôrma que tenha a parte lateral deslocável.

DESPROPÓSITO

Prepara-se um caldo de carne como os de sopa comum. Batem-se ovos (claras e gemas), frita-se em gordura quente, dos dois lados, sem deixar tostar e enquanto quente corta-se em pedacinhos quadrados e põe-se um em cada prato. Na mesma frigideira, faz-se um bom refogado com rodelas de cebolas, picadas em pedaços miúdos, 2 tomates, também picados, um dente de alho bem pisado e cebolinhas verdes, picadas. Quando estiver bem refogado, põe-se uma concha de saldo, deixa-se ferver um pouco e despeja-se sôbre o caldo que se deixou separado, por uma escumadeira ou passadeira. Tempera-se com sal e engrossa-se com farinha de milho paulista. Põe-se um punhado de azeitonas e os ovos. Deixa-se ferver mais um pouco e serve-se.





MUITÍSSIMO

MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



A SAÚDE DO BEBÊ

NORMAS NA CRIAÇÃO DO BEBÊ NO 1º. ANO

DR. SABOIA RIBEIRO

É fato muito de lamentar que não, poucas mães ainda ignorem certos princípios fundamentais na criação do menino de peito, pôsto que, algumas, tenham já tido outros filhos e, portanto, não possam lançar mão da desculpa de *inexperientes*. O que vemos todos os dias, pelos consultórios, em coisas muito elementares, mostra quanto ficam expostos os pequeninos a essas infrações, em virtude das quais muitas crianças adoecem já na primeira semana e com essa primeira doença segue-se a doença crônica ou mesmo coisa pior.

Já sustentamos uma vez que, entre 100 crianças, 20 nascem doentes e 20 adoecem por erros das mães, logo no primeiro ano, justamente devido ao esquecimento de certos preceitos e maneira de alimentá-los, quando se sabe que a higiene é tudo nessa idade e mormente a higiene alimentar, isto é, o alimento adequado a seu organismo em *qualidade* e *quantidade*.

Torna-se necessário, portanto, sempre que possível, voltar à divulgação de certas recomendações, em cuja prática, desde a primeira hora, reside, por assim dizer, a chave da saúde do bebê.

A primeira recomendação a fazer às mães no assunto de que nos ocupamos — a criação do bebê no primeiro ano — é que é sempre necessário fazer modificações periódicas no regime da criança, pois sòmente assim as necessidades decorrentes de seu próprio desenvolvimento serão perfeitamente atendidas.

Hoje, embora se recomendando a alimentação natural, *ao seio materno*, como aquela que proporciona ao bebê o melhor dos leites, e que sòmente falha em determinados casos, aconselha-se, já no quarto mês, a introdução de farinhas, sob a forma de mingaus: no início do quarto mês 1 mingau; no início do quinto, 2 mingaus.

No manejo do leite animal cumpre observar três coisas:

1 — Que não se dê jamais puro a criança, isto é, sem adição de farinhas.

2 — Que êle não esteja poluído, isto é, provenha de animal sadio, seja colhido com asseio, não haja sido batizado.

3 — Que êle não seja dado muito tempo à criança, mesmo que reforçado com farinhas, etc.

Vamos tratar de cada uma dessas condições:

O receio de que a criança não digira bem as farinhas, mesmo nos primeiros dias, não se justifica em absoluto, pois o recém-nascido possui, para a sua digestão, todos os fermentos necessários, estando provado que a presença das farinhas torna mais fácil a digestão da mistura alimentar.

Procurar enfraquecer o leite, juntando-lhe água — metade leite, metade água — e, com isso, procurando torná-lo melhor adaptado ao organismo da criança, ou outras diluições mais fortes, é completamente condenado. Abaixo dos seis meses o leite deve levar sempre farinhas.

O perigo do leite poluído — Ninguém discute mais que os leites ambulantes são fontes perenes de infecção das crianças. Uma grande autoridade em pediatria já escreveu, e estamos inteiramente de acôrdo com ela: "Em grandes cidades, em lugares onde não é possível obter-se um leite de vaca controlado e certificado, ou em viagens, nunca dar leite de vaca comum". Por nossa vez afirmamos: as promessas do leiteiro de trazer leite *garantido* dever ser recebidas com desconfiança.

Nós, pediatras, quando examinamos uma criança com diarréia e sabemos alimentada com leite de vaca, o primeiro cuidado que temos é substituí-lo e, se existe febre, pensamos logo numa infecção intestinal.

O leite dado muito tempo à criança — Sòmente o leite pode ser prolongado na alimentação da criança como alimento exclusivo, até seis meses; mesmo assim, já dissemos que, sendo êsse leite o materno, é preciso introduzir farinhas, já no início do quarto mês, substituindo o peito uma vez por uma mamadeira, e no quinto mês, duas mamadeiras (aleitamento misto).

Sendo o aleitamento por meio de mamadeiras, já no início do sexto mês pode-se dar uma sopinha e no sétimo mês, duas sopinhas.

Obrigatório é, sempre, a introdução das vitaminas, como suco de frutas, no terceiro mês: 50 a 100 gramas, entre uma e outra mamadeira, pela tarde, de uva, tomate, cenoura, lima ou laranja, pêra, etc., misturadas ou não.

Êsse suco, como fonte de vitamina, poderá ser substituído, mais tarde, por frutas amassadas, depois do sexto mês, às colheres.

O ideal será que tôda mulher amamente o bebê nos três primeiros meses ao seio, exclusivamente.

Se a criança não sofre de uma anomalia constitucional, que sòmente o pediatra pode apurar pelo exame direto, nem está em causa algum defeito das mamas em mulher sadia quanto ao mais, o aleitamento natural, na grande maioria das vêzes, pode ser mantido, precisando apenas de certos cuidados e boa interpretação dos fenômenos observados na criança.

Com muita facilidade, porém, se muda o sistema de aleitamento no seio, e passa-se logo a outros leites, de experiência em experiência.

Nunca se deve mudar o aleitamento ao seio sem justa causa, que só poderá ser decidida pelo pediatra, que dará o regime que deve substituir o leite materno.

E' vezo das mães que estão alimentando, atribuírem ao seu próprio leite as perturbações que surgem na criança. Quando acontece, por exemplo, a criancinha, durante um período mais ou menos longo, perder o apetite, ou não querer mamar direito, ou chora quando mama, e nessas condições não aumenta de pêso ou mesmo perde, — dão logo pressa em tirar o seio, atribuindo ao leite êsse estado. No entanto, na grande maioria das vêzes, trata-se de gripe, que trás todos êsses fenômenos — perda do apetite, dificuldade de mamar pelo nariz tapado, a diarréia que se estabelece (*diarréia parenteral*, dos pediatras), o chôro, que atribuem à fome quando é quase sempre devido à dor de ouvido que costuma acompanhar a gripe da criancinha (o que se verifica fazendo uma pressão sôbre o conduto auditivo externo).

A prisão de ventre, se o menino está com o pêso bom, não deve servir de causa fácil para suprimir o regime ao seio.

Sòmente se atribuirá ao pouco leite do seio, quando o menino não aumenta de pêso, não espera entre uma e outra mamada com sinais de fome e tem prisão de ventre ou diarréia mucosa.

Mas, qualquer que seja o gênero de alimentação do bebê, ao quarto mês já estará no uso de farinhas, ao quinto ou sexto das sopinhas, e aos onze meses de comida de mesa — almôço e jantar.

Todavia, se desde cedo o leite fôr o animal por faltar o leite de peito ou outra causa, então o leite melhor é um leite em pó, que sempre se preparará com farinha, à razão de 1 colher-de-chá para 100 de água, e na diluição correspondente à idade da criança.

Até três meses, mamadeiras com três colheres-de-chá bem cheias de pó, uma e meia de farinha (rasas) e 100 a 120 de água filtrada e fervida.

De três a seis meses, respectivamente: quatro e meia do pó, duas de farinha, a 150 a 180 de água.

Aos seis meses, 6 colheres, 2 de farinha, 180 a 200 de água.

No preparo, a farinha vai ao fogo numa parte da água, cozer 5 minutos a fogo brando, e adoçar no fim (a mesma quantidade da farinha leva de açúcar)

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com Óleo de Peroba.

O TÔCO DE CIGARRO

(Cont. da pág. 34)

Jogou o tôco no cinzeiro e correu ao banheiro. A mãe veio acudí-lo, deu-lhe um gole de café, mandou-o deitar. Êle não precisou de muito, pois logo melhorou.

"Maldito tôco de cigarro! Que horror de fumo!" — Olhou-o com ódio, fumegando sôbre a mesa.

Humberto ficou pensando. Nunca havia suposto que tinha guardado um veneno. Sentia o estômago em revolta!

Sorriu para si mesmo: "O tôco de cigarro, a qualidade do fumo, talvez seja como o amor daquela mulher. Talvez deixasse no cigarro, o "micróbio" de sua maldade e hipocrisia, e isso me causou essa náusea". Suspirou: "Mas que tolice! O que fazemos quando somos jovens! Guardar um veneno dêsses como lembranças. Ora, que bobagem!"

E na sua mente de homem amadurecido, indiferente a ilusões, pensava:

"O tôco de cigarro é, como seria o amor daquela mulher: — fingido, maldoso e ruim como o diabo!"

★

Discou o telefone. A noiva o atendeu. Disse-lhe que o esperava às sete.

Foi ao banheiro e começou a banhar-se cantando: "Que amor de pequena que tenho! Sábado, chegue logo, por favor!"

Sua cantiga repercutia pelas ruas e arranha-céus como um hino de felicidade.

E o marco da lembrança afetuosa, que, coisa rara, durou quinze anos, foi pouco a pouco queimando e morrendo, abandonado no cinzeiro. No ar, a fumaça se desfazia, símbolo de tôda ilusão.

No coração de Humberto, algo também se acabava. Era o velho amor que morria, a ilusão a que o tempo dava fim.

Como o tôco de cigarro. Fumaças que se desvaneciam...

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

UM SONHO PROFÉTICO

(Cont. da pág. 38)

magníficos chapéus de Chile ou caríssimos sapatos de crocodilo.

Terêncio ia tão absorto que quase foi atropelado por um automóvel.

O motorista gritara uns palavrões e fôra embora.

Terêncio estava sem sorte. Ia ver um doente pobre que nada lhe pagaria, por pouco escapara de ser atropelado, e ainda fôra "xingado".

Terêncio se lembrou de uma frase que ouvira de um colega:

— "O médico é um indivíduo a quem rogaram uma praga: — tu serás médico."

★

A noite ia alta. Uma "féerie" de estrêlas enfeitava o manto negro da noite. Uma lua "fausse maigre" deslizava no ceu. Antônio ressonava, mexendo-se de vez em quando, de um lado para outro. De repente, olhando-se num espelho, notou que estava mais gordo e com muitos cabelos brancos.

— Felisbina, Felisbina — chamou Antônio.

— Que é?

— Nada; não é nada.

Antônio achara a Felisbina envelhecida. Não dissera nada, mas a voz da Felisbina não era a mesma. A fisionomia também não era aquela cara cansada que êle vira. Antônio estava inquieto. Eram duas horas da tarde e seu armazém estava às môscas. Nenhum freguês. Dos empregados, só estava o Joaquim que, trepado numa escada, arrumava uma prateleira. Antônio se aproximou e perguntou se era feriado.

— Qual feriado, qual nada. Por que havia de ser feriado? — gritou o Joaquim do alto da escada.

Antônio olhou casualmente para uma folhinha que, bem em sua frente, marcava a data. Antônio ficou espantado. A folhinha era de 1954! Seria possível? Não seria alguma pilhéria? Não; não era pilhéria. O espelho, a cara da Felisbina, êle mesmo, êle Antônio... Seus pensamentos tumultuavam-lhe o cérebro.

Que coisa esquisita! Antônio hesitava. A folhinha estaria certa? Que fazer? Perguntar ao Joaquim? E se zombasse dêle? Não. Não perguntaria a ninguém. O melhor seria ir ao médico. Sim. Iria ao dr. Terêncio. Iria imediatamente.

★

Como vai o senhor, "seu" Antônio, como vai "dona" Felisbina?

— Vamos vivendo como Deus quer. E o senhor, "seu" Benevides? E a farmácia?

— Ora, "seu" Antônio, como havemos de ir com uma crise destas?

— Crise?

— Ora, "seu" Antônio, o senhor sabe muito bem que, desde que o govêrno "socializou" o comércio e a indústria, estamos nesta miséria. Mas isto não há de ficar assim. Precisamos reagir, "seu" Antônio. Reagir! Reagir!

Benevides desaparecera como por encanto, deixando Antônio ainda mais confuso.

"Crise"? "Socialismo"? "Reagir"? Afinal, o que acontecera ao Benevides? Será que entendera bem? Não. Não havia nada com o Benevides. O caso era com êle, Antônio, que não devia estar bom da cabeça. Estava "misturando as estações", tal e qual o rádio que tinha em casa.

★

— O dr. Terêncio não tem mais consultório aqui.

— Onde posso encontrá-lo?

— Nesta rua mesmo, ali no Instituto.

— Para que lado, minha senhora?

— O senhor segue à direita; é na segunda esquina.

★

— Uma consulta para o dr. Terêncio.

— Doutor...?

— Dr. Terêncio.

— Que especialidade?

— E' meu médico.

— O senhor tem "ficha"?

— "Ficha"? Não senhor.

— O senhor tem carteira do Instituto?

— Não senhor.

— O senhor não pode ser atendido.

— Mas...

— "Não tem mas", meu amigo. O senhor traga seus documentos para "tirar" sua carteira de inscrição.

— Que documentos?

— Certidão de idade, certidão de casamento, certidão de idade da espôsa, registro dos filhos, documento de quitação do serviço militar, atestado de vacina, carteira de identidade, carteira profissional e carteira sindical.

— Mas, eu preciso ser atendido hoje.

Impossível. Sem os documentos não pode ser.

— Mas, quanto tempo eu vou levar para conseguir tudo isso?

— O senhor providencie. Sem estar "legal", não posso fazer nada, meu amigo.

Antônio ficara um tanto desconsolado, mas não desanimara. Iria à casa do dr. Terêncio.

★

Mal tinha andado uns cinqüenta metros, um rapaz, ainda muito jovem, o cumprimentou:

— Boa-tarde, "seu" Antônio.

— Boa-tarde.

— O senhor não me está conhecendo, "seu" Antônio? Sou o Claudionor, filho do Marcelino, da carpintaria.

— Como você está crescido! Já terminou os estudos?

— Pensando bem, resolvi parar os estudos; sou "funcionário autárquico" — respondeu pernòsticamente Claudionor.

— Mas, seu pai não queria que você fôsse doutor?

— Ser doutor para depois ser funcionário do mesmo jeito? Não vale a pena, "seu" Antônio. Para que perder tempo?

— Escute aqui, Claudionor, o que é que tem havido com os "Institutos", nestes últimos tempos — interrogou Antônio, um tanto receioso de passar por louco ou desmemoriado.

— Em que mundo o senhor vive, "seu" Antônio? Então o senhor não sabe das "reformas" do govêrno?

— Não estou bem a par.

— Bem, "seu" Antônio. Há coisa de dois anos, os Institutos só davam serviços médicos e os associados descontavam 8%. Depois, aos pouquinhos, as vantagens foram subindo e os descontos também. Agora, os descontos já são de 80%, mas os Institutos pagam nossos impostos e dão advogados para fazer inventários, desquites, de-

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela Óleo de Peroba.

Beleza fácil
Em sua casa
LIMPEZA DA PELE
1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem
RAINHA DA HUNGRIA
Assembléia, 115, 1.º, Rio
Em nossos salões
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clinicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

adquira a nova



uma publicação da revista do globo s.a.

A MODA DE PARIS $5

À VENDA
em tôdas as Bancas

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL
Novo tratamento sem operação e sem injeções
Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram, Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.
Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr.. Caixa Postal 1874 São Paulo.



H-10-2 Ag. Pettinati

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza Óleo de Peroba.

---

fesas no júri, etc. Também dão engenheiros, pedreiros, carpinteiros, pintores, alfaiates, sapateiros, etc, para fazer, reformar e consertar nossas casas e apartamentos, nosso vestuário, etc. Além disso, têm salões de barbeiro, cinemas e teatros, armazéns de "secos e molhados", quitandas, açougues, peixarias, lojas de roupas e calçados, de louças, de ferragens, etc., etc. Além disso, ainda irão dar, do mês que vem em diante, serviços religiosos e cemitério com jazigo perpétuo. Até os mortos vão ficar amparados, "seu" Antônio. Até os mortos! E tudo por conta dos 80% de desconto dos ordenados.

— Como assim? — perguntava Antônio.

— O dinheiro vai acabar, "seu" Antônio. O dinheiro não vai valer mais nada; vai para o Museu. Para que dinheiro, "pra quê?" "pra quê?"

Claudionor tinha tomado um ar estranhamente irônico. Suas feições tinham, agora, qualquer coisa de diabólico. Suas gargalhadas ruidosas e seus "pra quê?", "pra quê?", irritavam Antônio.

Sùbitamente, Claudionor deu um salto e desapareceu, dando uma grande gargalhada.

Antônio, há pouco tão nervoso, sentiu um grande alivio com o desaparecimento de Claudionor. Agora estava calmo, quase tranqüilo. Contudo argumentava consigo próprio, como se ainda estivesse conversando. Não era possivel ninguém viver sem dinheiro. E o comércio? E as fábricas? E o "câmbio-negro"? E o "jôgo do bicho"? Não; o Claudionor mentira e depois se transformara em diabo. Não havia dúvida.

Antônio imaginou as "filas" do açougueiro, da quitanda, do leiteiro, do sapateiro, etc., etc. Quem entrasse na fila do açougueiro, quando arranjaria carne? E se depois tivesse que entrar na fila do quitandeiros, mais quantos dias seriam necessários para serem conseguidos alguns legumes para serem comidos com a carne, que, pelo tempo, já devia ter apodrecido? Aquêle Claudionor era mesmo um cretino. "Funcionário autárquico", coisa nenhuma; "cretino autárquico", era o que êle era. Será que os outros funcionários eram como o Claudionor? Não. Não podia ser. Quantos funcionários existiriam? Quantos seriam necessários? Antônio sorriu. Bastaria tôda a população do país, ou seria necessária a vinda de imigrantes para ser funcionários? Antônio ia tão satisfeito, com seus pensamentos, que nem notou, no jornal que comprara, a espetacular "manchette": "O I.A.P.E.T.C. encampou as emprêsas de transporte! A Light, a Cantareira, a E. F. Central do Brasil, a Leopoldina, o Lóide, a Panair, etc., incorporadas ao Instituto de Transportes e Cargas! Vão ser gratuitos os transportes coletivos!"

★

Antônio chegara à casa do dr. Terêncio. Ia bater na porta quando viu que, por uma janela, saiam voando, uma porção de livros e revistas, batendo as asas, ou melhor, batendo as capas, em louca revoada, como bandos de pássaros assustados. Antônio ficou nervoso. Era preciso fechar a janela. Era preciso avisar "dona" Mariana. Antônio bateu à porta com violência.

— Quem é?

— Abra depressa, minha senhora, os livros estão fugindo.

— Ah! E' "seu" Antônio.

— Minha senhora, os livros do doutor estão voando.

— Não se preocupe com os livros, "seu" Antônio.

— Mas, o doutor...

— Terêncio não se interessa mais pelos livros, "seu" Antônio. Agora é só Instituto. Êle se convenceu que, quer estude, quer não estude, é a mesma coisa. E' o mesmo relógio de "ponto", é o mesmo ordenado no fim do mês. Terêncio diz que "não há ambiente para a cultura".

Neste momento, os livros invadiram a sala. Vieram às dezenas, às centenas, aos milhares. A sala ficou cheia de papéis em revoada. Antônio sentiu-se zonzo. Tudo estava tão confuso! Seria uma tempestade? Antônio procurou a porta e saiu. O céu, antes tão azul, estava agora cheio de nuvens cinzentas. Ventava muito. Era mesmo uma tempestade que se avizinhava. Não havia dúvida. Antônio correu para o armazém. Precisava chegar antes que desabasse a chuvarada.

— O dinheiro vai cabar, "seu" Antônio. "Pra quê" dinheiro? "Pra quê"? "Pra quê"? "Pra quê"?

Era a voz de Claudionor.

— Quá, quá, quá.

Era a risada de Claudionor.

Antônio parou de correr. Olhou para todos os lados e não viu ninguém. Na rua, agora deserta, só êle, Antônio, se encontrava, com a poeira levantada pelo vento, e com aquêles repetidos "pra quê?", "pra quê?", e com aquelas gargalhadas escarninhas que não cessavam. Onde estaria o Claudionor? Teria ficado invisivel?

Antônio olhou para o céu e ficou alarmado: as nuvens tinham as feições do diabo! Os "pra quê?", "pra quê?" eram relâmpagos! Os trovões eram estrondosas gargalhadas!

Verdadeiramente aterrado, Antônio disparou em desabrida carreira. No armazém, não era menor a confusão. Latas de banha e de azeite, pulavam das pilhas e saiam rolando pela porta a fora. Os sacos de estôpa tinham tomado forma de canhões, e disparavam batatas, grãos de milho, de arroz e de feijão. Tudo fugia! Tudo ia para a rua! Antônio tentou fechar a porta e não conseguiu. As résteas de cebolas pularam-lhe em cima, como se fôssem serpentes. O farelo e a farinha de trigo, agitadas pelo vento, tornavam o ambiente quase irrespirável. Os bacalhaus em revoada agrediram Antônio que, completamente cercado, gritava e se debatia aos socos e pontapés.

★

— Que é isso, Antônio? Que é isso?
Era a Felisbina que o sacudira.

— Hum!

— Hum! coisa nenhuma. Acorda, Antônio. Acorda!

— Que coisa horrivel, Felisbina. Que coisa horrivel!

— Horrível, o quê?

— Eu estava brigando com os bacalhaus.

— Você estava brigando era comigo. Sou bem gordinha para ser bacalhau, não é mesmo?

— Não; não. Eram bacalhaus.

— Onde é que você já viu "bacalhau de briga"? Era eu quem estava apanhando.

— Você não. Bacalhaus.

— Bacalhaus é aquela serigaita da Djanira. Eu bem que reparei nos seus olhares, quando ela veio fazer compras. Eu...

— Felisbina...

— Aquela sem-vergonha não entra mais aqui. Nem que eu...

— Escute aqui, Felisbina. Preste atenção, Felisbina. Diga-me por favor, diga-me em que ano nós estamos.

— Que é isso, Antônio, então você não sabe que estamos em 1951?

— 1951?

Antônio respirou aliviado. Olhou para a Felisbina e encontrou-a com a mesma vivacidade de sempre. Antônio sorriu feliz. Passou a mão pela fronte da espôsa, afagando-a com ternura.

— Binoquinha, meu bem.

— Tonico, meu amor.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o Óleo de Peroba a vida de seus móveis.

"Que surprêsa desagradável"
quando se encontra no armário uma roupa roida pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas nem cheiro.
Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

(Exigir a embalagem verde)
MULTIFARMA
Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo
Remessas pelo Reembolso Postal
À venda nas boas Farmácias

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do Óleo de Peroba.

O TERRÍVEL DESASTRE . . .

(*Cont. da pág.* 8)

Os bombeiros, como de praxe, mostraram-se incansáveis. Com o auxílio de possantes holofotes do Corpo de Fuzileiros Navais, penetraram no interior dos vagões destruídos para proceder à retirada das pessoas imprensadas, fazendo-o com risco da própria vida. Nessa tarefa foram os bombeiros auxiliados pelos soldados do 3.º Batalhão da Polícia Militar e ainda por populares. Trabalharam sob o comando do capitão Osmar e do tenente Riani, êste, do Serviço de Proteção.

Os feridos foram distribuidos entre o Hospital de Pronto Socorro, Hospital Getúlio Vargas, Hospital Carlos Chagas e Assistência do Méier.

O diretor da Central do Brasil determinou que os mortos fôssem sepultados em carneiros, às expensas da Estrada, e autorizou a colocação de coroas mortuárias.

Dias passados, noticiava-se que, por ordem do Presidente da República, os feridos serão a seu tempo indenizados, bem como as famílias dos mortos.

ACIDENTADO RAUL BRUNINI

A exemplo do que fêz por ocasião do desastre do bondinho da Urca, a Rádio Globo transmitiu uma completa reportagem da trágica ocorrência a que nos referimos. Pouco depois de circularem as primeiras notícias, o locutor daquela emissora, Raul Brunini, chegava ao local do sinistro e, com o auxílio do equipamento técnico da estação, fornecia aos ouvintes pormenores do que ia vendo e ouvindo. Mas seus serviços não eram apenas para informar, porque também prestava esclarecimentos sôbre os passageiros salvos, permitindo que, pelo microfone, êles se comunicassem com a família, para tranqüilizá-la. Durante mais de três horas, Raul Brunini se desobrigou dessa delicada missão, com sua proverbial eficiência. Terminados os serviços, voltava para o centro da cidade, utilizando-se do seu carro particular, quando, no meio do percurso, verificou que o limpador do pára-brisas não funcionava — e chovia copiosamente. Brunini saltou para inspecionar o aparelho. Foi quando, de inesperado, um auto-lotação, que fazia o percurso na mesma direção, o apanhou, jogando-o a grande distância. Devido à escassa iluminação e à chuva, o carro criminoso pôde fugir sem ser identificado. Prestados os primeiros socorros ao conhecido locutor, foi êle, sem demora, removido para o Hospital de Pronto Socorro, onde até pouco antes dava conta da sua tarefa. Mais tarde, procedido ao exame, verificou-se que Brunini sofrera deslocamento do couro cabeludo e lesão na perna direita. No H.P.S., cercado dos maiores cuidados, foi operado pelo cirurgião Humberto Perrota. No dia seguinte, era levado para a Casa de Saúde São Bento, onde ainda se encontrava quando redigiamos estas notas, mas livre de perigo, mesmo já em franca convalescença.

Acompanhavam Raul Brunini, nessa ocasião, seus companheiros da Rádio Globo, Lamartine Babo, Francisco Marques e Humberto Castro, que o levaram, no próprio carro, para o Pronto Socorro.

ADEMIR — O ÁGUIA DO VASCO

(*Cont. na pág.* 33)

"Quanto ao Flamengo — prosseguiu Ademir — acredito que Flávio irá arrumar as coisas. Naturalmente, lhe darão carta-branca para armar um bom quadro e isto sòmente louvores merece. Os da Gávea necessitam de ampla reabilitação. Afirmo, entretanto, que êles não se devem deixar dominar pelo otimismo que a ida de Flávio possa proporcionar, do contrário, nada feito, tudo continuará na mesma".

Perguntamos-lhe por que êle consegue sempre marcar tentos, ao que nos respondeu:

— "Não há segrêdo. A característica do jôgo é a seguinte: há jogadores preparadores e jogadores finalizadores. E a minha tendência é a última. Daí o segrêdo porque faço "goals". O Zizinho, por exemplo, já é o contrário é o elemento preparador."

— Cite outros elementos preparadores com os quais você gosta de jogar.

— "Maneca, Ranulfo e Jair também são dos melhores."

— Qual foi a sua maior emoção durante a "Copa do Mundo"?

— "Foi durante o jôgo com a Espanha, no qual eu abri o "score". Cheguei a ficar com lágrimas nos olhos."

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com Óleo de Peroba.



OSWALDO MOLES

UM DOS MAIORES PROGRAMADORES DO RÁDIO BRASILEIRO E' AGORA EXCLUSIVO DA

RÁDIO BANDEIRANTES

— "A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA" —

O MARUJO QUE JÁ FOI. . .

(*Cont. da pág.* 15)

Reconstituimos a vida de João Cândido para Marcelino, que nos ouvia atento. E êle, numa atitude curiosa para um *indisciplinado*, disse-nos estas palavras:

— Eu cometi um êrro imperdoável, falando à Imprensa sem o consentimento do Chefe.

Muito interessante! Para êles, a causa ainda existe, um líder também. Um líder, um chefe, um almirante, embora sem galões. A diferença é que a luta atual é pela glória, por aquilo que êles julgam um patrimônio e que a Marinha afirma ter sido apenas indisciplina e ignorância.

A essa altura, Marcelino já preferia não prosseguir, temendo talvez as represálias... Limitava-se a afirmar e reafirmar que João Cândido era um herói, o que, aliás, dizem os seus companheiros de trabalho e tôdas as pessoas que o cercam, relembrando o episódio da Ilha das Cobras, onde João Cândido estêve prêso, juntamente com 17 outros revolucionários. Quando pediam água jogavam-lhes cal, como lançaram fel a Jesus Cristo na Cruz. Só dois sobreviveram: João Cândido e Paulo Lira.

"RENDIÇÃO UMA OVA?"

Marcelino despediu-se do repórter, que seguiu para São João de Meriti, onde foi novamente encontrar-se com João Cândido, em cuja companhia havia almoçado na véspera. Tôda a família estava reunida. João, ainda com saúde, fêz algumas poses em companhia da atual companheira, com a qual não é casado; a primeira, que pela fotografia nos parece ter sido uma formosa mulher branca, apesar de João Cândido ser homem de côr, morreu em 1924, havendo vários filhos das duas uniões, dentre êles João Cândido Filho, que é o oposto do pai. João Cândido é esquerdista, gostando de leituras do gênero, enquanto o filho advoga idéias completamente opostas. Mas, apesar disso, vivem muito bem e discutem com equilíbrio suas idéias. O que mais espanta as pessoas íntimas é o conhecimento que êles possuem de História do Brasil e História Universal. João Cândido é hoje possuidor de apreciável cultura geral, não obstante deixar transparecer sua educação rudimentar.

Certa vez, falando-nos de bordo da pequena embarcação na qual trabalha, e cujo nome é "Célula Mater", olhou com desdém para vários navios de guerra que estavam ancorados no Arsenal de Marinha. Sacudiu a cabeça e, depois, passou a vista pelo tombadilho do "Célula Mater", com escárneo. Colocou na cabeça o cêsto de peixe e caminhou para o Entreposto de Pesca. Dava pena porque, embora não conduza os galões de almirante, João Cândido tem uma aparência altiva, uma aparência de líder, de qualquer coisa de importante que talvez seja apenas o reflexo de seu passado.

O QUE NOS DIZEM OS DOCUMENTOS DA ÉPOCA

O "Diário de Notícias", da Bahia, de 26 de novembro de 1910, em artigo assinado pelo sr. Pinto da Rocha, diz o seguinte sôbre o movimento:

"O acontecimento que por tal forma se impôs é uma contingência lógica do regime estabelecido incautamente pelas sumidades responsáveis da situação; é um fruto do militarismo, um levante de quartéis, uma manifestação de indisciplina, produzindo as mais graves conseqüências políticas, é a previsão dos civilistas que se começou a manifestar, apenas oito dias depois da posse do senhor Marechal." (Hermes da Fonseca)

Se o Congresso considera a *votação de anistia* a êsses humildes *que pediam a abolição das chibatadas infamantes*, uma triste passagem sob as fôrças caudinas, leva muito longe as responsabilidades porque, em piores condições, votou o reconhecimento do candido militar que a consciência da Nação havia repudiado nas urnas."

A imprensa da "Boa Terra", que se caracterizava pela honestidade, não tardou a desaparecer. Dentro outros, "O Diário da Bahia", em cujos arquivos se encontravam grandes trabalhos de Rui Barbosa, foi quemado depois do bombardeio daquela cidade por ordem de J. J. Seabra. Contam as pessoas que assistiram àquelas cenas em 1918, que muita gente chorava nas ruas ao ver as coleções se despensarem pelas janelas dos velhos pardieiros, os quais pareciam árvores, sendo desfolhadas por um Outono prematuro. Pois eram fôlhas verdes ainda; fôlhas alimentadas por seivas legítimas das almas como Rui Barbosa e José do Patrocínio.

João Cândido está à morte. Na Câmara, há um projeto de Café Filho que manda que se aproveitem os sobreviventes de Canudos. João Cândido tomou parte nessa guerra, embarcado no cruzador "Andrade", sob o comando do Almirante Carlos Frederico de Noronha, no período de 1897-98. Por que não ajudar um valente que, mesmo indisciplinado, é um homem que sofre?

Em casa de João Cândido, falamos da entrevista que Marcelino nos concedera. João, ao contrário do que esperávamos, não nos interrogou sôbre o que teria dito o seu antigo comandado. Limitou-se a perguntar com certa displicência:

— Como vai êle?...

Batemos algumas chapas da família, à revelia do entrevistado, que não quis absolutamente posar para o repórter, afirmando que não desejava nem ouvir falar do assunto. A essa altura, com dinheiro, tentamos demovê-lo daquele intento, mas não conseguimos o nosso objetivo. Tentamos pagar-lhe ao menos o dia perdido de trabalho. João Cândido não aceitou coisa alguma, afirmando que sòmente da Pátria aceitará qualquer coisa por que é ela quem lhe deve algo, embora muitos homens não queiram reconhecê-lo, afirma.

Como insistissemos no assunto, João Cândido desculpou-se e foi dormir. Aproveitamo-nos disso para interrogar sua mulher sôbre papéis velhos ou jornais que êle poderia ter em sua mala. Esta foi mais solícita e conseguiu descobrir um exemplar do "Diário de Notícias", de São Salvador, datada de 26 de novembro de 1910. Êsse jornal só se ocupava de João Cândido. Vetusto que estava, nos foi difícil *decifrar* algumas frases de um artisto assinado pelo colunista Pinto da Rocha, que condenava os métodos disciplinares que tinham originado a revolta.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com Óleo de Peroba.

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de Peroba.

HISTÓRICO . . .

(*Cont. da pág.* 53)

holandesa. Os navios flamengos possuiam então a popa alta e avantajada, a que se dava o nome de "urcas". Por ter o rochedo da Praia Vermelha grande semelhança com as tais "urcas", tomou desde então o nome que até hoje tem. Quanto ao outro, é devido à semelhança com as fôrmas de açúcar, preparadas no Rio colonial, fôrmas que, postas em pé, lembravam perfeitamente a sagoma do morro. Os homens, em sua insaciável sêde de conquista, vendo a cidade crescer e se espalhar pela orla marítima, inclusive aos pés do famoso morro, lugar em que foi fundada a cidade, começaram a pensar em quanto deveria ser interessante a vista, o panorama lá do alto. Masi ingreme, incômoda, difícil mesmo era a subida, a escalada até ao cume, apesar de grandemente compensada pela paisagem. Rezam as crônicas que a primeira escalada de que há notícia foi efetuada por uma inglêsa, em 1817. Foi sòzinha e no cocoruto do Pão de Açúcar plantou a bandeira inglêsa. Houve mais subidas, ainda por inglêses e norte-americanos, até que em 1889, voltando o imperador D. Pedro II de sua penúltima viagem à Europa, pôde, emocionado, ler, nas encostas do morro a palavra "salve", em agradecimento ao que sua filha, a princesa Isabel, havia feito abolindo a escravatura. Foi então que surgiu a idéia de se construir uma ligação aérea entre a Praia Vermelha, a Urca e o Pão de Açúcar. Bem recebida, a idéia repercutiu favoràvelmente na imprensa, que passou a apregoá-la. Para muitos era mais uma iniciativa fracassada, destinada a levantar escândalos de natureza financeira. Em 1910, um homem, engenheiro, caráter íntegro, empreendedor e corajoso, meteu-se na cabeça de realizar o projeto maluco. Chamava-se Augusto Ferreira Ramos. Contando com o auxílio de Manoel Antônio Galvão e Fredolino Cardoso, audaciosos engenheiros, planificou o projeto e apresentou-o à Prefeitura. Estava-se no govêrno do Marechal Hermes da Fonseca, o chefe do executivo carioca era Serzedelo Correia. A concessão para organizar a companhia e explorá-la foi assinada em 30 de julho de 1910. As obras foram atacadas imediatamente. O povo carioca assistiu ao transporte de possantes guindastes em serviço no pôrto para as proximidades da Praia Vermelha, onde, junto com as dragas, as numerosas carretas puxadas a burros e os operosos braços humanos, se encarregaram da remoção de pedra e terra em quantidade pouco usuais. A firme rocha do morro da Urca e da Babilônia, do outro lado da praça, assim como a mata fechada que então existia por aí, foram cedendo, aos poucos, ao avanço dos homens. Escalada mais uma vez foi a Urca, com o material mais leve e com grossos rolos de corda. Uma vez lá em cima, a corda teve uma das pontas firmemente amarrada no cume, enquanto a outra era jogada cá em baixo, desenrolando-se justamente onde hoje se vê encostado o cabo de aço partido. Por intermédio dessa corda, os guinchos presos no tôpo da Urca levantaram o primeiro cabo de aço, que, uma vez tendido, serviu de cabo-trilho para os mais necessários materiais à construção da estação e à montagem do maquinismo já adquirido. Êsse maquinismo foi comprado na Alemanha, na cidade de Colônia, onde a firma J. Pohlig A. G. era especialista em cabos e maquinarias próprias para caminhos aéreos, fornecendo-os ao mundo inteiro. Os trabalhos obedeceram à orientação do projetista Augusto Ramos, e tudo foi montado com o auxílio de três competentes técnicos alemães, que acompanharam o material. Durante dois anos os cariocas viram o trabalho incessante ñaqueles homens, formigas diante dos colossos de pedra, levantando abrigos, casa das máquinas, transportando, pelos cabos já tendidos, vigas, rodas, roldanas, engrenagem, tudo de aço, pesado, difícil de manejar, num esfôrço digno de ser relembrado. A 27 de outubro de 1912, enfim, inaugurava-se o primeiro trecho do Caminho Aéreo, isto é, o que vai da Praia Vermelha à Urca. Festa para a cidade, o sonho realizara-se. Era possível, enfim, ser suspenso até o cume do morro e de lá admirar a cidade, a baía, as praias, as matas, ter enfim um novo ângulo de observação da vida carioca. Valera a pena tantos sacrifícios, tempo e dinheiro gastos, pois o panorama era de fato compensador e a viagem emocionante, inédita. E o povo correspondeu à expectativa: quase 580 pessoas subiram no primeiro dia de funcionamento. O programa, porém, não chegara ao fim. Faltava ainda vencer a etapa final, era preciso esticar outros cabos até ao Pão de Açúcar, o que foi feito, pela experiência anterior, em poucos meses, apesar das maiores dificuldades apresentadas pela altura e conformação do morro. Trezentos e noventa e cinco metros de altura tem o elegante penedo guanabarino, isolado pelo mar e por um profundo vale. O trecho da Praia Vermelha à Urca tem 600 metros de extensão, enquanto o último possui 800, enfim, tudo em ponto maior. A 13 de janeiro de 1913 foi inaugurada a nova linha, completando assim uma obra iniciada três anos antes. Ainda o povo acorreu em massa à festividade, deslumbrando-se com a vista de cima do morro, prevendo, quase, a importância que teria o caminho aéreo na vida turística da cidade. Através do sr. Alfredo Montez, gerente da Cia., soubemos que atualmente a média de passageiros por dia é de 600 pessoas, número em contínua ascensão, especialmente depois da guerra e no trecho até à Urca, que ostenta uma vantagem de cêrca de trinta por cento a mais de passageiros sôbre o trecho final. Essa diferença é devida à presença na Urca de um restaurante e maior espaço na plataforma, o que permite maior demora. Essa a razão que impeliu a atual direção da companhia a projetar a duplificação da linha, por enquanto até a Urca, plano que está sendo executado. Dias há em que o número de passageiros supera o milhar. E pensam os leitores que o acidente do dia 20 de fevereiro afetou a confiança do povo no bondinho? Nada disso. Enquanto visitávamos as instalações da Praia Vermelha, por várias vêzes o telefone chamou, querendo alguém saber se já havia sido restaurado o tráfego aéreo. Atendemos pessoalmente a um turista francês que queria comprar passagem e subir. Mas só era possível pelo meio por nós empregado, a prancha de carga, e a companhia não deixou. O acidente serviu para despertar a curiosidade de muita gente que até hoje não fêz o agradável passeio e temos certeza que novo alento ganhará, uma vez restabelecido o trânsito normal.

OS FUNCIONARIOS MAIS ANTIGOS

Tivemos oportunidade de encontrar o sr. Amilcar Batista, prêto, alto, forte, os cabelos já esbranquiçados, com 76 anos de idade. Nasceu em Campos, foi maquinista e mecânico na Noroeste, de onde saiu, por haver sido atacado pela malária. Veio para o Rio em 2 de maio de 1910 e entrou para a companhia do Caminho Aéreo em 2 de maio de 1911. Tomou parte na construção do mesmo. sendo-lhe reservada a importante seção de mecânica, por ter da mesma grande prática. Chegou a ocupar o pôsto de encarregado dos serviços, devendo-se a êle boa parte do material de emergência até hoje usado e fabricado na própria ferraria da Urca. A êle também se deve a montagem da prancha de carga, a mesma que serviu ao desembarque do pessoal até a Praia Vermelha, no dia do acidente, prancha que foi construida em 1915. E' por ela que se efetua o abastecimento das duas sumidades, inclusive de água potável, carregada em barris de ferro, pois a água que se encontra nos morros serve apenas ao trabalho. Tem Batista a fôrça de um touro, sendo capaz, até bem pouco, de levantar dois homens ao mesmo tempo. Dispensado pela companhia em 15 de fevereiro de 1930, foi por ela novamente chamado em 34, onde permanece até hoje. Atualmente, toma conta da seção de ferraria. E' o único dos funcionários que assistiu à inauguração dos serviços da emprêsa. Dêle obtivemos a maior parte das informações. Foi quem providenciou a remessa da corda, pela qual deslisou Augusto Gonçalves, após o acidente, preparando em seguida tôdas as ferramentas e materiais necessários à uma intervenção de emergência, enquanto o graxeiro subia pela encosta do morro. Explicou-nos que a estação central do caminho aéreo fica localizada na Urca, com tôdas as máquinas de tração, divididas em dois conjuntos, um para o trecho até à Praia Vermelha e o outro até ao Pão de Açúcar. Na ferraria fabricam-se várias peças e montam-se outras. As de maior porte são feitas pela fundição Santa Luzia, existindo ainda muito material sobressalente e não usado, original da Alemanha. O rabicho que arrebentou não havia sido usado, como se propalou, tendo sido cortado de um rôlo inteiro. Quanto às causas do acidente, compete aos técnicos da perícia dar a última palavra.

Augusto Gonçalves, o graxeiro que estava em cima do bondinho na hora em que se rompeu o cabo, nasceu em Braga, Portugal. E' empregado no Caminho Aéreo desde 1917, tendo se iniciado como auxiliar de pedreiro. E' agora o encarregado dos serviços e o responsável pela execução técnica do que mandam os engenheiros da companhia. Estava êle sentado no teto do bondinho e, como aficionado da pesca que é, observava do alto um cardume de peixes, ao largo da Praia Vermelha, quando se deu o acidente. Viu logo de que se tratava, esperou pela ruptura do outro cabo de sustentação, o que não se deu. Recobrou ânimo então, pois agora tratava-se apenas de inventar um meio para retirar as pessoas de dentro do bondinho, já que o perigo havi passado. Retificou êle alguns dados apressadamente publicados pela imprensa diária. A descida que efetuou pela corda até a encosta da Urca foi de uns quarenta metros. O cabo-trilho de emergência, que sustentou tôda a carga, tem capacidade para agüentar 175 toneladas, sendo que, depois do acidente, os engenheiros calcularam que, além do pêso normal do bondinho lotado, teve que suportar apenas mais umas seis toneladas. Disse mais que, além do fato de existir o cabo de emergência, deve-se agradecer a casualidade de, na hora da ruptura, o cabo-trilho não haver escapulido fora do truque de engate, não indo, portanto, se abater sôbre o teto do bondinho. Se isso acontecesse, o veiculo seria cortado com a mesma facilidade com que uuma faca corta um bôlo. Outra retificação: Aproveitando estar a caçamba de contrapeso do cabo partido sem uso temporário, mandou-a esvaziar completamente, para pesar as pedras ali colocadas. Pode dizer agora com a mais absoluta certeza que o contrapeso é de 26 toneladas, o que foi bastante exagerado nos noticiários.

Representam, êsses dois empregados, a têmpera dos funcionários do Caminho Aéreo do Pão de Açúcar, verdadeiros técnicos em suas especialidades, num total de pouco mais de 40 empregados. Formam a garantia, a par do moterial usado, dos serviços prestados pela companhia concessionária do caminho. Sôbre o acidente, o sistema de emergência mostrou estar à altura dos imprevistos. Isso, porém, cremos, não impedirá a companhia de, quando restabelecidas as viagens, e uma vez construida a linha dupla, reformar as dependências, tanto da Praia Vermelha, como da Urca em especial modo e do Pão de Açucar, para oferecer aos passageiros o confôrto, a limpeza e a ordem que deveriam existir no que é conhecido como cartão-de-visita da Cidade Maravilhosa.

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de Peroba.

MALZBIER da BRAHMA

completa qualquer refeição!



Complete sua refeição com um novo valor... com o valor nutritivo de Malzbier da Brahma! Feita à base do malte mais rico, Malzbier da Brahma melhora o seu almoço... reforça o seu lanche... equilibra o seu jantar. Levemente adocicada e de sabor delicioso aumenta ainda mais o prazer de qualquer refeição. Devido o seu baixo teôr alcoólico, Malzbier da Brahma é a cerveja do lar... é a cerveja que a todos agrada!

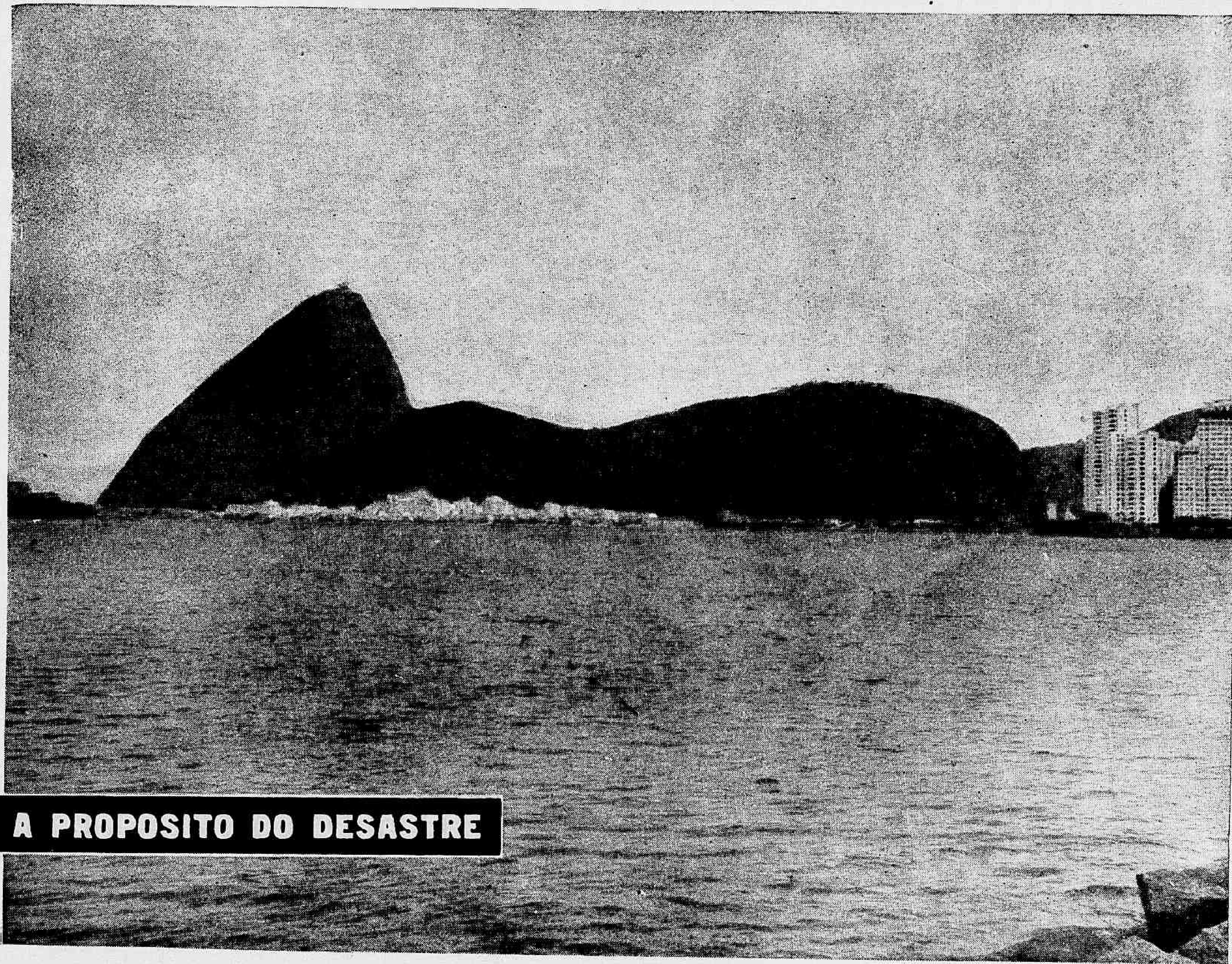
EM GARRAFAS OU ½ GARRAFAS

OUÇA as transmissões esportivas da Rádio Nacional, aos domingos, à tarde e, aos sábados, pela R. Cruzeiro do Sul.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

Record 3229

A PROPOSITO DO DESASTRE



CONJUNTO PÃO DE AÇUCAR-URCA. — E' a vista que, tirada dos mais diferentes ângulos, de várias altitudes, com ou sem primeiro plano, percorrendo mundo, fazendo propaganda de nossas belezas naturais. São visíveis a estação do Caminho Aéreo em cima do Pão de Açúcar e as duas da Urca, uma em cada extremidade do platô que existe no morro de 264 metros

HISTÓRICO DO SERVIÇO AÉREO DO PÃO DE AÇUCAR

BELEZA PAISAGÍSTICA, SÍMBOLO DO TURISMO EM NOSSO PAÍS ★ A IDÉIA DE AUGUSTO RAMOS E SUA EXECUÇÃO ★ TRABALHO PENOSO ★ MATERIAL ALEMÃO ★ INAUGURAÇÃO ★ A PALAVRA DE A. BATISTA

Texto e fotos de SABINO CANALINI

NO mundo inteiro, assim que se fala em Rio de Janeiro, as pessoas que já tiveram oportunidade de saber ou ver alguma coisa sôbre a nossa Cidade, têm imediatamente diante dos olhos uma inconfundível e característica paisagem. E' a famosa reprodução do Pão de Açúcar, da Urca e do bondinho aéreo. Pouco importa que os de menor conhecimento geográfico façam confusão entre a Guanabara e o estuário do Plata, colocando o Rio



AMILAR BATISTA, de 76 anos, assitiu à inauguração do Caminho Aéreo, de que nos mastra a placa comemorativa, em 1912 e 1913.



HERMA DO ENGENHEIRO Augusto Ferreira Ramos, projetista e executor da obra que até hoje maravilha nacionais e estrangeiros

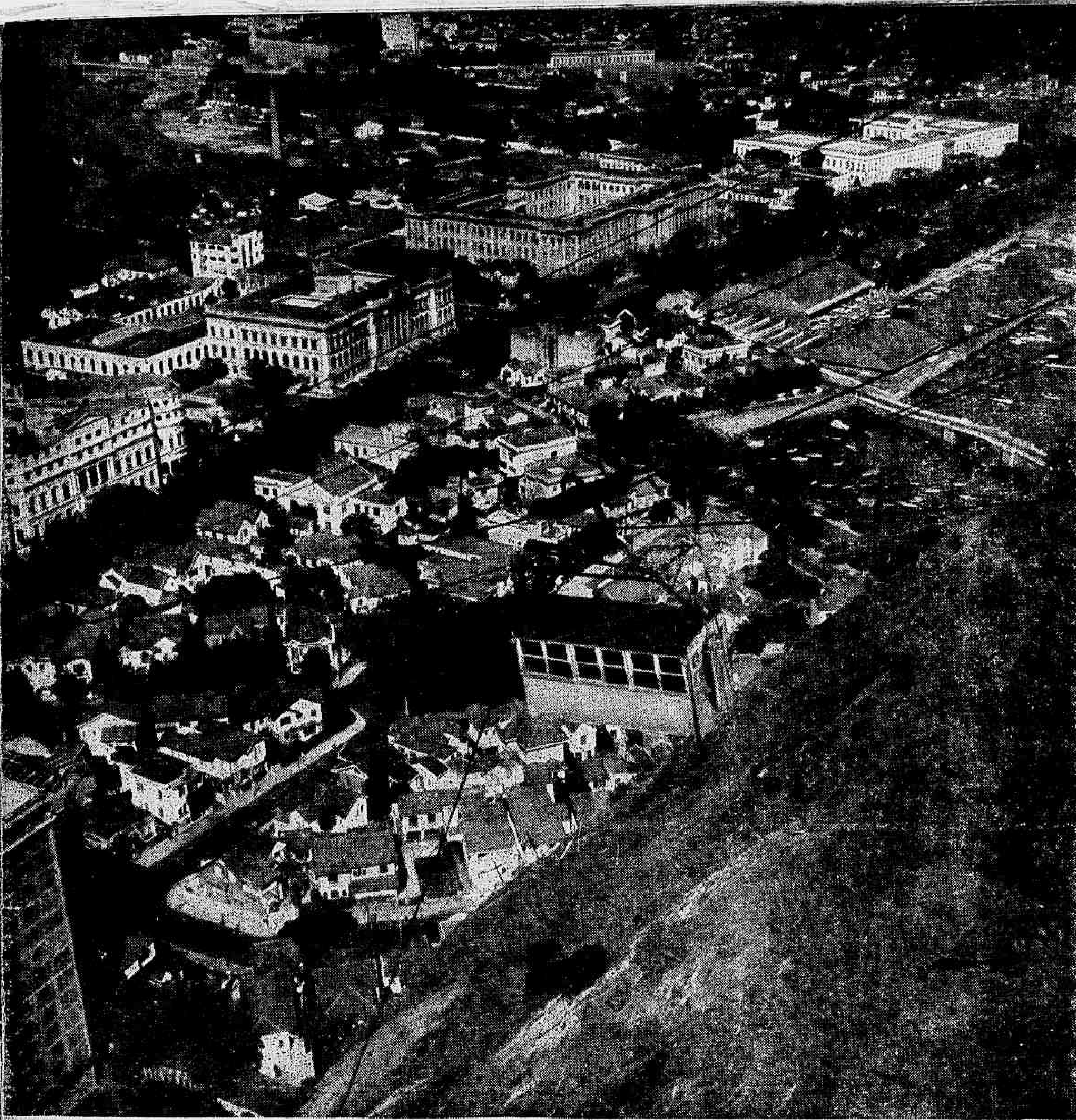


AUGUSTO GONÇALVES, o modesto graxeiro alvo de várias homenagens; quando nos contava a sua história, com a filinha Yara

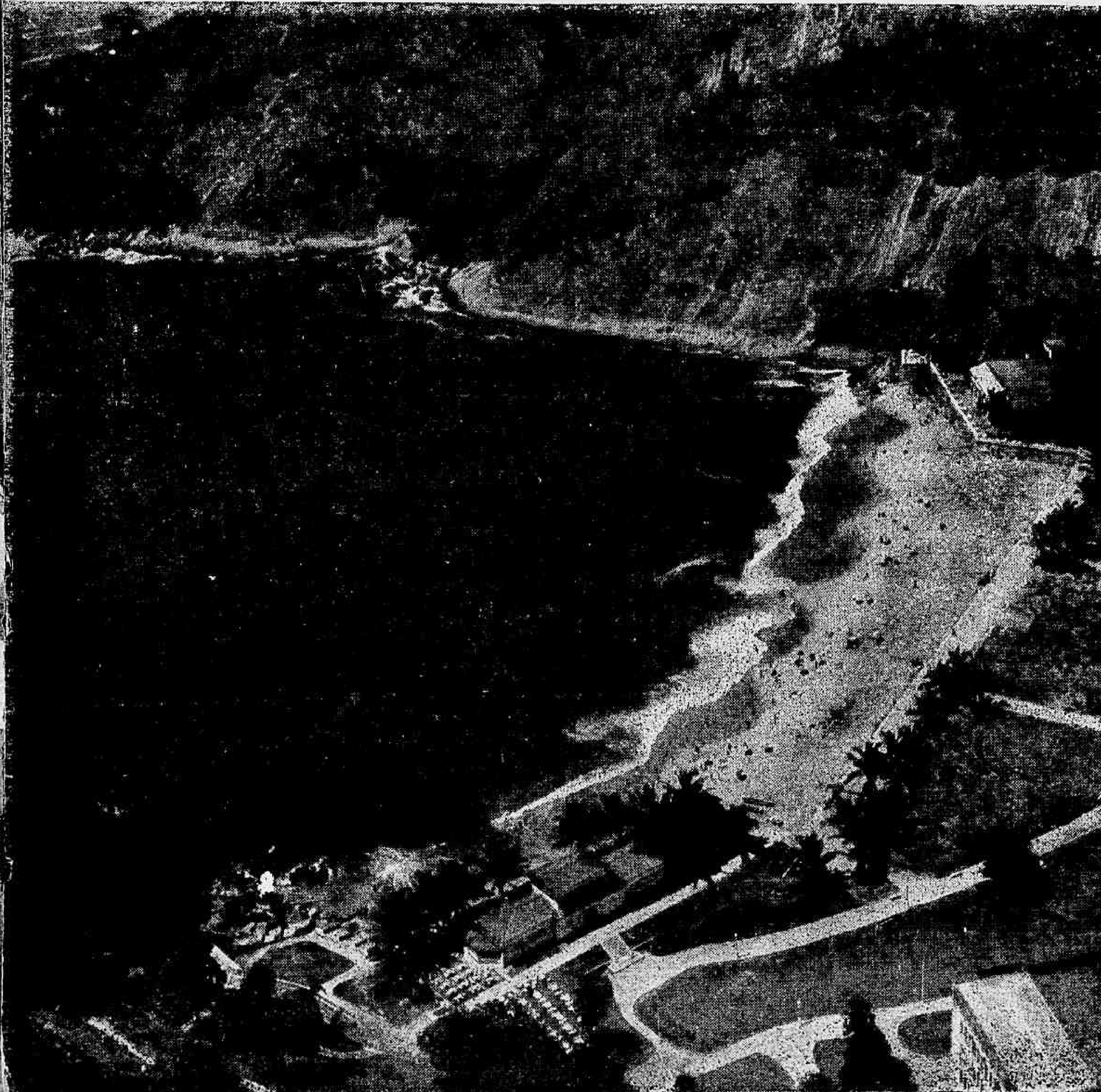


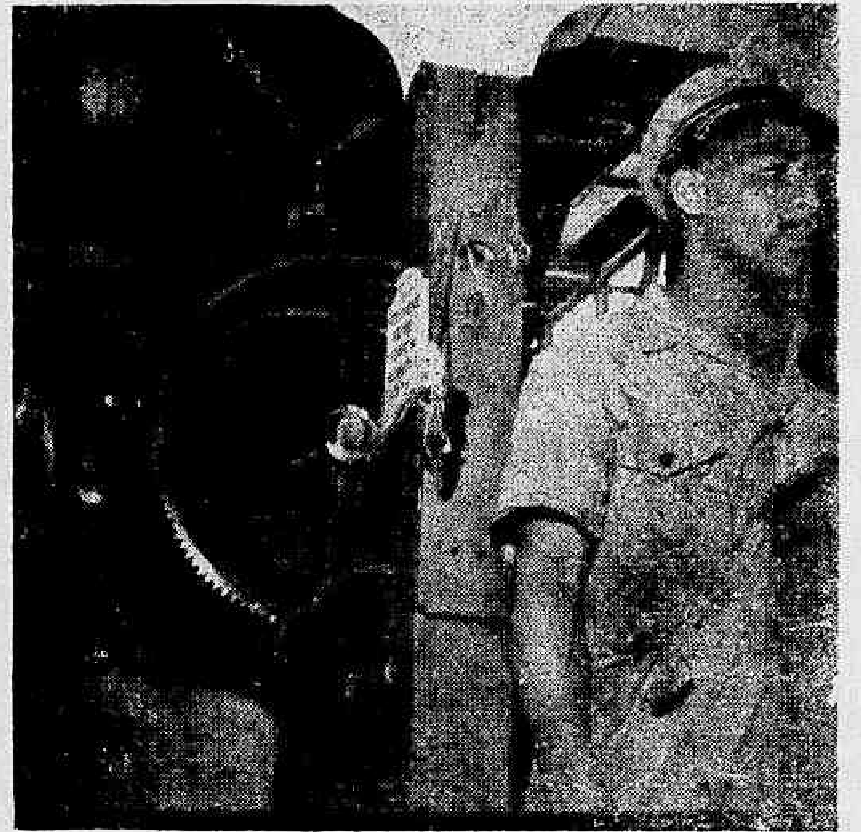
FOTO TIRADA do bagageiro, vendo-se o bondinho no mesmo lugar ainda em que se deu o acidente, assim como o cabo partido e arriado em cima do veículo. No detalhe a placa da fábrica de todo o maquinismo.

A PROPÓSITO DO DESASTRE



NOTE-SE A ALTURA do bondinho, cêrca de oitenta metros o bastante para assustar qualquer um. Os passageiros ficaram presos durante dez horas nesse lugar. Em baixo: vista de tôda a Praia Vermelha, reconstituída, uma das menores e mais belas do Rio de Janeiro

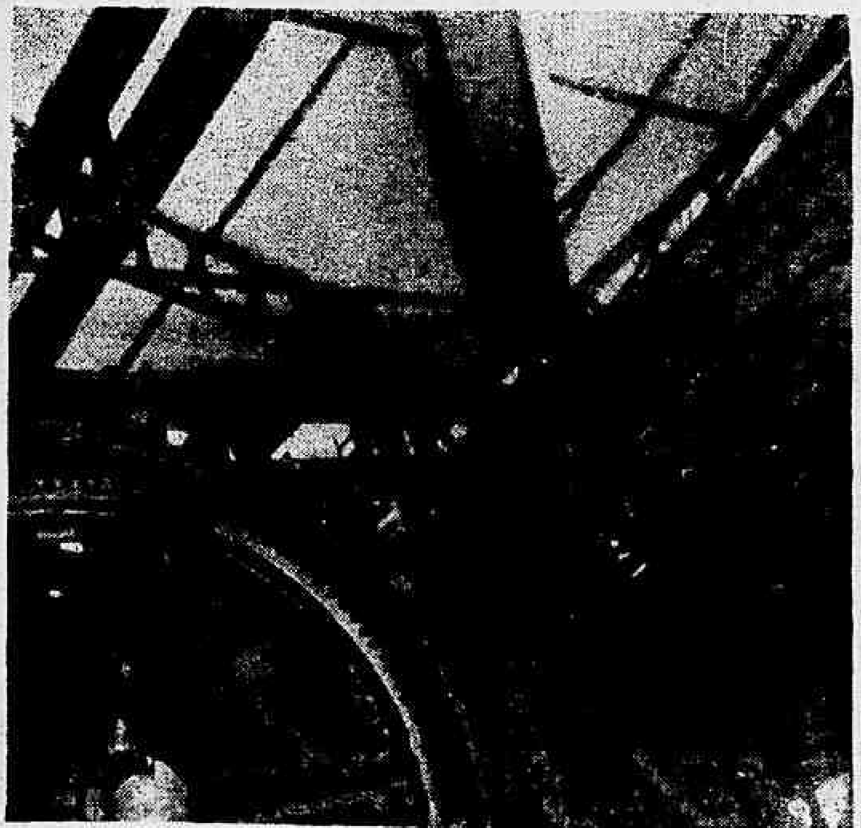




ALGUNS FLAGRANTES DOS MAQUINISMOS, vendo-se o responsável pelo trânsito, em seu pôsto, na cabine da Urca; Batista em pé sôbre uma caçamba de contrapeso e, em baixo, o lugar do engate dos dois cabos-trilhos, na



estação da Urca. Estão assinalados, à esquerda, o de emergência, que sustenta agora o bondinho, e à direita o cabo cujo rabicho cedeu, provocando o acidente.





VISTA aérea da estação da Praia Vermelha. Muita gente pensa que as principais máquinas do conjunto aí estão. Enganam-se. Estão nas duas estações da Urca, formando a central.



A PRANCHA improvisada pelos bombeiros e pessoal da companhia, quando ia ser retirada do lugar em que ficou desde 20 de fev. Vê-se assinalado na metade do caminho o bondinho

na Argentina e Buenos Aires no Brasil. Nenhum, porém, separa o Rio de Janeiro de seu cartão-de-visita: o conjunto Urca — Pão de Açúcar e o caminho aéreo. E' o produto da mesma associação de idéias que origina pensamentos como êstes: Paris-Tôrre Eiffel; Londres-Big-Ben; Nova York-Estátua da Liberdade; Romeu-Coliseu; e assim por diante. Assim como nessas grandes capitais estrangeiras, também com respeito ao Rio, determinada paisagem é logo lembrada por ser um passeio quase obrigatório a todos os turistas. Essa atração para nós é recente; pois surgiu após a primeira década do presente século. Antes, o Pão de Açúcar era muito conhecido, pela sua forma peculiar, mas estava "verde" demais para cariocas e forasteiros. Era admirado de longe. Alguém empreendeu sua conquista e aproveitamento, e hoje é mais um ponto para a contemplação do deslumbrante cenário guanabarino, mais um agradável passeio no programa de quem gosta de admirar a natureza e o esfôrço do homem em subjugá-la. Lugar ideal para recolhimento, meditação contemplativa e arroubos amorosos. Iniciativa vitoriosa, propagandista número um das possibilidades turísticas de nossa capital. Pelo fato de ter ocupado lugar de destaque nos noticiários do fim do mês passado, e de ter merecido as atenções das agências estrangeiras, em conseqüência do acidente amplamente focalizado em nosso número anterior, vamos agora lembrar de que maneira surgiu o Caminho Aéreo do Pão de Açúcar e o trabalho abnegado de seus construtores e conservadores.

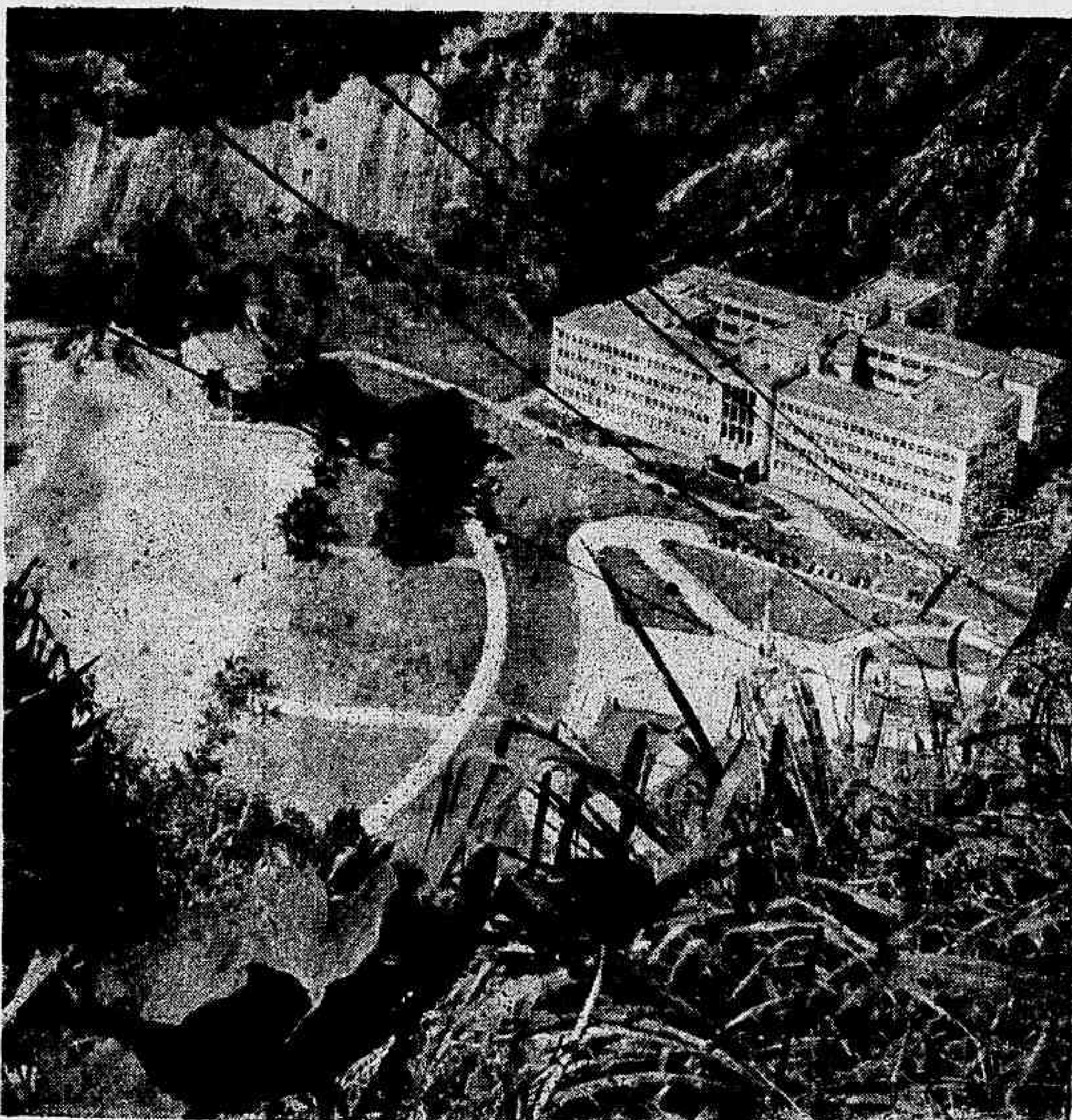
AUGUSTO RAMOS, A IDÉIA E A REALIDADE

Os nomes Pão de Açúcar e Urca são seculares. Vêm do tempo colonial, quando os rochedos da entrada da baia eram bem conhecidos de todos os navios, corsários ou não, que aportavam em suas águas. A denominação Urca vem justamente da época em que o Brasil sentiu a ocupação

(Cont. na pág. 49)



ABASTECIMENTO de água pelo bagageiro, por onde se faz tôda comunicação com a Urca, desde o acidente. A água potável sobe em barris de ferro e é posta em caixa subterrânea.



BRECHA pela qual se efetua a abordagem do bagageiro ao morro da Urca. Foi subindo nesse lugar que os passageiros da viagem, quase trágica, iniciaram a etapa da sua odisséia.

A MOÇA TÍMIDA



























NO PRÓXIMO NÚMERO INÍCIO DE: AS IRMÃS ATRAPALHAVAM

Tudo isto aconteceu

QUE SAUDAÇÃO



DIZ a história que, diante dos Césares romanos, os gladiadores desfilavam em suas vestes de batalha e exclamavam: "Salve César! Os que vão morrer te saúdam!". E muitos morriam mesmo, cheios de glória e tripas de fora. Outras saudações que trouxeram os maiores tormentos à humanidade foram as de Hitler e as de Mussolini. O famoso "Heil Hitler" (Salve, Hitler) e os braços estendidos à moda da Roma antiga dos fascistas, criaram as desavenças internacionais que todos conhecemos. E, de degrau em degrau, o mundo se atracou na mais tremenda de tôdas as guerras. Essas as saudações de choque, causadoras de tanta morte e tanta destruição. Mas, inesperadamente, vimos agora em que deu uma saudação amiga, simpática e cordial de um aviador paraguaio a pessoas de sua amizade. Num aeroporto daquele país, na cidade de Encarnación, sucedeu esta coisa estarrecedora pelo ineditismo e extensão catastrófica. Um oficial do exército paraguaio, o tenente Gonzalez, tendo de viajar até Assunção, e, dali, voar até ao Rio, foi homenageado por muitos amigos e parentes que o foram levar ao campo de aviação e ali dar-lhe suas despedidas, desejando-lhes "buena suerte". Pouco depois de decolar da pista de Ytacua, fêz o aviador uma volta e aprumou o aparelho de maneira a passar bem próximo aos seus amigos e parentes, como saudação e despedida. Mas sucedeu que, calculando mal a altura das cabeças de seus parentes e amigos, a hélice do avião decapitou quatro!

MULHERES PÉ DE ANJO



JÁ houve no Brasil uma canção, marcha, ou coisa que o valha, que decantava o "pé de anjo", como sendo um pesão do tamanho do bonde de Cascadura. Pois agora mesmo o assunto é desenvolvido na Inglaterra pela Sra. Phyllis Crone, do condado de Yorkshire. Essa senhora é dona de um "pé de anjo" de 44 e ½ na bitola brasileira. Uma de suas maiores torturas era a de encontrar em Londres ou noutras cidades de sua terra, calçados que se ajustassem aos "pèzinhos". Quase sempre tinha que comprar um número menor, o que resultava em andar mancando como quem está cheio de calos de estimação. Um dia ela teve esta genial idéia: fundaria a "Associação das Mulheres de Pés Grandes" Para quê? Para intervir junto de fabricantes e comerciantes de sapatos e orientá-los na distribuição de sapatos para senhoras de 44 para cima, bico largo ou fino, não tinha importância. E fundou. Atualmente, a "Associação das Mulheres de Pés Grandes" funciona na Inglaterra e conta com o vultoso exército de seiscentas associadas. E está aumentando cada vez mais. A notícia não diz quem é a presidente das "pés de anjo" britânicas; mas, lògicamente, deve ser uma delas, que bateu o recorde de extensão pedicula: 46! Desde que a Associação começou a agir, as mulheres inglêsas não mais tiveram dificuldades em comprar sapatos na conformidade de seus pedaços de pé. Agora, elas lutam para que, mesmo gigantescos, os sapatos de 40 a 46 sejam elegantes...

O SONHO DAS AMÉRICAS

CONTINUA a servir de sonhos, esta parte do mundo, para aquêles que já não encontram mais em suas terras de berço o futuro de que precisam para viver e sustentar a família. Por êsse motivo, quinze europeus acabam de atravessar o Atlântico em frágil barco, um iate de esporte, e chegam a Natal. São os emigrantes naturais da Alemanha, Suíça, Holanda e Áustria, havendo famílias com suas respectivas crianças. A travessia foi iniciada a 13 de setembro, data, pelo que se vê, sem nenhuma influência supersticiosa na alma dos navegantes... Vinham todos dispostos a lutar pela vida aqui na América do Sul, uns com destino ao Brasil, e outros, à Colômbia. Entretanto, ao aproximar-se das costas do Rio Grande do Norte o barco foi de encontro aos recifes, à altura do município de Touros, sofrendo graves avarias. Dado o alarma, a Capitania dos Portos providenciou o transporte de todos os ocupantes do "Senang" para Hotel Bela-Vista, na capital do Estado, até que a situação dos retirantes europeus se esclareça definitivamente, para que o govêrno brasileiro possa dar-lhes o necessário destino, ou... os repatriar. Todos êles são pessoas classificadas e de excelente aspecto: comandantes, modistas, jornalistas, escritores, agricultores, engenheiros. Traziam mostruários de muita coisa das indústrias européias com o intuito de vender no Brasil; mas, o acidente marítimo os privou dêsse trabalho e êles agora querem que as autoridades brasileiras os amparem e regulem sua permanência entre nós.





ENQUANTO ESTA JOVEM DORME, pequeno microfone está ligado ao seu travesseiro e conjugado a um aparelho fonográfico. Dêsse fonógrafo vêm, repetidamente, dezenas de vêzes, uma lista de nomes, uma série de advertências, uma lição de língua, de matemática, etc. Ao despertar, como ficou demonstrado, a jovem repete o que ouvira em seu estado de sôno, dispendendo menos tempo do que o normalmente pedido para um caso dêsses. Isto sucede porque, também durante um sôno profundo o cérebro permanece parcialmente desperto e, por isso mesmo em condições de receber e gravar o que lhe irradia o microfone ao pé do ouvido da moça que dorme. O fonógrafo especialmente feito para essa experiência foi inventado por Max Sherover e custa cêrca de 60 mil liras em Nova York. O nome dêsse aparelho curiosíssimo é «eletroencefalógrafo» e também serve para provar se uma pessoa está mesmo dormindo profundamente, apenas cochilando ou simulando sôno. O fato se registra por meio de traços mecânicos, em traços interpretativos.



ESTA É FÚLVIA SÉRGIO, considerada a Magnani número dois. O cidadão que está a seu lado é o artista francês Serge Reggiani e que acaba de chegar à Itália para tomar parte no filme «Camicie Rosse», dirigido por Alessandrini e que terá como intérprete principal na parte feminina, a aplaudida atriz italiana Anna Magnani, no papel de Anita, enquanto Vallone, fará o famoso Garibaldi. Reggiane contra-cenará com Vallone, no drama do herói de dois mundos.



VICKY HENDERSON cognominada a «Vênus negra número dois» pelos críticos italianos, está saboreando uma gostosa banana, não sabemos se brasileira. Sua exibição num dos mais luxuosos teatros romanos ofuscou as glórias de Josephine Baker. Ainda não havia saido de seu país. E aconteceu o inesperado: em Basiléia, um mês depois de sua chegada à Europa, viu e gostou de Zurigo Joseph Lauriol, com quem se casou e agora está em lua de mel.

P A P A G A I O !

GERALDO Xavier da Cunha é um camponês despachado, ativo, probo. Tôdas estas qualidades foram reconhecidas pelo Sr. Simões Najara, fazendeiro no município de Carangola, distrito de Papagaio. Sucedeu que o Geraldo se enamorou da filha do citado fazendeiro e com ela contraíu justas núpcias, como lá diz o Código Civil, resultando daí uma linda menina. Era de felicidade a vida do casal. Geraldo foi melhorando de vida, aumentando o nível de sua comodidade de acôrdo com a civilização. Cultivou o café e desenvolveu as criações. Ia de vento em pôpa, o felizardo. Mas há sempre um espírito de porco para atrapalhar a vida de uma pessoa decente, honesta e trabalhadora como era o Geraldo. Foram contar ao sogro que êle havia cometido horrível crime, atirando contra um cavalo e uma criança.

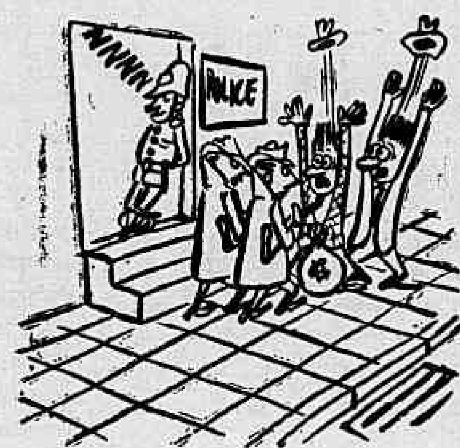


Nada mais estúpido. Entretanto, como estava com o delegado contra êle, foi forçado a comparecer à sede do Município e entender-se com a autoridade policial. A história que contaram foi tão bem urdida, que o próprio sogro ficou contra o Geraldo. Vejam só! A autoridade de Carangola o intimou a deixar o Município imediatamente, para evitar mal maior. O sogro não ficou atrás e chegou a ameaçá-lo de morte, como vemos numa notícia publicada pelo vespertino "A Noite", de 22 de janeiro último. Que fazer? Geraldo veio ao Rio pedir providências e daqui lançar um apêlo ao Govêrno mineiro no sentido de fazer cessar a violência, pois precisa voltar e cuidar da roça e da família!

★

E M P A R I S T A M B É M

CHICAGO, a opulenta rival de Nova York, tornou-se célebre em todo o mundo pela organização de suas "gangs" de delinqüentes audazes. Os maiores roubos do mundo são os de Chicago. Onde estão os mais famosos bandidos do planeta? Em Chicago. O cinema norte-americano se encarregou de tornar aquela cidade no Quartel General do banditismo mundial. Por sua vez as revistas de quadrinhos e de assuntos policiais também vivem a explorar Chicago, a universidade do crime e dos mais terríveis facínoras. E acham que isso é sinal de civilização. Cidade grande que não dispõe de hordas de salteadores, de organização de contrabandistas, de "gangster" com metralhadoras de mão e sedes subterrâneas, não é ainda civilizada... E quando a gente fala em Paris, todo mundo acha que a capital



da França já perdeu a coroa de glórias como centro civilizado e civilizador do mundo, simplesmente porque não é "habitat" de bons e bem organizados bandidos. Pois coloquem a Cidade Luz entre as civilizadas do tipo Chicago. A 16 de janeiro dêste ano de 1951, Paris ingressou na seara do mundo civilizado. E tudo sucedeu assim: dois caixas de um banco, quando conduziam em valises uns dez milhões de francos, na rua de Anjou, bairro "de la Madeleine", ao meio-dia, foram assaltados por dois gatunos armados de metralhadoras. Apoderando-se do dinheiro, fugiram num auto que os esperava a um canto da rua. E tudo isso ao lado de um pôsto policial! Que progresso, Paris!

★

BÁRBARA SULLIVAN

ESSA jovem norte-americana tinha quinze anos quando casou com o jovem Lawrence Sullivan, de dezessete janeiros. Como vemos, duas crianças. Êle, ainda solteiro, entrou para o exército e foi treinar em Fort Knox. Dias depois conheceu Barbara. Ambos se amaram intensa e vertiginosamente. Tomendo uma licença de dez dias, casaram-se. Mas tudo piorou para êle, pois o pobre Lawrence foi incorporado entre milhares de outros jovens e mandado para a Coréia! Não se pode descrever o que foi a separação dos recém-casados. Mas... era dever obedecer aos reclamos da pátria. Logo que chegou ao teatro da luta, o rapaz não perdia oportunidade de escrever à jovem espôsa. Suas cartas contavam a dureza da guerra, mas tinha fé em Deus que voltaria para sua Barbara. Infelizmente, porém,



Lawrence morreu em ação. Mrs. Sullivan recebeu a notícia com estoicismo, mas não se cansa de chorar a perda do seu jovem marido. Registram os jornais que é ela, agora, a mais jovem viúva de guerra dos Estados Unidos, pois tem apenas quinze anos de idade. E vai ser mãe...

★

SENSACIONAL CONFLITO

ESTAMOS vivendo curiosos momentos político-administrativos, nestes dias que precederam a sucessão de governos e administradores públicos. No Distrito Federal, por exemplo, está declarado o mais vultoso e sensacional conflito entre a Câmara de Vereadores e o Executivo Municipal em face das nomeações feitas pela Mesa da Câmara. O vereador Pais Leme requereu mandado de segurança contra os atos de seus pares, sendo o pedido concedido pelo juiz da Segunda Vara da Fazenda Pública, dr. Irineu Joffily contra as resoluções 39 e 40. Resultado: os beneficiários de tantas nomeações, embora empossados, ainda não viram a côr do dinheiro da Municipalidade... Por outro lado, os vereadores estão firmes no seu ponto de vista de que a Mesa



da Câmara Municipal é autônoma e pode fazer as nomeações que bem entender e quiser, mesmo contra a opinião do Prefeito. Por sua vez o general Mendes de Morais ficou muito satisfeito com a atitude do sr. Pais Leme, e acha que o erário não suportará a enorme carga de compromissos, caso vigorem as nomeações. Quem vencerá a parada? Será revogada pelos altos poderes judiciários do país a sentença do juiz Joffily?

ESTÚPIDO PROTESTO

NARRAM telegramas de Angola, cidade de Luisiana, Estados Unidos, para a nossa imprensa, que trinta e um sentenciados da prisão de Estado, revoltando-se contra o mau trato, a má alimentação e os rigores da disciplina que lhes foi imposta pelo novo diretor, Mr. Easterly, reuniram-se numa das horas de recreio e concertaram um plano de vingança. Que vingança seria essa? A mais estúpida de quantas há memória neste mundo, caro leitor: secionaram o tendão de Aquiles de um dos pés! Como todos sabemos, cortada essa parte do corpo, o pé respectivo fica sem nenhum movimento. O indivíduo não poderá mais andar. Nasceu daí aquela história mitológica do "calcanhar de Aquiles", o único ponto vulnerável no famoso guerreiro. Seu corpo era "fechado" a flechas e pedradas dos inimigos, menos o calcanhar, justamente o tedão que liga o pé à perna e nos permite fazer tôda sorte de piruetas, desde a subida às árvores quando somos garotos levados, até aos estilizados nas piscinas de Miami.



Pois os presos de Angola decidiram vingar-se da disciplina de ferro de Mr. Easterly, cortando os tendões e ficando paralíticos. Mas de um pé só. No dia em que puseram em prática êsse original e absurdo protesto, começaram a desfilar pelo pátio da prisão a cantar e a dar gritos.

Correram os guardas para ver que diabo era aquilo. E se encontraram diante de um espetáculo indescritível: os trinta e um homens, metidos em seus uniformes de zebra, sangravam abundantemente de um dos pés, que iam arrastando como coisa morta, sem vida. Dado o alarma, vieram os enfermeiros e os levaram ao respectivo hospital para o tratamento de urgência.

Como não podia deixar de ser, houve o indefectível inquérito e êles declararam, que, se as coisas não melhorassem, cortariam, quando tivessem alta, o tendão do outro pé...



A MORTA APARECEU

ESTA não é, nem dos Estados Unidos, nem de Minas. Aconteceu na Paraíba, segundo uma correspondência vinda de lá para um dos nossos vespertinos. José Camilo Virgínio, comerciante e marítimo, trajando o mais rigoroso luto, compareceu ao cartório Pedro Ulisses para promover legalmente a justificação de óbito de sua inesquecível cara-metade, a Doninha, que se chamava por extenso, Ester Batista Virgínio. Acompanhado de testemunhas, e notário não opôs nenhum obstáculo e procedeu judicialmente à prova fazendo o registro de óbito. A morta fôra sepultada no dia tal, às tantas horas, no cemitério de Cabedelo. Nada mais natural do que registrar o ocorrido e fornecer as certidões de que precisava o viúvo choroso, a lamentar a perda de sua excelente espôsa. Mas, ao que parece, tanta pressa para provar a viuvez era determinada pelo desejo de unir-se o desventurado José Camilo a uma outra bela paraibana. E assim foi. O viúvo se uniu pelos sagrados laços do matrimônio à segunda espôsa, e foi, todo lampeiro, morar na rua da Gameleira, na cidade de João Pessoa. Corria o tempo na mais deliciosa lua-de-mel, quando, inesperadamente, surge a morta. Não estava de mortalha, pálida, e de voz fanhosa. Trajava belo vestido azul-celeste como quem procede do firmamento anil. Apresenta-se ao chefe de Polícia e lhe entrega uma carta. A missiva não era do Padre Eterno. Era mesmo dêste mundão complicado. A autoridade a encaminha ao juiz, que, por sua vez, mandou-a ao escrivão Bastos, em cujo cartório se verificou o consórcio, para que fôsse ouvida a "defunta" na forma da lei e aberto o devido inquérito. E tudo se explicou: Virgínio a tratava muito mal, e ela, que não é nenhuma "Amélia", voltou à companhia dos pais. Lá, soube que o marido havia casado com outra, pelo que decidiu "ressuscitar" e atrapalhar a esperteza do "viúvo"! E agora, êle irá para a cadeia se não provar que é viúvo...

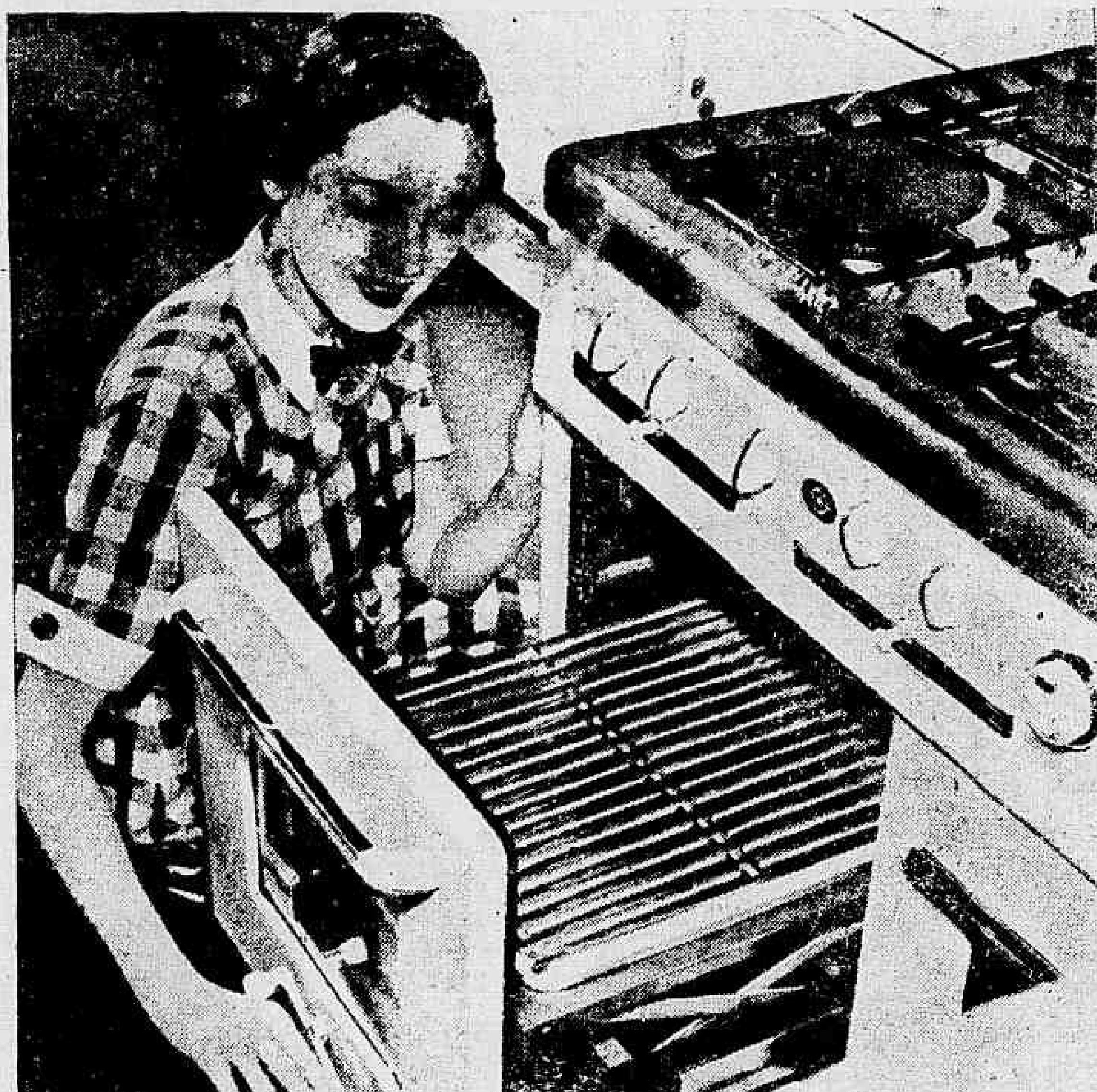




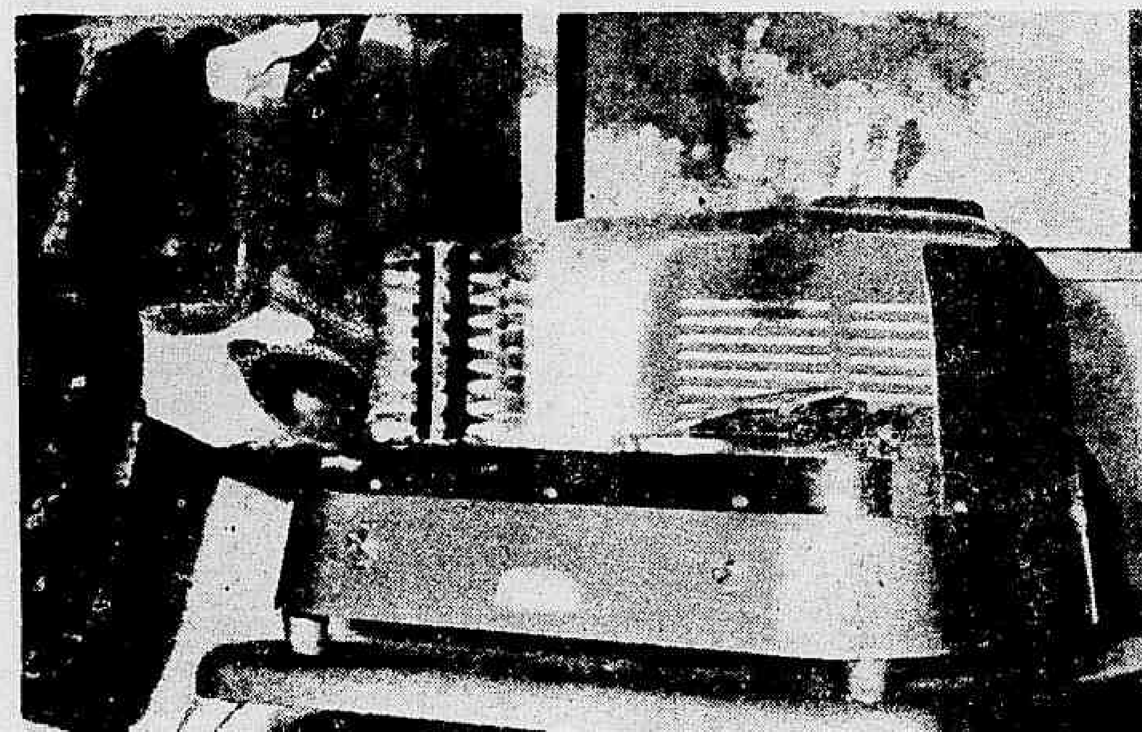
ZUM! ZUM! ZUM!

ESTÁ faltando um! Ainda não houve neste país uma pessoa que tanto desejasse "mais um", do que o Sr. Moreira Júnior, conhecido político mineiro e candidato, pela segunda vez, a uma cadeira de deputado, pelo PTB em Belo Horizonte. Dá-se com êsse homem público uma particularidade que, se não é fruto de "mandingas" e "candomblés", a coisa é para fazer arder a paciência a um outro Jó. Pois não é que o Sr. Moreira Júnior, nas eleições de 1947 obteve o 11.º lugar na classificação do seu partido que conseguiu eleger dez deputados? E o que é mais curioso: êsse décimo primeiro lugar lhe coube porque, na contagem de votos, o seu competidor recebeu 4.667 votos e êle, o Moreira Júnior, 4.666! Se já houvesse, àquêle tempo, a marchinha do "Zum! Zum! Zum! Está faltando um!", êle seria o eleito. dentro dos dispositivos da lei. Mas só lhe coube mesmo a suplência do seu partido, e isso já fôra um consôlo para o político de Além-Paraíba, mostrando que tem êle, indiscutivelmente, muito prestígio e em eleições futuras venceria qualquer competidor. O que lhe restava agora era redobrar de entusiasmo e arregimentar os seus eleitores para as novas pugnas à bôca da urna. Pensando assim, o nosso suplente de deputado deixou correr o tempo. Nada como um dia depois do outro. Era político, e político não estrila. Espera, aguarda pacientemente pelas voltas que o mundo dá e não perde a linha, mantendo sempre a atenção ao peixe que deve estar banzando à extremidade com anzol e tudo. E assim sucedeu. Nas últimas eleições de 1945, ei-lo novamente na chapa do PTB a disputar sua cadeira de deputado estadual. Mas, sabe o leitor com que capricho trata a sorte êsse político? Nas eleições de 3 de outubro o Sr. Moreira Júnior entrou de rijo na luta, desenvolvendo a mais intensa atividade, falando ao eleitorado, dizendo o que iria fazer se eleito. Vieram as apurações e... perdeu por um votinho! Está faltando um! — Bradou êle, e pediu recontagem!





NADA MAIS AGRADÁVEL para uma dona de casa do que a comodidade na cozinha. Por êsse motivo os técnicos em confôrto do lar não descansaram em suas pesquisas e descobertas maravilhosas. O país em que mais se aprimora essa tentativa permanente e quase sempre vitoriosa para dar-se às donas de casa uma aparelhagem eficiente em seus trabalhos de cozinhar, é a América do Norte. Por que? Porque é nesse país onde mais se agrava a dificuldade de encontrar-se a empregada, a copeira, a cozi-



nheira, a serviçal, enfim. Ora, havendo a mais grave crise de empregadas para serviços caseiros com especialidade a cozinha, as donas de casa ficavam alarmadas com o problema ininterrupto de cozinhar... Entram aí os cientistas, os diretores de fábricas, os inventores de utilidades. Desta forma, uma cozinha naquele país e noutros nas mesmas circunstâncias passa a ser verdadeiro laboratório. Aqui vemos aparelhagens domésticas destinadas a limpar talheres, afiar facas, assar carne e uma automática de pão, salme, queijo...





O casal Sérgio Cardoso - Em São Paulo

FOI em janeiro de 1949 — fêz precisamente dois anos no dia de Reis — que se deu a estréia de Sérgio Cardoso no teatro. E deu-se em estilo invejável, fazendo logo de entrada Shakespeare, numa dessas admiráveis loucuras do Teatro do Estudante, por empreendimento de Pascoal Carlos Magno. Nada menos que em "Hamlet", apresentava-se ao público, pela primeira vez, aquêle jovem pouco mais que adolescente. Dias antes, em vésperas de Natal, Sérgio Cardoso havia colado grau de bacharel em Direito, depois de obter as melhores notas num curso de causar inveja a muitos universitários das nossas relações... Surgiu daí o dilema: Formado em Direito, consagrado no palco — por qual das duas carreiras deveria optar o joven patrício? Houve quem o aconselhasse a advocacia, e seus pais, muito naturalmente, estavam entre êsses. Mas, ìntimamente, Sérgio Cardoso repetia a frase que tantas vêzes dissera em cena aberta: "To be or not to be"... Mas acabou ficando no teatro. E admiràvelmente bem sucedido. Pouco depois era contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia, onde se encontra, e onde vem de marcar outro ponto alto de sua carreira, fazendo o Pai, protagonista de "Seis personagens à procura de um autor", de Pirandelo. Ao mesmo tempo, em São Paulo, Sérgio Cardoso se enamorava de Nídia Lícia, também jovem artista, de altos predicados para o teatro. E o romance culminava em matrimônio, não tardava muito. Aqui os vemos no seu apartamento a poucos passos do teatro em que trabalham juntos, preparando um "lunch" antes do espetáculo. Pelos modos, Sérgio Cardoso prefere saborear os quitutes a ajudar dona Nídia... Outros flagrantes e uma série de curiosas revelações sôbre o casal Sérgio Cardoso, serão publicados em nosso próximo número.

CORREIO DA REVISTA

R. L. (Rio) — Refunda o seu conto "A volta do sinhô moço", tire-lhe o gongorismo inicial e o tom de dramalhão, e mande. Aquela comparação das lágrimas do prêto Benedito está muito boa e deve ser conservada. Continue. Escrever conto é uma arte. Procure aperfeiçoá-la, mas não descambe para a vulgaridade.

J. E. F. (Laguna — Sta. Catarina) — Lamentamos a falta de espaço para a matéria referida em sua carta.

J. de O. N. (Rio) — Só publicamos crônicas de nossos colaboradores efetivos ou quando solicitados. Em relação aos contos aprovados, vamos verificar o que se passa.

Lachaud (Rio) — Não foi aprovado o seu "Saint-Pierre" por versar assunto estranho ao Brasil, fugindo, assim, às condições por que aceitamos os contos.

Elias Miguel Raide (S. Paulo) — Foi aprovado o seu "Máscaras".

Lamia S. Bahiense (Rio) — Ainda não foi julgado o "Maria Maluca".

P. Burleigh (Rio) — No momento estamos com os nossos quadros completos.

W. J. de S. (Rio) — "A mulher ou o céu" não passou. Quanto ao "Pacto Maldito", ainda não foi julgado.

C. G. (Rio) — O tema pode ser regional, mas evite o excesso de matutismo, dêsse linguajar roceiro. Isso aborrece o leitor, uma vez que, nem todos, sabem ler o palavreado corrupto.

M. J. D. (Salvador — Bahia) — Não foi aprovado o seu conto. A senhorita se perde em divagações, tornando a narrativa sonolenta. Também não se deixe levar pelo lirismo balofo. Procure dar às paisagens um tom descritivo mais original, sem repetir o que todo mundo já disse e... continua a dizer impunemente.

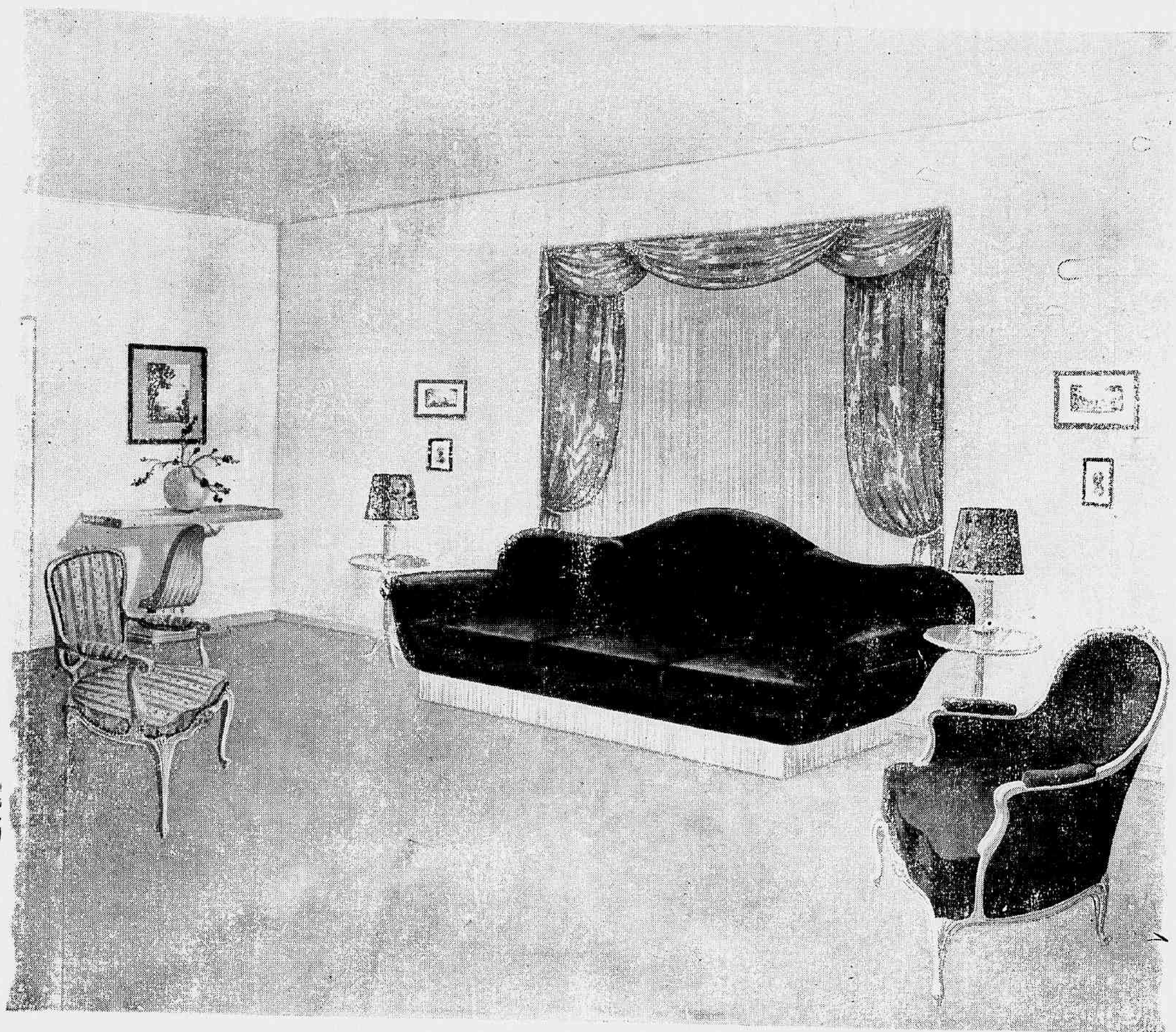
L. S. dos S. (S. Paulo) — Não aceitamos poesias. Os sonetos que nos mandou estão inspirados; mas, se a senhora estudar metrificação há de ver que há numerosos defeitos nos seus versos. Adquira, primeiramente, cultura técnica na arte de versejar e produza as suas poesias. Não confunda o simples ritmo com a métrica, que tem suas regras.

R. C. da C. (Recife) — Recebemos e vamos verificar. Aguarde a vez.

T. G. (S Paulo) — Sim senhor A acentuação gráfica tem muita influência no julgamento dos contos. Lembre-se: é da lei...

Respostas ao teste

1—Antelucano
2—Barbarolexia
3—Cunicultura
4—Ergástulo
5—Uma planta
6—Que não tem idade para casar
7—Aldeia de selvagens
8—Negligente
9—Ômega (acentuação na primeira sílaba)
10—Pentagrama
11—Psitacose
12—Muito velho
13—Mentecapto
14—Jucundo
15—Prato culinário
16—Fitófago
17—Esputar
18—Elevador
19—Campenomia
20—Gago.



MÓVEIS E DECORAÇÕES

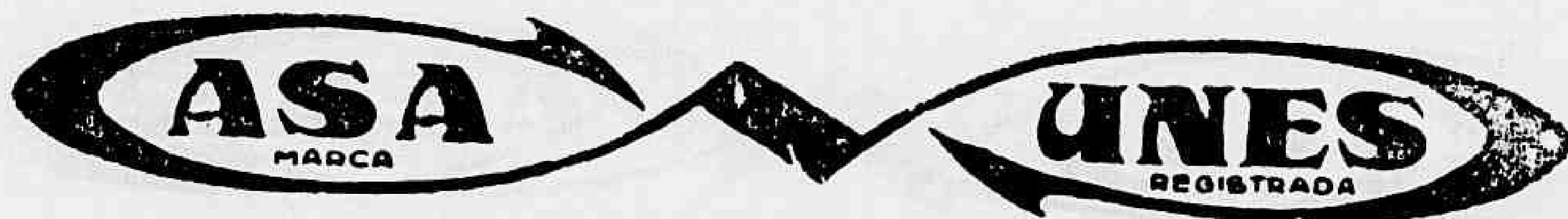
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

Grupos estofados

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapêtes e Passadeiras

DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua harmoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ

H-88.065